

DIVANE DIAS DOS SANTOS NASCIMENTO

CONCENTRAÇÃO DO CRÉDITO EM FINANCIAMENTO DE VEÍCULOS: UM
ESTUDO DO DESEMPENHO DOS BANCOS DAS MONTADORAS DE VEÍCULOS

CURITIBA

2013

DIVANE DIAS DOS SANTOS NASCIMENTO

CONCENTRAÇÃO DO CRÉDITO EM FINANCIAMENTO DE VEÍCULOS: UM
ESTUDO DO DESEMPENHO DOS BANCOS DAS MONTADORAS DE VEÍCULOS

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre. Programa de Mestrado em Contabilidade – Área de Concentração Contabilidade e Finanças, do Setor de Ciências Sociais Aplicada da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Wagner da Fonseca.

CURITIBA

2013

“CONCENTRAÇÃO DO CRÉDITO PARA FINANCIAMENTO DE VEÍCULOS: UM ESTUDO DE DESEMPENHO DOS BANCOS DAS MONTADORAS”

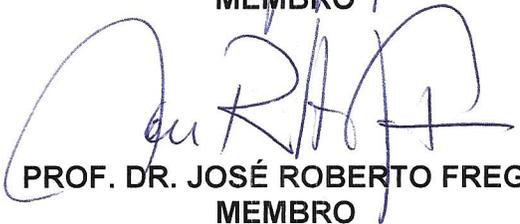
ESTA DISSERTAÇÃO FOI JULGADA ADEQUADA PARA A OBTENÇÃO DO TÍTULO DE **MESTRE EM CONTABILIDADE** (AREA DE CONCENTRAÇÃO: CONTABILIDADE E FINANÇAS), E APROVADA EM SUA FORMA FINAL PELO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CONTABILIDADE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ.


PROF. DR. ROMUALDO DOUGLAS COLAUO
COORDENADOR DO PROGRAMA DE MESTRADO EM CONTABILIDADE

APRESENTADA À COMISSÃO EXAMINADORA INTEGRADA PELOS PROFESSORES:


PROF. DR. MARCOS WAGNER DA FONSECA
PRESIDENTE


PROF. DR. JORGE EDUARDO SCARPIN
MEMBRO


PROF. DR. JOSÉ ROBERTO FREGA
MEMBRO

AGRADECIMENTOS

Ao Deus Todo Poderoso, Criador dos céus e da terra, Aquele que me criou para louvor da sua glória, e agora me abençoa com mais esta vitória.

Aos meus pais, Maria e José, pelos valores transmitidos, esforço, incentivo e dedicação que conduziram minha formação educacional, mesmo diante de dificuldades.

Ao digníssimo e amado esposo, Wesley, minha inspiração para vida sentimental, profissional e espiritual. Meu maior incentivador para continuação dos estudos e caminhada na vida acadêmica.

Ao fruto do nosso amor, Sophia, concebida ainda no início do mestrado e que a cada sorriso me dá forças para continuar.

À minha mãe, Maria, e à minha sogra, Mirian, pela disposição em viajar horas, abandonando seus lares para me ajudarem com os cuidados da Sophia, e assim permitir que conseguisse escrever esta dissertação. À Ana Maria pelos seus cuidados diários com a Sophia.

Ao Prof. Dr. Marcos Wagner da Fonseca, pela atenção dispensada durante o processo de orientação que me ajudaram a concluir esta dissertação.

Ao Prof. Dr. Frega, pela disposição e empenho no tratamento estatístico da pesquisa, assim como, pelas relevantes considerações que contribuíram para melhoria desta dissertação.

Ao Prof. Jorge Eduardo Scarpin por participar da banca de qualificação e defesa e pelas contribuições para melhoria desta dissertação.

Aos colegas de trabalho do Instituto Federal do Paraná, Câmpus Curitiba, pela compreensão e colaboração durante o período deste mestrado.

À Universidade Federal do Paraná e a todos os professores, colegas e secretários do Mestrado em Contabilidade, por compartilhar o conhecimento, e contribuir para meu crescimento profissional.

“Nem olhos viram nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que O amam.”

(I Coríntios 2:9)

RESUMO

A estabilidade econômica, alcançada na última década, proporcionou uma demanda de consumo por parte da população brasileira que, atualmente, utiliza-se das facilidades de acesso ao crédito para realização de seus sonhos, entre eles a aquisição de um veículo novo. O crescimento do mercado consumidor de veículos no Brasil impulsionou a necessidade das operações de crédito destinadas ao financiamento destes bens. Neste cenário, os bancos são os principais intermediários financeiros responsáveis por disponibilizar aos clientes uma linha de crédito para atender esta demanda. Dentre os bancos que realizam o financiamento de veículos estão os bancos das montadoras, que se tornam objeto de estudo desta dissertação devido à sua especificidade. Assim, esta pesquisa tem como objetivo identificar se a concentração de crédito em financiamento de veículos dos bancos das montadoras está associada à diferença no desempenho dos indicadores econômico-financeiros, quando comparado aos bancos diversificados. As informações foram coletadas no *site* do Banco Central do Brasil (BACEN), por meio das Demonstrações Financeiras: Balanço Patrimonial e Demonstração do Resultado do Exercício dos anos de 2007 a 2011, período com registro de maior aumento de financiamento de veículos. Os indicadores econômico-financeiros utilizados para medir o desempenho das instituições foram os indicadores desenvolvidos pela Federação Brasileira de Bancos (FEBRABAN) e utilizada a técnica estatística Test *t* de *Student*. A amostra é formada por dez instituições financeiras de montadoras de veículos cadastradas na Associação Nacional das Empresas Financeiras das Montadoras (ANEF), em outubro de 2011 e seis bancos com carteira diversificada e classificados pelo maior valor de ativo total, conforme informações disponibilizadas pelo BACEN em dezembro de 2011. Os resultados demonstraram que 81% dos indicadores analisados apresentaram diferenças significativas quando comparados os bancos das montadoras e os bancos diversificados. Constatou-se que os bancos das montadoras apresentaram desempenho maior que os bancos diversificados em 92% dos indicadores.

Palavras-chave: Bancos das montadoras. Financiamento de veículos. Indicadores econômico-financeiros.

ABSTRACT

The economic stability achieved in the last decade promoted a demand for consumption by the Brazilian population, which currently uses the facilities of credit access in order to reach their dreams of consumption, including the purchase of a new vehicle. The growth of the consumer vehicles market in Brazil boosted the needs of loans to finance vehicles, in this scenario banks are the main financial intermediaries for provide its customers credit line to meet this demand. Among the banks that perform vehicle financing there are the captive carmakers banks, which becomes the object of study in this research due to its specificity to finance vehicles exclusively from their carmakers. Thus, the objective of this study is to identify if the credit concentration of credit of captive carmakers banks causes difference in the performance of financial indicators when compared to diversified banks. The information was collected at Brazil Central Bank (BACEN) website through Financial Statements: Balance Sheet and Income Statement from 2007 to 2011, a period with largest increase in vehicle financing. The economic financial indicators used to measure institutional performance were developed by the Brazilian Federation of Banks (FEBRABAN) and used the statistical Student's t test. The sample is made up for ten captive carmakers banks registered at National Association of Financial Carmakers, (ANEF) in October 2011 and six commercial banks with the highest percentage of total assets classified by BACEN in December 2011. The results demonstrated that 81% of the indicators analyzed showed significant differences in the performance comparison between the captive carmakers banks and diversified banks. It was observed that the captive carmakers showed higher performance than diversified banks in 92% of the indicators.

Keywords: Captive Carmakers Banks, *vehicle financing*, economic financial indicators.

LISTA DE QUADROS

| | |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Quadro 1 - Instituições Financeiras agrupadas conforme peculiaridade de funções. | 22 |
| Quadro 2 - Produtos disponibilizados pelos bancos das montadoras..... | 28 |
| Quadro 3- Classificação dos Níveis de Risco das Operações de Crédito das Instituições Financeiras..... | 32 |
| Quadro 4 – Percentual utilizado para constituição da PCLD, conforme níveis de risco..... | 32 |
| Quadro 5 – Classificação da carteira de clientes em relação aos dias de atraso..... | 33 |
| Quadro 6 – Informações internas e externas das operações de crédito..... | 34 |
| Quadro 7 - Composição e Conceito dos Recursos Livres Pessoa Jurídica..... | 38 |
| Quadro 8 – Composição e Conceito dos Recursos Livres Pessoa Física..... | 40 |
| Quadro 9 – Composição e Conceito dos Recursos Direcionados..... | 41 |
| Quadro 10 – Indicadores Febraban..... | 69 |
| Quadro 11 – Bancos das Montadoras no Brasil..... | 72 |
| Quadro 12 – Dez maiores bancos classificados conforme maior valor do Ativo Total..... | 73 |
| Quadro 13 – Amostra dos Bancos diversificados classificados conforme maior valor do Ativo Total..... | 74 |
| Quadro 14 - Classificação e Composição da Carteira dos Bancos Pesquisados..... | 74 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Gráfico 1 - Participação das operações de crédito em relação ao Produto Interno Bruto (PIB)..... | 36 |
| Gráfico 2 - Evolução do Crédito Total. Recursos Livres e Direcionados de 2003 a 2011..... | 42 |
| Gráfico 3 – Saldo Total de Crédito do SFN..... | 45 |
| Gráfico 4 – Modalidades de Pagamento na Venda de Veículos..... | 46 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|-------------------------------------|----|
| Figura 1 - Desenho da Pesquisa..... | 66 |
|-------------------------------------|----|

LISTA DE TABELAS

| | |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Tabela 1 - Amostra de Indicadores econômico-financeiros do período de 2007 a 2011..... | 80 |
| Tabela 2 - Amostra de Indicadores econômico-financeiros, sem <i>outliers</i> do período de 2007 a 2011 | 81 |
| Tabela 3 - Indicadores econômico-financeiros, que apresentaram nível de significância menor que 0,05, do período de 2007 a 2011..... | 82 |
| Tabela 4: Teste <i>t</i> para diferença de médias dos bancos das montadoras e bancos diversificados para o ano de 2007..... | 97 |
| Tabela 5: Teste <i>t</i> para diferença de médias dos bancos de montadoras e bancos diversificados para o ano de 2008 | 97 |
| Tabela 6: Teste <i>t</i> para diferença de médias dos bancos de montadoras e bancos diversificados para o ano de 2009..... | 98 |
| Tabela 7: Teste <i>t</i> para diferença de médias dos bancos de montadoras e bancos diversificados para o ano de 2010 | 98 |
| Tabela 8: Teste <i>t</i> para diferença de médias dos bancos de montadoras e bancos diversificados para o ano de 2011 | 99 |

LISTA DE ABREVIATURAS

| | |
|----------------|------------------------------------------------------------------------------------|
| Liqcor | Liquidez Corrente |
| captercsat | Capital de Terceiros sobre Ativo Total |
| capgirprop | Capital de Giro Próprio |
| grimobpl | Grau de Imobilização do Patrimônio Líquido |
| pclld | Provisão para Crédito de Liquidação Duvidosa |
| desppclld | Despesa para Provisão para Crédito de Liquidação Duvidosa |
| desppclldspl | Despesa para Provisão para Crédito de Liquidação Duvidosa sobre Patrimônio Líquido |
| margop | Margem Operacional |
| partdespadm | Participação sobre as Despesas Administrativas |
| partdespprov | Participação Despesas com Provisões |
| rentop | Rentabilidade Operacional |
| rentativtot | Rentabilidade do Ativo Total |
| exigtotativtot | Exigível Total sobre Ativo Total |
| exigtotpl | Exigível Total sobre Patrimônio Líquido |
| ativfixpl | Ativo Fixo sobre Patrimônio Líquido |
| liqger | Liquidez Geral |
| girativ | Giro do Ativo |
| girpl | Giro do Patrimônio Líquido |
| margbrut | Margem Bruta |
| margliq | Margem Líquida |
| Rentativ | Rentabilidade do Ativo |

SUMÁRIO

| | |
|----------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 15 |
| 1.1 Problema de Pesquisa | 18 |
| 1.2 Objetivos | 18 |
| 1.2.1 Objetivo Geral | 18 |
| 1.2.2 Objetivos Específicos | 18 |
| 1.3 Justificativa..... | 18 |
| 1.4 Delimitação do Estudo | 20 |
| 1.5 Pressupostos e Hipótese da Pesquisa..... | 20 |
| 1.6 Estrutura da Dissertação..... | 21 |
| 2 MARCO TEÓRICO-EMPÍRICO DE REFERÊNCIA | 22 |
| 2.1 Instituições Financeiras no Brasil | 22 |
| 2.2 Caracterização dos Bancos Múltiplos | 24 |
| 2.3 Caracterização dos Bancos das Montadoras | 26 |
| 2.4 Riscos da Intermediação Financeira | 29 |
| 2.4.1 Risco de Crédito..... | 31 |
| 2.4.2 Regulamentação Bancária: Operações de Crédito | 31 |
| 2.5 Expansão do Crédito em Geral no Brasil | 34 |
| 2.5.1 Expansão do crédito em financiamento de veículos no período de 2007 a 2011 | 44 |
| 2.6 Indicadores Econômico-Financeiros | 47 |
| 2.6.1. Utilização de Indicadores Financeiros na Análise de Desempenho | 47 |
| 2.6.2. Indicadores Econômico-Financeiros para o Setor Bancário-FEBRABAN | 48 |
| 2.6.2.1 Índices de Liquidez: Corrente e Geral | 49 |
| 2.6.2.2 Índices de Estrutura Patrimonial..... | 50 |
| 2.6.2.3 Índices de Qualidade e Risco da Carteira de Operações de Crédito | 52 |
| 2.6.2.4 Índices de Alavancagem/Endividamento: Estrutura de Captação | 52 |

| | |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| 2.6.2.5 Índices de Aplicações de Recursos de Curto e Longo Prazo..... | 53 |
| 2.6.2.6 Índices Operacionais..... | 53 |
| 2.6.2.7 Índices de Participação das Principais Despesas sobre as Receitas Operacionais | 54 |
| 2.6.7.8 Índices de Rentabilidade Média | 55 |
| 2.7 Estrutura Contábil das Instituições Financeiras no Brasil..... | 56 |
| 2.7.1 Plano Contábil das Instituições Financeiras do Sistema Financeiro Nacional (COSIF)..... | 56 |
| 2.7.2 Estrutura e Classificação das Contas..... | 58 |
| 2.8 Revisão de Literatura sobre o Tema | 63 |
| 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS..... | 65 |
| 3.1 Caráter Metodológico | 65 |
| 3.2 Estratégias de Planejamento da Pesquisa | 67 |
| 3.3 Instrumentos da Pesquisa | 68 |
| 3.4 População e Amostra | 71 |
| 3.4.1 Classificação dos Bancos e Composição da Carteira | 74 |
| 3.5 Modelo Estatístico | 75 |
| 3.5.1 Testes de Hipóteses..... | 75 |
| 3.5.2 Testes de Significância..... | 76 |
| 3.5.3. Teste de Significância para Médias Populacionais – Teste <i>t</i> de <i>Student</i> | 77 |
| 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS | 78 |
| 4.1 Análise Descritiva dos Dados e da Aplicação do Teste <i>t</i> de <i>Student</i> para o período de 2007 a 2011 | 83 |
| 4.1.1 Categoria: Indicadores de liquidez | 83 |
| 4.1.2 Categoria: Indicadores de Estrutura Patrimonial | 85 |
| 4.1.3 Categoria: Indicadores de Qualidade e Risco da Carteira de Crédito | 88 |
| 4.1.4 Categoria: Indicadores Operacionais | 92 |
| 4.1.6 Categoria: Indicadores de Rentabilidade..... | 94 |

| | |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| 4.2 Análise das Diferenças Significativas do Teste <i>t</i> de <i>Student</i> por Período | |
| 4.2.1. Análise das Diferenças Significativas 2007 | 96 |
| 4.2.2. Análise das Diferenças Significativas 2008 | 97 |
| 4.2.3. Análise das Diferenças Significativas 2009 | 97 |
| 4.2.4. Análise das Diferenças Significativas 2010 | 98 |
| 4.2.5. Análise das Diferenças Significativas 2011 | 98 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 100 |
| REFERÊNCIAS..... | 103 |
| APÊNDICE A - INDICADORES ECONÔMICO-FINANCEIROS DE 2007 A 2011 | 110 |

1 INTRODUÇÃO

A atual conjuntura econômica brasileira permite verificar um aumento no consumo devido a alguns fatores, tais como: estabilidade econômica, redução da taxa de juros, diminuição dos índices de desemprego e facilidade na obtenção do crédito. Neste sentido, Luppe menciona que, desde a implantação do Plano Real,

(...) a economia vive um momento de conjunção positiva de fatores gerados pela estabilidade econômica. O crescimento da massa salarial e do nível de emprego e os aumentos reais do salário mínimo elevaram a renda dos indivíduos e, conseqüentemente, o poder de compra da população. Outro fator que também ampliou as possibilidades de consumo das famílias brasileiras foi o crédito (LUPPE, 2010, p.17).

O novo cenário de estabilidade da economia brasileira, proporcionado principalmente após o Plano Real, destaca o crédito como importante fonte de financiamento para atender a crescente demanda de consumo das famílias e companhias brasileiras.

Além dos aspectos econômico-financeiros envolvidos nas operações de crédito, são também observados aspectos sociais, principalmente das classes C e D, que vislumbram, por meio do crédito, a possibilidade de adquirir bens duráveis de consumo, desde a aquisição de eletroeletrônicos de última geração, compra da casa própria até a aquisição de veículos zero quilômetro.

Desta forma, a participação do processo de concessão de crédito na economia brasileira, nos últimos anos, torna-se relevante devido à sua importância como fonte de recursos para atender à demanda de consumo da população brasileira. De acordo com o BACEN (2012), a participação do crédito no Produto Interno Bruto (PIB) era de 25% em 2003, atingindo 49% em 2011. Observa-se que, no período analisado, o crédito apresenta uma evolução de 95,37%. Dentre os segmentos de crédito em expansão nos últimos anos no Brasil, destaca-se o financiamento de veículos.

A Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (ANFAVEA, 2011) destaca um significativo aumento na produção de veículos automotores, de 1.684.715 unidades em 2003, subiu para 3.407.861 unidades em 2011, o que representa um crescimento na produção de 102,28%. O faturamento

líquido proveniente da venda de veículos e máquinas agrícolas atingiu, em 2003, o valor de US\$ 53.3 milhões, e 11,9% de participação no PIB industrial; em 2011, alcançou o valor de US\$ 105.3 milhões, e 18,2% de participação no PIB industrial, ou seja, um acréscimo de vendas líquidas de 97,62%, no período considerado.

Para Gabriel *et al.* (2011), o aumento na produção de veículos ocorreu devido ao aquecimento do mercado externo e doméstico entre os anos de 2004 e 2008, impulsionados pelo crescimento sustentado da economia por meio da queda na taxa de juros do Sistema Especial de Liquidação e Custódia (Selic) e mudanças institucionais que facilitaram a concessão do crédito. Os autores ainda mencionam que a crise financeira internacional, de 2008, proporcionou à indústria automobilística o ano de maior produção de veículos, contrariando as especulações negativas do mercado. Isto ocorreu devido a algumas medidas tomadas por parte do setor automotivo e de incentivo do Governo, por meio da redução do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) para veículos novos. Desta forma, mesmo diante da crise, o setor automobilístico reagiu de forma positiva com crescimento nas vendas e, conseqüentemente, aumento na demanda por financiamentos.

De acordo com a Associação Nacional das Empresas Financeiras das Montadoras (ANEF, 2012), em 2008, o total de recursos liberados para financiamento de veículos foi de 82,4 bilhões de reais, e em 2011 foram liberados 173,3 bilhões de reais, o que representa um aumento significativo de 110,3%. O saldo de crédito para aquisição de veículos para pessoas físicas em 2011 atingiu 4,8% do PIB, o que representa 9,9% do crédito total do Sistema Financeiro Nacional (SFN), e 30,8% do total do crédito destinado às pessoas físicas.

Assim, o crescimento significativo do crédito em geral e, especificamente, do financiamento de veículos desafia os bancos a administrar adequadamente sua carteira de crédito, por meio de políticas conservadoras na concessão de financiamentos, com o intuito de maximizar resultados e minimizar os riscos envolvidos na operação.

Segundo Borghi (2011), as montadoras de veículos no Brasil, em geral, possuem instituição financeira própria, com o objetivo de facilitar o processo de concessão de crédito aos clientes e proporcionar suporte financeiro às operações.

Desta forma, as montadoras tendem a potencializar sua rentabilidade, pois operam em dois segmentos: a venda de veículos e o financiamento dos mesmos e, em alguns casos oferecem, também, seguros. O mesmo autor ressalta a relevância dos bancos das montadoras ao mencionar que:

(...) as atividades do braço financeiro assumiram crescente importância na estrutura e no desempenho da corporação, muitas vezes minimizando os prejuízos operacionais e mesmo promovendo uma diversificação para áreas não correlatas ao seu objetivo central de financiar a aquisição dos bens produzidos pela empresa (BORGHI, 2011, p.155).

Diante do exposto, no que tange à expansão do crédito de financiamento de veículos e da concentração do crédito dos bancos das montadoras, torna-se necessário investigar o desempenho destas instituições. Sendo assim, com o objetivo de obter uma análise do desempenho dos bancos das montadoras esta pesquisa utiliza indicadores econômico-financeiros.

As informações necessárias para obtenção dos indicadores econômico-financeiros geralmente são extraídas das demonstrações financeiras das instituições e servem de base para construção dos indicadores que, após analisados, constituem fundamento para a interpretação do desempenho da instituição nos aspectos de liquidez, estrutura patrimonial, qualidade e risco da carteira de operações de crédito, alavancagem/endividamento-estrutura de captação, aplicação de recursos de curto e longo prazo, operacionais, participação das principais despesas sobre as receitas operacionais e rentabilidade.

Neste contexto, esta pesquisa apresenta indicadores econômico-financeiros propostos pela Federação Brasileira de Bancos (FEBRABAN), a fim de comparar o desempenho dos bancos das montadoras e dos bancos com carteira diversificada. Para Matarazzo (2010), os índices são utilizados como base para medir vários aspectos econômicos e financeiros, sendo assim, considera-se essencial a utilização dos indicadores econômico-financeiros como instrumento na obtenção dos resultados desta pesquisa.

Assim, a questão que norteia este estudo é: a concentração de crédito em financiamento de veículos dos bancos das montadoras está associada à diferença no desempenho dos indicadores econômico-financeiros, quando comparado aos bancos com carteira de crédito diversificada (bancos diversificados) ?

1.1 Problema de Pesquisa

A concentração de crédito em financiamento de veículos dos bancos das montadoras está associada à diferença no desempenho dos indicadores econômico-financeiros, quando comparado aos bancos com carteira diversificada.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

Identificar se a concentração de crédito em financiamento de veículos dos bancos das montadoras está associada à diferença no desempenho dos indicadores econômico-financeiros, quando comparado aos bancos com carteira diversificada.

1.2.2 Objetivos Específicos

a) calcular e apresentar os indicadores econômico-financeiros dos bancos das montadoras e dos bancos com carteira diversificada no período de 2007 a 2011;

b) identificar e analisar as diferenças no desempenho dos bancos com carteira diversificada e bancos das montadoras, por meio de aplicação de modelo estatístico sobre os indicadores econômico-financeiros.

1.3 Justificativa

A atividade bancária é considerada importante para desenvolvimento de uma economia. Segundo Coutinho e Amaral (2010), há três características que tornam a atividade bancária especial, são elas:

- 1) Os bancos oferecem serviços que geralmente são vistos como vitais para o bom funcionamento da sociedade moderna: eles são especialistas em informações, transformam e aceitam riscos; provêm liquidez à economia e facilitam as transações de modo geral;
- 2) A existência dos depósitos interfinanceiros, o que torna o setor mais sensível ao risco sistêmico, na medida em que as dificuldades financeiras

ou, ainda, a falência de um banco pode alcançar grande parte do sistema, além de afetar intensamente o lado real da economia;

- 3) Os bancos são vistos como os principais transmissores da política monetária. Seu comportamento enquanto unidade empresarial é componente fundamental na capacidade de os bancos centrais influenciarem a economia como um todo.

Assim, as instituições financeiras, por sua representatividade e por possuírem classificações distintas, operam em atividades diferenciadas e, dependendo das características de suas operações, podem ser classificados como: bancos comerciais, bancos múltiplos, sociedades de crédito, financiamento e investimento, bancos de desenvolvimento, sociedades de arrendamento mercantil; cooperativas de crédito; sociedades de crédito imobiliário, etc.

Para esta pesquisa, foram escolhidos os bancos das montadoras e os bancos com carteira diversificada, ambos classificados como bancos múltiplos e um banco classificado como sociedade de crédito, financiamento e investimento.

A escolha dos bancos das montadoras justifica-se, não só, pelo fato da representatividade e expansão do crédito em geral no país mas, também e principalmente, do crédito destinado ao financiamento de veículos no período de 2007 a 2011, além de sua especificidade em possuir uma carteira concentrada em financiamento de veículos. A escolha dos bancos com carteira diversificada ocorre devido à variedade de produtos que possuem e, conseqüentemente, por não concentrarem suas operações em um único produto.

Para embasar a representatividade do crédito no Brasil, dados do Banco Central do Brasil (2012) informam que o estoque de crédito do sistema financeiro em 2011 correspondeu a 49% do Produto Interno Bruto (PIB) e dentre os financiamentos mais relevantes destacam-se o financiamento habitacional e o financiamento de veículos.

O setor automobilístico nos últimos anos apresentou resultados expressivos para a economia brasileira pois, além de ser responsável pela geração de milhares de empregos diretos e indiretos, proporciona ao governo uma considerável fonte de arrecadação de tributos, assim como desenvolvimento regional, que se justificam devido à instalação de fábricas e formação de complexos industriais compostos por fábrica, financeira, fornecedores e prestadores de serviços. Segundo a ANFAVEA

(2011), o setor automobilístico, em 2011, gerou 1,5 milhões de empregos diretos e indiretos, exportou 24,8 bilhões de dólares, e gerou 31,4 bilhões de dólares de tributos Programa de Integração Social (PIS), Contribuição para Financiamento da Seguridade Nacional (COFINS), Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) e Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI).

Sendo assim, esta pesquisa considera importante demonstrar a participação e o desempenho dos bancos das montadoras e dos bancos com carteira diversificada. Para medir e comparar o desempenho utiliza-se indicadores econômico-financeiros, e para testar à hipótese a utilização da técnica estatística teste *t* de *Student*.

Esta pesquisa visa também contribuir com a comunidade acadêmica fornecendo resultados das diferenças no desempenho dos bancos das montadoras e dos bancos com carteira diversificada, considerando-se a concentração de financiamentos de veículos por parte dos bancos das montadoras.

1.4 Delimitação do Estudo

Para alcance dos objetivos propostos neste estudo, admitiram-se as seguintes delimitações:

- 1) Quanto às empresas pesquisadas: foram pesquisados os bancos das montadoras de veículos (que possuem uma carteira não diversificada e que constavam como associadas da ANEF, em 31/12/2011) e os bancos com carteira diversificada, selecionados com base nos maiores valores do Ativo Total, conforme informações disponibilizadas no *site* do BACEN em 31/12/2011), excluindo-se bancos de investimento e de varejo;
- 2) Quanto à fonte para coleta de dados secundários: foram utilizadas as Demonstrações Contábeis: Balanço Patrimonial e Demonstração do Resultado do Exercício referente ao período de 2007 a 2011, que foram extraídas do *site* do BACEN.

1.5 Pressupostos e Hipótese da Pesquisa

Os pressupostos utilizados na execução empírica desta pesquisa são:

- 1) Os bancos, em geral, tendem a possuir uma carteira diversificada de produtos e serviços;
- 2) Os bancos das montadoras tendem a possuir uma carteira não diversificada devido à especificidade das operações de financiamento de veículos para as montadoras;
- 3) Os indicadores econômico-financeiros visam medir o desempenho e proporcionar base para identificar e analisar as diferenças entre os bancos das montadoras e os bancos com carteira diversificada;

Com base nestes pressupostos a hipótese de pesquisa deste trabalho é:

Os indicadores econômico-financeiros, durante o período de 2007 a 2011, evidenciam diferenças de desempenho entre os bancos de montadoras e bancos com carteira diversificada.

A hipótese emerge do contexto em que os bancos das montadoras tendem a concentrar suas operações de crédito em financiamento de veículos para suas montadoras, e desta forma são bancos que não possuem uma carteira diversificada e sim uma alta concentração devido à sua exclusividade em financiamento de veículos. Diferentemente das operações dos bancos das montadoras, encontram-se os bancos com carteira diversificada, que possuem carteira comercial e por isso, operam com recebimento de depósitos à vista para fornecer empréstimos de curto prazo, assim como uma variedade de serviços e produtos, portanto, possuem uma carteira diversificada o que os qualificam também, como bancos diversificados.

1.6 Estrutura da Dissertação

O estudo está estruturado em cinco capítulos. O primeiro capítulo apresenta a introdução, o objetivo geral e os específicos, a justificativa, os pressupostos, a hipótese e a delimitação da pesquisa. O segundo capítulo aborda o referencial teórico e a revisão bibliográfica os pilares que sustentam o estudo. O capítulo seguinte demonstra os procedimentos metodológicos utilizados no desenvolvimento da pesquisa. O quarto capítulo apresenta a coleta e análise de dados, assim como a discussão e divulgação dos resultados obtidos. Na sequência expõem-se as conclusões encontradas no estudo, assim como sugestões para desenvolvimento de novas pesquisas relacionadas ao tema.

2 MARCO TEÓRICO-EMPÍRICO DE REFERÊNCIA

2.1 Instituições Financeiras no Brasil

As instituições financeiras no Brasil são regulamentadas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) e fiscalizadas pelo Banco Central do Brasil (BACEN). A Lei 4.595/64, em seu artigo 17, cita que “as instituições financeiras para os efeitos da legislação em vigor, são as pessoas jurídicas públicas ou privadas, que tenham como atividade principal ou acessória a coleta, intermediação ou aplicação de recursos financeiros próprios ou de terceiros, em moeda nacional ou estrangeira, e a custódia de valor de propriedade de terceiros”.

De acordo com Mayer (1993, p.55), “as instituições financeiras emitem seus próprios passivos, ou seja, captam poupança diretamente do público e aplicam esses recursos por meio de empréstimos e de financiamentos”.

As instituições financeiras podem ser agrupadas de acordo com a peculiaridade de suas funções de crédito. Desta forma, apresenta-se, no Quadro 1, o agrupamento das instituições financeiras segundo as funções de crédito.

Quadro 1 - Instituições Financeiras agrupadas conforme peculiaridade de funções

| | |
|------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Instituições de Crédito a Curto Prazo. | Bancos Comerciais; Caixa Econômica; Bancos Cooperativos/Cooperativas de Crédito, Bancos Múltiplos com Carteira Comercial. |
| Instituições de Crédito de Médio e Longo Prazo. | Bancos de Desenvolvimento; Bancos de Investimento; Caixa Econômica; Bancos Múltiplos com Carteira de Investimentos e Desenvolvimento; Sociedades de Crédito ao Microempreendedor; Agência de Fomento. |
| Instituições de Crédito para Financiamento de Bens e Consumo Duráveis. | Sociedades de Crédito, Financiamento e Investimento (Financeiras); Caixa Econômica; Bancos Múltiplos com Carteira de Aceite. |
| Instituições de Crédito Imobiliário. | Caixa Econômica Federal; Associações de Poupança e Empréstimo; Sociedade de Crédito Imobiliário; Companhias Hipotecárias; Bancos Múltiplos com Carteira de Investimento, Agentes Autônomos de Investimento. |
| Instituições de Intermediação no Mercado de Capitais. | Sociedades Corretoras (CCVM); Sociedades Distribuidoras (DTVM); Bancos de Investimento, Agentes Autônomos de Investimento. |
| Instituições de Seguros e Capitalização. | Seguradoras; Corretoras de Seguros, Entidades Abertas de Previdência Complementar; Entidades Fechadas de Previdência Complementar; Sociedades de Capitalização. |
| Instituições de Arrendamento Mercantil –Leasing. | Sociedades de Arrendamento Mercantil; Bancos Múltiplos com Carteira de Arrendamento Mercantil. |

Fonte: Fortuna, 2007 (Adaptado pela autora).

Ainda no Quadro 1, verifica-se a complexa estrutura das instituições financeiras, contudo, ao serem classificadas de acordo com padrões de peculiaridade de funções de crédito, facilitam o entendimento, gerenciamento e controle de suas operações.

As instituições financeiras são também classificadas como: instituições financeiras monetárias (bancárias), instituições financeiras não monetárias (não bancárias) e instituições auxiliares.

De acordo com Fortuna (2007), as instituições monetárias são aquelas que possuem depósitos à vista e que multiplicam a moeda e são formadas pelos Bancos Comerciais, Caixas Econômicas, Bancos Cooperativos e Cooperativas de Crédito.

Para Bruni (2005), as instituições financeiras monetárias são capazes de criar moeda escritural, por meio dos depósitos à vista que recebem.

Segundo Fortuna (2007), as instituições financeiras não monetárias são aquelas que têm como objetivo captar recursos e emitir títulos para empréstimos. Assaf Neto (2012) cita que as instituições não bancárias não podem emitir moeda ou meio de pagamento. São representadas pelos bancos de investimento; bancos de desenvolvimento; sociedades de crédito, financiamento e investimento; sociedades de arrendamento mercantil; cooperativas de crédito; sociedades de crédito imobiliário; associações de poupança e empréstimo.

Para Mayer (1993), as instituições financeiras auxiliares são aquelas responsáveis por fornecer crédito e não operam com depósitos à vista. Bruni (2005) menciona que as instituições financeiras auxiliares têm como objetivo ajudar na intermediação de recursos ao prestar serviços para agentes envolvidos nas operações. São compostas por: bolsa de mercadorias, de futuro e de valores; sociedades corretoras de títulos, valores mobiliários e câmbio; sociedades distribuidoras de títulos e valores mobiliários; empresas de *leasing*, representações de instituições financeiras estrangeiras e agentes autônomos de investimento.

As instituições financeiras não monetárias classificadas como Sociedades de Crédito, Financiamento e Investimentos, denominadas de Financeiras ou Companhias de Financiamento, de acordo com Saunders (2000, p.70), têm como função principal “a realização de empréstimos a pessoas físicas e jurídicas”. O mesmo autor comenta que as operações de empréstimos das companhias de financiamento são similares a empréstimos bancários, tais como: fornecimento de

crédito ao consumidor e financiamento de veículos. Fortuna (2007, p.31) complementa que a função das Financeiras “é financiar bens de consumo duráveis por meio do popularmente conhecido crediário ou crédito direto ao consumidor”.

Quanto à classificação das companhias de financiamento, Saunders (2000) apresenta dois tipos:

- 1- Companhias de financiamento que se especializam na concessão de crédito parcelado, especialmente para financiamento da compra de automóveis por pessoas físicas;
- 2- Companhias diversificadas que fazem empréstimos a pessoas físicas além de fornecer crédito a empresas, principalmente por meio de arrendamento mercantil de equipamentos e operações de *factoring*.

Para Assaf Neto (2012), as sociedades financeiras classificam-se em quatro categorias:

- a) independentes, quando atuam sem nenhuma vinculação com outras instituições do mercado financeiro;
- b) ligadas a conglomerados financeiros;
- c) ligadas a grandes estabelecimentos comerciais;
- d) ligadas a grandes grupos industriais, como montadoras de veículos.

Neste contexto, as instituições financeiras, objeto de estudo desta pesquisa, são as instituições financeiras monetárias, classificadas como bancos múltiplos e as instituições financeiras não monetárias, denominadas companhias de financiamento.

Desta forma, na próxima seção apresenta-se a caracterização dos bancos múltiplos e das sociedades de crédito, financiamentos e investimentos, que são classificações encontradas nos bancos objeto deste estudo, além de apresentar os bancos das montadoras, a fim de evidenciar suas operações e suas especificidades.

2.2 Caracterização dos Bancos Múltiplos

Os bancos múltiplos são considerados instituições financeiras monetárias ou bancárias e surgiram da evolução dos bancos comerciais e crescimento do mercado.

(...) a segregação formal das atividades bancárias presente na época impunha algumas restrições ao funcionamento do setor financeiro. Era

comum observar grandes disponibilidades de recursos em algumas instituições e déficits em outras do mesmo grupo, provocando custos que poderiam ser evitados se fossem autorizados repasses entre as empresas. Dessa forma é que surgiu, de maneira natural, o perfil dos bancos múltiplos. Inicialmente, o mercado adotou de forma espontânea o conjunto de operações financeiras, reunindo-as em torno de uma única unidade decisória. Posteriormente, as autoridades monetárias passaram a reconhecer esta estrutura, regulamentando o funcionamento dos bancos múltiplos (ASSAF NETO, 2011, p. 46,).

Oficialmente os bancos múltiplos foram criados a partir da Resolução 1.524/88, emitida pelo BACEN, com o objetivo de racionalizar a administração das instituições financeiras. Fortuna (2007) menciona que por meio de estatuto algumas instituições, que às vezes participavam de um mesmo grupo, sejam constituídas em uma única instituição financeira com personalidade jurídica própria, portanto, com balanço único, caixa único e desta forma podem reduzir custos. Sendo assim, estes bancos mantêm as mesmas funções em separado, contudo, contabilizam as operações como uma única instituição.

(...) os bancos múltiplos são instituições financeiras privadas ou públicas que realizam as operações ativas, passivas e acessórias das diversas instituições financeiras, por intermédio das seguintes carteiras: comercial, de investimento e/ou de desenvolvimento, de crédito imobiliário, de arrendamento mercantil e de crédito, financiamento e investimento. Essas operações estão sujeitas às mesmas normas legais e regulamentares aplicáveis às instituições singulares correspondentes às suas carteiras. A carteira de desenvolvimento somente poderá ser operada por banco público. O banco múltiplo deve ser constituído com, no mínimo, duas carteiras, sendo uma delas, obrigatoriamente, comercial ou de investimento, e ser organizado sob a forma de sociedade anônima. As instituições com carteira comercial podem captar depósitos à vista. Na sua denominação social deve constar a expressão "Banco" (BACEN, 2012).

Evidencia-se que os bancos múltiplos são fruto do desenvolvimento dos mercados e da demanda por outras operações que auxiliassem nas atividades das instituições financeiras. Outro fator relevante é o fato dos bancos múltiplos obrigatoriamente terem características de banco comercial ou de investimento o que lhes permitem uma variedade de produtos que visam atingir públicos diversos.

Neste sentido, Martins *et al.* (2010) comentam que os bancos múltiplos caracterizam-se por oferecer uma gama completa de serviços de banco comercial, banco de investimento (incluindo colocação, distribuição e corretagem de valores mobiliários), crédito ao consumidor e outros. Desta forma, os bancos múltiplos

possuem uma carteira diversificada de operações e assim podem alcançar um maior número de clientes.

Quanto à importância dos bancos múltiplos Camargo Júnior *et al.* (2004), mencionam que os mesmos possuem relevância no desenvolvimento econômico de um país, pois de forma indireta auxiliam o BACEN em alguns aspectos como: oferta de moeda, dinamizar a economia oferecendo oportunidades a pequenos e médios poupadores que se interessam em acumular riqueza e financiamentos de curto e médio prazos, assim como às pessoas físicas e jurídicas que necessitam de captação de recursos.

2.3 Caracterização dos Bancos das Montadoras

Os bancos das montadoras, objeto deste estudo, são em sua maioria classificados pelo BACEN como bancos múltiplos, apenas um é classificado como sociedade de crédito e financiamento e investimento (financeira).

No item 2.2 abordaram-se os bancos múltiplos, desta forma nesta seção apresentam-se as características das sociedades de crédito, financiamento e investimento e a caracterização, de forma geral, dos bancos das montadoras.

Para Assaf Neto (2012) as financeiras operam basicamente com financiamento de bens duráveis das pessoas físicas, normalmente usuários finais, por meio do crédito direto ao consumidor (CDC), também podem realizar:

- 1) Repasses governamentais;
- 2) Financiar profissionais autônomos legalmente habilitados;
- 3) Conceder crédito pessoal.

O mesmo autor ainda menciona que, além dos recursos próprios originados por meio de suas operações, a principal fonte de recursos das financeiras é o aceite e colocação de letras de câmbio no mercado, que são emitidas pelo devedor do contrato e aceitas pela financeira.

Para Fortuna (2007), a atividade das financeiras é de risco e suas operações passivas estão limitadas a determinado múltiplo de seu patrimônio de referência, assim como também está limitado a sua responsabilidade direta de empréstimo por cliente.

As sociedades financeiras também podem atuar por meio do crédito com intermediação:

(...) nessa modalidade, a instituição adquire os créditos comerciais de uma loja. Por ser o credor do contrato de crédito firmado, a empresa comercial emite as letras de câmbio correspondentes e a financeira as aceita. O crédito é liberado à loja líquido dos encargos financeiros cobrados, os quais são repassados ao cliente no preço de venda cobrado das mercadorias. Nesse caso de interveniência, a financeira trabalha com garantia do estabelecimento comercial que vendeu as mercadorias (sacador) e do cliente comprador, cuja participação na operação ocorre por meio de um contrato de adesão assinado por ocasião da compra. Além dessas garantias, há ainda a alienação fiduciária dos bens negociados (ASSAF NETO, 2012, p.47).

Assim, evidencia-se que as sociedades de crédito, financiamento e investimento têm como foco principal as operações de crédito destinado a financiamentos e por isso atendem, em sua maioria, aos financiamentos na modalidade CDC; contudo, as financeiras também podem ter outras atividades, conforme observado na citação anterior do autor Assaf Neto.

Quanto ao universo dos bancos das montadoras, estes são considerados subsidiárias das montadoras de veículos e braços financeiros das mesmas, pois têm como objetivo fomentar, alavancar as vendas e fornecer suporte financeiro às montadoras. Silva e Neto (2002) citam que os bancos das montadoras de automóveis operam basicamente como financeiras a serviço de suas controladoras.

A parceria entre montadoras e seus bancos próprios proporcionam um nicho de mercado adicional à montadora que, além da venda de veículos novos, também têm condições de oferecer o financiamento e até mesmo o seguro ao cliente, que encontra neste relacionamento facilidades no processo de liberação de crédito e nas condições de financiamento do veículo. Ressalta-se que os bancos das montadoras financiam, em sua maioria, veículos novos por intermediar financeiramente o processo de venda da montadora, assim estes bancos podem financiar veículos usados, mas de forma pouco significativa.

Saunders (2000) comenta que as companhias de financiamento normalmente são subsidiárias ou unidades cativas de grandes empresas industriais. O mesmo autor denomina estas companhias de financiamento como cativas, cujo objetivo é conceder crédito para a compra de produtos fabricados pela matriz, como exemplo o financiamento de automóveis fabricados pelas montadoras que possuem seus bancos cativos para fornecer crédito.

Neste sentido, Borghi (2011) menciona que os bancos das montadoras representam um importante canal de estímulo às vendas do setor automobilístico e tornam-se peças centrais na dinâmica das corporações e destaca que a inexistência dos braços financeiros poderia comprometer o ritmo de crescimento da indústria automobilística.

No Quadro 2, apresenta-se um resumo da atuação dos bancos das montadoras no Brasil.

Quadro 2 - Produtos disponibilizados pelos bancos das montadoras

| BANCOS | PRODUTOS |
|---------------|-------------------------------------------------------------------------|
| Volvo | CDC, Consórcio e <i>Leasing</i> |
| Fiat | BNDES, Capital de Giro, CDC, <i>Floorplan</i> , <i>Leasing</i> e Seguro |
| Fidis | CDC, Consórcio, <i>Leasing</i> , Seguro e FINAME |
| Toyota | CDC, Consórcio, <i>Leasing</i> e Seguro |
| Mercedes Benz | CDC, Consórcio, <i>Leasing</i> e Seguro |
| Renault | CDC, FINAME, <i>Floorplan</i> , <i>Leasing</i> e Seguro |
| Ford | CDC, Garantias, <i>Leasing</i> e Seguro |
| Honda | CDC, Consórcio, <i>Leasing</i> e Seguro |
| PSA | CDC, <i>Floorplan</i> , <i>Leasing</i> e Seguro |
| GMAC | CDC, BNDES, Consórcio, FINAME, <i>Floorplan</i> e Seguro |

Fonte: Informações disponibilizadas pelo *site* dos bancos das montadoras (2012).

Observa-se, no Quadro 2, que os bancos das montadoras oferecem geralmente os mesmos produtos: financiamentos CDC, *leasing*, consórcio e seguros, todos eles direcionados a atender os clientes das montadoras no processo de venda, por meio de financiamentos.

Os financiamentos via Finame/BNDES, são mais utilizados pelos bancos das montadoras de veículos (caminhões) ou máquinas pesadas. A categoria *Floorplan* refere-se a financiamento com condições especiais de pagamento para os concessionários. Kubota (2012) define o programa de financiamento *Floorplan* como incentivo para que as concessionárias utilizem a linha de crédito disponibilizada pelo banco das montadoras.

Além das características de fomentar as vendas, facilitar o acesso ao crédito e fornecer suporte financeiro para as montadoras, os bancos das montadoras possuem as seguintes características: utilização de taxas de financiamento subsidiadas e alta concentração de operações, haja vista que realizam financiamentos somente dos produtos fabricados pelas montadoras, ou seja, não possuem operações diversificadas como os demais bancos do mercado. Sendo

assim, deve-se observar que a concentração da carteira para os bancos cativos pode ser prejudicial quando analisados individualmente, pois diante de uma retração do setor automobilístico não possuem outros produtos para negociações.

Quanto às taxas de financiamento subsidiadas, ressalta-se que:

(...) as ações de campanha de taxas subsidiadas em conjunto com a montadora mostraram-se efetivas ao alavancar as vendas para a Montadora e desta forma criar o valor. As campanhas também demonstraram sua importância como escudo de valor para a Montadora, sem alterar o preço de seu produto (KUBOTA, 2012, p.75).

Assim, as taxas subsidiadas pela montadora aumentam as vendas a prazo dos veículos que serão realizadas por meio das linhas de crédito oferecidas pelos seus próprios bancos, além de criar valor para a empresa sem custo adicional para seu produto.

Neste cenário, constata-se que a presença dos braços financeiros das montadoras é importante e fazem parte da estratégia das mesmas em maximizar seus resultados.

2.4 Riscos da Intermediação Financeira

As instituições financeiras são consideradas importantes intermediadores financeiros (IFs), pois são responsáveis por mediar operações entre os poupadores e tomadores de recursos. Sendo assim, devido à sua atividade de intermediação, as instituições financeiras ficam expostas a diversos riscos.

Neste sentido, Saunders (2000) apresenta alguns tipos básicos de riscos relacionados à intermediação financeira e os classificam como: risco de variação de taxa de juros, risco de mercado, risco de crédito, risco de operações fora do balanço, risco tecnológico e operacional, risco de câmbio, risco soberano, risco de liquidez e risco de insolvência.

- Risco de Variação de Taxa de Juros, de acordo com Saunders (2000), refere-se à transformação de ativos envolvidos na compra de títulos primários e a emissão de títulos secundários. Os títulos primários adquiridos pelos IFs geralmente têm características de prazo de liquidez distintas das apresentadas pelos títulos secundários que são vendidos pelos IFs, assim ao produzirem descasamento de prazos de ativos, são expostos à possibilidade de riscos de variação de taxa de juros;

- Risco de Mercado, ocorre quando um intermediador financeiro assume uma posição a descoberto, comprada ou vendida, em títulos de renda fixa, ações, mercadorias e derivativos, e os preços variam em direção oposta à esperada, em consequência, quanto mais voláteis os preços de ativos maiores são os riscos de mercado enfrentados pelos IFs que fazem operações sem cobertura;

- Risco de Crédito, existe, pois os tomadores de recursos podem não pagar os títulos no prazo determinado;

- Risco de Operações fora do Balanço, são aqueles relacionados a ativos e passivos condicionais, por exemplo: carta de fiança;

- Risco Tecnológico Operacional, ocorre quando os investimentos em tecnologia não produzem as reduções esperadas de custo e podem reduzir a eficiência competitiva de um IF e levar a sua falência a longo prazo ou gerar desempenho superior aos de instituições rivais;

- Risco operacional, está ligado ao risco tecnológico e pode surgir quando a tecnologia ou os sistemas de apoio deixam de funcionar adequadamente;

- Risco de câmbio, relacionados a operações no exterior, desta forma, quando um IF permite que suas operações fiquem descasadas em moedas diferentes, há risco cambial e risco de taxa de juros;

- Risco Soberano, está relacionado ao risco de investimento no exterior, por exemplo, caso uma empresa estrangeira deixe de honrar suas dívidas, devido uma imposição do governo local;

- Risco de Liquidez, ocorre quando o titular de passivos de um IF, exigir dinheiro à vista em troca de seus direitos financeiros e o IF é obrigado a obter recursos adicionais ou liquidar ativos para atender a exigência de retirada de fundos;

- Risco de Insolvência, pode ocorrer quando recursos próprios ou internos do IF são insuficientes para cobrir perdas incorridas em função de um ou mais riscos de alguma natureza.

Diante dos riscos que estão expostos as instituições financeiras verifica-se a necessidade de regulamentações, controles e monitoramento. Neste sentido, Saunders (2000, p.99) afirma que “a gestão eficaz dos riscos de intermediação é essencial para o desempenho de uma instituição financeira”.

Dentre os tipos de riscos que uma instituição financeira está exposta, esta pesquisa preocupa-se em conceituar o risco de crédito, devido sua relevância no contexto da expansão do crédito.

2.4.1 Risco de Crédito

De acordo com Caouette *et al.* (2000, p.1), o risco de crédito “ é a mais antiga forma de riscos nos mercados financeiros. O mesmo autor menciona que o risco de crédito decorre de uma operação financeira contratada e/ou contingencial entre um fornecedor e um usuário desta operação”. Para Brigham e Houston (1999, p.158) o risco é “a chance de ocorrer algum evento desfavorável”.

Assim, verifica-se que o risco de crédito decorre da concessão do crédito e pode gerar perdas devido o não pagamento da operação contratada por um cliente.

Apesar das operações de concessão de empréstimos e financiamentos gerarem expectativa de retorno financeiro, as instituições financeiras têm como contrapartida os riscos envolvidos nas operações que devem ser analisados e administrados, principalmente, após a implantação do Plano Real, pois as instituições financeiras tiveram que se adequar a um novo cenário econômico, devido à queda nos índices de inflação, outrora, fonte de receitas para os bancos.

Neste contexto, Santos (2000), explica que a redução de receitas para as instituições financeiras impulsionaram a concessão de empréstimos, visando ganho através de *spreads*, que é a diferença entre o custo de captação e o custo de repasse. O autor ainda comenta que apesar da demanda por empréstimos, os bancos ficaram mais expostos aos riscos de inadimplência, sendo assim, da análise e monitoramento do risco de crédito.

2.4.2 Regulamentação Bancária: Operações de Crédito

As instituições financeiras por possuírem maior exposição ao risco, devido às inúmeras operações de crédito realizadas, obedecem a regras específicas regulamentadas pelo CMN.

A Resolução 2.682/99, complementada pela Resolução 2.697/2000, emitidas pelo CMN para as instituições financeiras autorizadas a funcionar pelo BACEN,

tratam dos critérios da classificação das operações de crédito e de regras para constituição da Provisão para Créditos de Liquidação Duvidosa (PCLD).

No artigo 1º. da Resolução 2.682/99, menciona-se que as instituições financeiras devem classificar as operações de crédito em ordem crescente de risco e por níveis. No total são nove níveis, conforme apresentado no Quadro 3.

Quadro 3- Classificação dos Níveis de Risco das Operações de Crédito das Instituições Financeiras

| NÍVEL | CLASSIFICAÇÃO |
|--------------|----------------------|
| I | AA |
| II | A |
| III | B |
| IV | C |
| V | D |
| VI | E |
| VII | F |
| VIII | G |
| IX | H |

Fonte: a partir da Resolução 2.682/99
Elaborado pela autora

Verifica-se no Quadro 3, a apresentação da classificação dos níveis de riscos das operações de crédito. Os nove níveis estão em ordem crescente de risco, representadas pelas letras de AA a H, cuja classificação AA representa risco zero, ou seja, não há risco de inadimplência e H representa maior risco de inadimplência.

O Quadro 4 apresenta o percentual que deve ser aplicado para constituição da PCLD, conforme os níveis de risco, apresentados no Quadro 3.

Quadro 4 – Percentual utilizado para constituição da PCLD, conforme níveis de risco.

| Nível | % Constituição PCLD |
|--------------|----------------------------|
| A | 0,5 |
| B | 1 |
| C | 3 |
| D | 10 |
| E | 30 |
| F | 50 |
| G | 70 |
| H | 100 |

Fonte: Resolução 2.682/99
Adaptado pela autora

O Quadro 4 apresenta oito níveis de classificação de risco e não nove níveis como demonstrado no Quadro 3, pois o nível AA representa risco zero de inadimplência, por isso, não é realizada a constituição da PCLD para operações registradas nesta classificação.

No Quadro 5 apresenta-se o nível de risco conforme os dias de atraso da carteira de clientes.

Quadro 5 – Classificação da carteira de clientes em relação aos dias de atraso

| Dias de Atraso | Classificação Nível |
|-----------------------|----------------------------|
| 15 a 30 | B |
| 31 a 60 | C |
| 61 a 90 | D |
| 91 a 120 | E |
| 121 a 150 | F |
| 151 a 180 | G |
| > 180 | H |

Fonte: Resolução 2.682/99

Elaborado pelos autores

O Quadro 5 demonstra que os níveis de risco são classificados de acordo com os dias de atraso da carteira e estão agrupados em períodos. A incerteza relacionada ao não recebimento de uma determinada carteira de clientes gera para as instituições financeiras, um risco que deve ser mensurado contabilmente. Sendo assim, a contabilidade utiliza-se da constituição da Provisão para Crédito de Liquidação Duvidosa, para estimar as perdas do contas a receber, apresentando desta forma o valor real do ativo de uma organização.

Neste sentido Junior *et al.* (2008), mencionam que quanto pior for a classificação, maior o percentual da PCLD e ao considerar os dias de atraso da operação de crédito, obtém-se uma estimativa de perdas futuras, ou seja, um modelo de perdas esperadas.

O artigo 2º. da Resolução 2.682/99 cita ainda que “a classificação da operação no nível de risco correspondente é de responsabilidade da instituição detentora do crédito e deve ser efetuada com base em critérios consistentes e verificáveis, amparada por informações internas e externas, contemplando, pelo menos, os seguintes aspectos:”

No Quadro 6, apresenta-se os aspectos das informações utilizadas pelas instituições financeiras para auxiliar na classificação da operação do nível de risco das operações de crédito.

Quadro 6 – Informações internas e externas das operações de crédito

| Em Relação ao Devedor e seus Garantidores | Em relação à Operação |
|--------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------|
| Situação econômico-financeira | Natureza e finalidade da transação |
| Grau de endividamento | Características das garantias, particularmente quanto à suficiência e liquidez |
| Capacidade de geração de resultados | Valor |
| Fluxo de Caixa | |
| Administração e qualidade de controles | |
| Pontualidade e atraso nos pagamentos | |
| Contingências | |
| Setor de atividade econômica | |
| Linhas de crédito | |

Fonte: Resolução 2.682/99
Elaborado pela autora

Verifica-se no Quadro 6 que os aspectos contemplados na classificação do nível do risco referem-se, em sua maioria, à informações relacionadas a fatores externos ao banco utilizadas para a classificação do nível de risco das operações de crédito e está também relacionada ao perfil do devedor e sua capacidade financeira de pagamento da dívida. Evidencia-se que a análise do risco depende das características dos clientes, assim como das operações.

2.5 Expansão do Crédito em Geral no Brasil

A expansão do crédito nos últimos anos no cenário nacional deve-se a diversos fatores, dentre eles as transformações ocorridas na economia após a implantação do Plano Real, em meados de 1994.

De acordo com o BACEN (2011), a expansão sustentável do crédito ocorreu devido à estabilidade macroeconômica; à ampliação do emprego formal e da renda; às reformas institucionais; à política de inclusão social e à política de inclusão financeira.

Para Andrade (2012), o crescimento do crédito no Brasil ocorreu a partir de 2003 devido a três pontos fundamentais:

- 1) Consolidação do setor bancário ocorrido a partir de 1995;

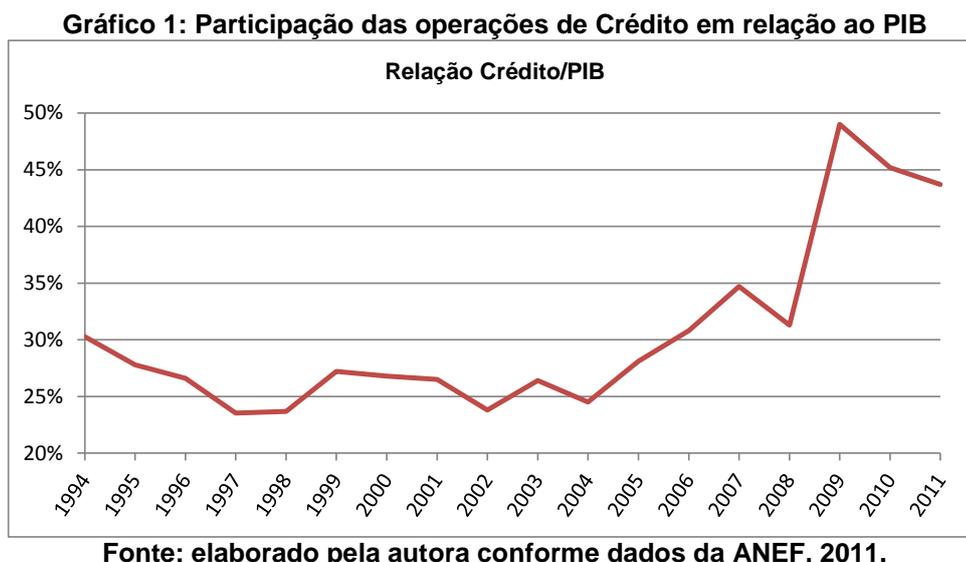
- 2) Mudanças institucionais e estabilidade econômica no período;
- 3) Alterações estruturais no mercado de crédito.

A consolidação e aumento da concentração do setor bancário dizem respeito às mudanças ocorridas por meio dos processos de fusões, aquisições, incorporações e entrada de bancos estrangeiros no Brasil. Essas modificações ocorreram logo após a implantação do Plano Real com objetivo de impedir uma crise no setor, impulsionada principalmente pela perda das receitas de *floating* que foram substituídas pela oferta de crédito que, conseqüentemente, provocou um aumento da inadimplência e maior rigor na concessão do crédito, gerando uma retração do mesmo.

As mudanças institucionais referem-se à popularização das instituições financeiras, por meio da criação de correspondentes não bancários e do programa para abertura de contas simplificadas e do crédito por meio da criação do crédito consignado, microcrédito e do crédito direto ao consumidor (CDC).

As alterações estruturais no mercado de crédito foram estimuladas pela oferta e demanda por crédito. Segundo Andrade (2012), a oferta do crédito ocorreu por meio dos bancos públicos, privados e estrangeiros com destaque para os bancos privados que lideraram a expansão do crédito no período de 2004 a 2011 com participação de 60,3%. O autor também comenta que a demanda por crédito provém dos setores da indústria, habitação, rural, comércio e pessoas físicas; dentre eles o que mais apresentou crescimento foi o segmento das pessoas físicas, que aumentou de 5,8%, em 1994, sua participação em relação ao PIB para 15,3% em 2011, isto devido ao crescimento da renda e do emprego além das medidas institucionais como o crédito consignado e o aumento do financiamento de veículos estimulado alongamento dos prazos e redução das taxas de juros.

Para demonstrar a expansão do crédito no Brasil apresenta-se, no Gráfico 1, o percentual de participação das operações de crédito em relação ao PIB, no período de 1994 a 2011.



Verifica-se, no Gráfico 1, que em 1994 o percentual do crédito em relação ao PIB atinge 30%. Porém, de 1995 até 2003, observa-se constantes oscilações e uma diminuição da participação do crédito no PIB quando comparado a 1994. Este fenômeno é conhecido como *stop and go*, e foi motivado pelas diversas crises mundiais ocorridas neste período, tais como: a crise mexicana, asiática, russa e argentina.

A partir de 2003 considera-se efetivamente o início expansionista do crédito no Brasil, impulsionado por diversos fatores:

(...) em particular na fase de crescimento mais acelerado do crédito (meados de 2003 até setembro de 2008), as características gerais do *boom* do crédito foram as seguintes: absorção (quase absoluta) do crédito pelo setor privado, liderança do segmento de crédito com recursos livres com predominância de um *funding* doméstico, e, por fim, o dinamismo maior dos bancos privados nacionais em relação aos demais bancos (públicos e estrangeiros) (CORREA *et al.*, 2010, p.5).

Para facilitar e proporcionar o detalhamento dos tipos de crédito disponibilizado pelas instituições financeiras o mesmo é classificado por modalidades. Sendo assim, as modalidades de crédito são: créditos com recursos livres e créditos com recursos direcionados. Os créditos com recursos livres são classificados como recursos livres para pessoa jurídica e para pessoa física. Os créditos com recursos direcionados não possuem esta classificação.

Ressalta-se que houve uma recente alteração no detalhamento das modalidades de crédito com recursos livres:

(...) a estabilidade macroeconômica e a expansão do crédito aceleraram o desenvolvimento de novas modalidades de empréstimos, destinadas a satisfazer as necessidades crescentes de financiamento das famílias e das empresas. Ao mesmo tempo, outras modalidades perderam expressão. Portanto, além de ter sua cobertura ampliada, incorporando o crédito direcionado, também se fez necessário aprofundar o detalhamento do arcabouço estatístico, de modo a possibilitar a identificação das modalidades mais relevantes, bem como reduzir a participação relativa das operações de crédito não classificadas – incorporadas em “outros créditos”. O arcabouço de definições de caráter metodológico bem como as instruções para o fornecimento do novo conjunto de dados por parte das instituições financeiras foi publicado entre dezembro de 2008 e outubro de 2009. O envio das novas informações teve início em março de 2010, em caráter preliminar, e o processo de validação prosseguiu até o final de 2012. (BACEN, 2012, p.2).

Sendo assim, apresenta-se, nos Quadros 7 e 8, a nova estrutura que compõe a classificação das modalidades de crédito com recursos livres.

No Quadro 7, apresenta-se a modalidade de crédito recursos livres para pessoa jurídica.

Quadro 7- Composição e Conceito dos Recursos Livres Pessoa Jurídica

| Recursos Livres Pessoa Jurídica | Conceito |
|-----------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Desconto de duplicatas• | Adiantamento de recursos baseado em fluxo de caixa vinculado a duplicatas mercantis e outros tipos de recebíveis (exceto cheques e faturas de cartão de crédito). |
| Capital de giro | Empréstimos segmentados em três submodalidades: capital de giro, operações com prazo até 365 dias; capital de giro, operações com prazo superior a 365 dias; capital de giro com teto rotativo – linha de crédito na qual a instituição financeira define para o tomador um limite pré-aprovado, a ser utilizado mediante solicitação. . |
| Conta garantida | Operação de crédito rotativo, caracterizada pela definição de limite de crédito para utilização pelo tomador, mediante movimentação de sua conta corrente ou solicitação formal à instituição financeira. |
| Cheque especial – pessoas jurídicas | Operação de crédito rotativo, caracterizada pela definição de limite de crédito para utilização pelo tomador em situações não programadas e de curto prazo, mediante a simples movimentação da conta corrente, sem necessidade de comunicação prévia à instituição financeira. |
| Vendor | Operações destinadas ao financiamento das vendas nas quais a empresa tomadora do empréstimo (fornecedor/vendedor) vende seus produtos a prazo e recebe o pagamento à vista da instituição financeira. |
| Adiantamentos sobre contratos de câmbio (ACC) | Consistem na antecipação parcial ou total de receitas vinculadas a contratos de exportação, com a finalidade de financiar a produção das respectivas mercadorias. Estão compreendidas nessa modalidade operações de adiantamento de cambiais entregues (ACE). |
| Financiamento à importação | Financiamentos vinculados a linhas de crédito externas, destinados à importação de bens ou serviços. |
| Repasses externos | Operações de repasse de recursos captados no exterior por instituições financeiras, indexadas à variação cambial, em conformidade com a Resolução nº 3.844, de 24 de março de 2010. |
| Outros créditos livres | São informadas como Outros Créditos Livres as operações de crédito não passíveis de classificação nas demais modalidades previstas nesta estrutura. |
| Desconto de cheques * | Operações de crédito para adiantamento de recursos com base em fluxo de caixa vinculado a cheques custodiados. |
| Antecipação de faturas de cartão de crédito * | Adiantamento de recursos baseado em fluxo de caixa vinculado a direitos creditórios decorrentes de faturas de cartão de crédito. |
| Aquisição de veículos – pessoas jurídicas* | Financiamento de veículos automotores destinados à manutenção ou ao aumento da capacidade produtiva das pessoas jurídicas contratantes, configurando-se como |

| | |
|------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| | investimento. |
| Aquisição de outros bens – pessoas jurídicas.* | Na estrutura anterior, tais operações eram incluídas na modalidade Aquisição de bens, na qual também estavam compreendidos financiamentos para aquisição de veículos. |
| <i>Leasing</i> – veículos* – | A estrutura anterior não apresentava segmentação entre veículos e outros bens. |
| <i>Leasing</i> – outros bens* | Não compreende o arrendamento de bens imóveis. A estrutura anterior não apresentava segmentação entre veículos e outros bens. |
| Comprar * | Operações destinadas ao financiamento de compras, nas quais o desembolso inicial ocorre com o pagamento à vista das compras, pela instituição financeira, diretamente ao fornecedor. |
| Cartão de crédito – pessoas jurídicas* | Operações segmentadas em: cartão de crédito – à vista: operações sem incidência de juros, parceladas ou não; cartão de crédito – rotativo: compreende operações de financiamento do saldo devedor remanescente após vencimento da fatura e saques em dinheiro; cartão de crédito – parcelado: operações parceladas com incidência de taxa de juros. |
| Financiamento à exportação * | Financiamentos destinados à venda de bens e serviços para o exterior. Inclui export <i>notes</i> e operações com Cédulas de Crédito à Exportação (CCE) e Notas de Crédito à Exportação (NCE). |

Fonte: BACEN, 2012

Elaborado pela autora a partir de informações do BACEN, 2012

*modalidades acrescentadas

Verifica-se, no Quadro 7, a inclusão de nove modalidades do crédito livre para pessoas jurídicas. O fato de agora possuírem uma classificação exclusiva para sua operação evidencia que estas modalidades tornaram-se representativas no cenário do crédito, e por isso necessitam de maior detalhamento.

Uma observação relevante é a inclusão da modalidade de crédito para aquisição de veículos, o que evidencia uma participação expressiva a ponto de incluí-la na composição dos recursos livres para pessoas jurídicas.

No Quadro 8 apresenta-se a modalidade de crédito de recursos livres para pessoas físicas.

Quadro 8 - Composição e Conceito dos Recursos Livres Pessoa Física

| Recursos Livres – Pessoa Física | Conceito |
|-------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Cheque especial | Operação de crédito rotativo, caracterizada pela definição de limite de crédito para utilização pelo tomador em situações não programadas e de curto prazo, mediante a simples movimentação da conta corrente, sem necessidade de comunicação prévia à instituição financeira. |
| Crédito pessoal não consignado | Corresponde aos empréstimos pessoais, que são operações não vinculadas à aquisição de bens ou serviços, cujas prestações são pagas sem desconto em folha de pagamento. |
| Crédito pessoal consignado | Corresponde a empréstimos pessoais com desconto das prestações em folha de pagamento. |
| Aquisição de veículos | Financiamentos de veículos automotores. |
| Aquisição de outros bens. | Empréstimos para aquisição de outros bens, exceto veículos automotores. Compreende, entre outros, os crediários comerciais e os financiamentos de equipamentos eletrônicos e de informática. |
| Cartão de crédito – pessoas físicas | Operações segmentadas em: cartão de crédito à vista: operações sem incidência de juros, parceladas ou não; cartão de crédito rotativo: compreende operações de financiamento do saldo devedor remanescente após vencimento da fatura e saques em dinheiro; cartão de crédito parcelado: operações parceladas com incidência de taxa de juros. |
| Outros créditos livres | São informadas como Outros Créditos Livres as operações de crédito não passíveis de classificação nas demais modalidades previstas nesta estrutura. |
| Crédito pessoal vinculado à renegociação de dívidas * | Empréstimos decorrentes de renegociação ou composição de dívidas vencidas. |
| <i>Leasing – veículos *</i> | A estrutura anterior não apresentava segmentação entre veículos e outros bens. |
| <i>Leasing – outros bens *</i> | Não compreende o arrendamento de bens imóveis. |
| Desconto de cheques – pessoas físicas* | Operações de crédito para adiantamento de recursos com base em fluxo de caixa vinculado a cheques custodiados. |

Fonte: BACEN, 2012

Elaborado pela autora a partir de informações do BACEN, 2012

*modalidades acrescentadas

Observa-se, no Quadro 8, a inclusão de quatro modalidades de crédito para pessoas físicas que se tornaram relevantes nos últimos anos, o que justifica sua inclusão para obtenção de maiores informações dos recursos destinados a estas modalidades.

Ressalta-se que a modalidade aquisição de veículos para pessoas físicas já possuía uma classificação específica antes da nova estrutura, o que evidencia que a mesma já possuía uma expressiva participação na composição do crédito com recursos livres.

No Quadro 9, apresenta-se a modalidade de crédito recursos direcionados.

Quadro 9 - Composição e Conceito dos Recursos Direcionados

| Recursos Direcionados | Conceito |
|-------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Financiamentos imobiliários – pessoas jurídicas e pessoas físicas | Financiamentos relacionados a exigibilidades de direcionamento de depósitos de poupança, destinados à construção ou à aquisição de imóveis residenciais. |
| Crédito rural – pessoas jurídicas e pessoas físicas | Empréstimos com recursos direcionados a partir dos depósitos à vista e de poupança rural, nos termos do Manual de Crédito Rural. São compreendidas operações de crédito rural relacionadas aos fundos constitucionais do Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Não estão compreendidos os financiamentos rurais com recursos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). |
| Capital de giro com recursos do BNDES | Operações de capital de giro e de financiamentos a exportações, vinculadas aos programas do BNDES, inclusive quando realizadas com o Cartão BNDES. Compreendem valores desembolsados diretamente pelo BNDES ou repassados por outras instituições financeiras. |
| Financiamento de investimentos com recursos do BNDES | Vinculadas aos programas do BNDES, inclusive quando realizadas com o Cartão BNDES. Compreendem valores desembolsados diretamente pelo BNDES ou repassados por outras instituições financeiras. |
| Financiamento agroindustrial com recursos do BNDES | Vinculadas aos programas do BNDES, inclusive quando realizadas com o Cartão BNDES. Compreendem valores desembolsados diretamente pelo BNDES ou repassados por outras instituições financeiras. |
| Microcrédito | Operações de microcrédito, conforme definidas pela Resolução nº 3.422, de 30 de novembro de 2006. |

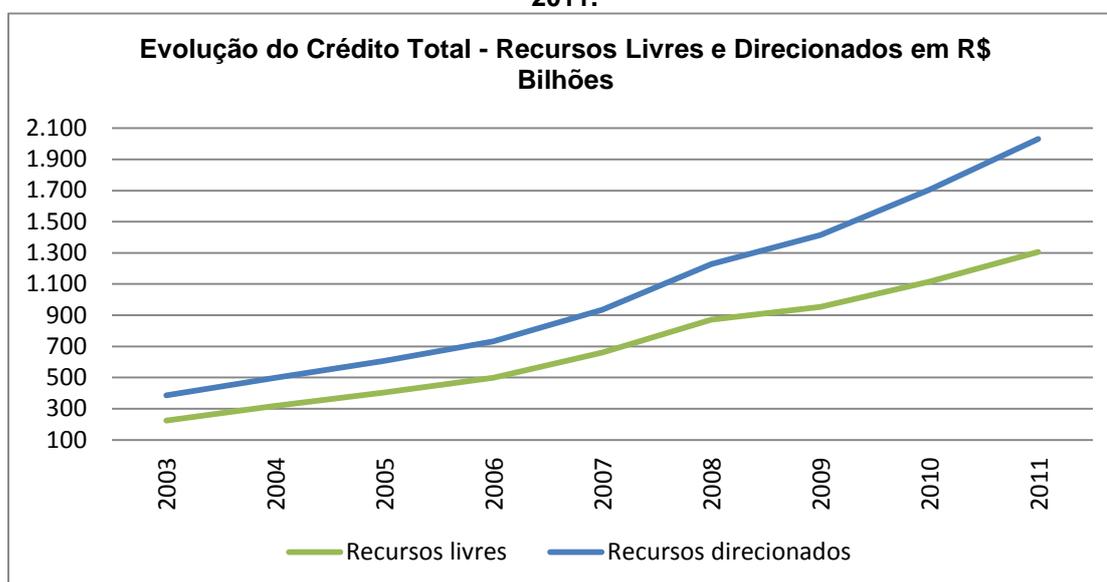
Fonte: BACEN, 2012

No Quadro 9, verifica-se que não ocorreram alterações na estrutura, ou seja, não foram incluídas novas modalidades de crédito; contudo, foram alteradas a extensão das informações relacionadas às taxas de juros, prazos e índices de inadimplência.

(...) um dos principais avanços da nova Nota para a Imprensa de Política Monetária e Operações de Crédito é a extensão das informações referentes a taxas de juros, concessões, prazos e 3 . Essas informações estavam disponíveis apenas para um subconjunto de modalidades, o chamado “crédito referencial para taxa de juros”. A ampliação dos dados referentes às concessões mensais e às respectivas taxas de juros trará informações mais completas acerca da oferta de recursos financeiros para o setor produtivo e para o consumo das famílias, bem como a respeito dos mecanismos de formação das taxas de juros das operações de crédito (BACEN, 2012, p.2-3,).

Para demonstrar a fase considerada expansionista do crédito total no país, apresenta-se, no Gráfico 2, a evolução das operações de crédito com recursos livres e direcionados.

Gráfico 2 – Evolução do Crédito Total. Recursos Livres e Direcionados de 2003 a 2011.



Fonte: BACEN Relatório de Economia Bancária e Crédito (2003-2011).

Observa-se, no Gráfico 2, o crescimento do crédito total no Brasil relacionado aos recursos livres e direcionados a partir de 2003, e verifica-se que os mesmos mantiveram-se em constante evolução. De acordo com BACEN (2012), em 2003, o total de créditos com recursos livres e direcionados representavam R\$ 385,8 milhões: e em 2011 este total atingiu R\$ 2.030 bilhões, o que representa um aumento de 526%.

Ressalta-se que, durante a fase expansionista do crédito, ocorreu a crise internacional de 2008, que provocou uma desaceleração no crédito ocasionando uma redução da participação do crédito no PIB, como pode ser observado no Gráfico 1. Neste sentido, Andrade (2012) ressalta que, naquele período, o segmento que mais utilizou crédito foram as empresas nos segmentos da indústria, comércio e serviços, superando o CDC que nos anos anteriores liderava a demanda por crédito.

Os bancos públicos destacaram-se nesse momento por fornecerem crédito às empresas e, desta forma, contribuíram para sustentar o mercado de crédito no período desta crise. Correa *et al.* (2010) mencionam que o governo incentivou os bancos públicos federais (BNDES, Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal) a expandirem suas operações de crédito, para agir de forma contra-cíclica no mercado de crédito doméstico. Além desta medida, o governo, para estimular a demanda agregada da economia, proporcionou a redução do imposto sobre produtos industrializados sobre veículos, vários bens duráveis e itens de construção.

Após as medidas adotadas pelo governo, o mercado de crédito volta a reagir; e, em 2009, a participação do crédito em relação ao PIB sofre um aumento ao atingir 49%, o maior índice no período de 1994 até 2011. Neste sentido, o aumento do crédito em 2009 ocorreu devido às:

(...) medidas anticíclicas adotadas pelo governo federal no intuito de mitigar os efeitos da crise. No que diz respeito à atuação do Banco Central do Brasil (BCB), a estratégia adotada envolveu essencialmente o provimento de liquidez, no intuito de reestabelecer a funcionalidade dos mercados (BACEN, 2009).

Em 2010 e 2011, ocorreu um decréscimo na participação do crédito em relação ao PIB. Segundo informações do BACEN (2011), isto se deve aos impactos das medidas macroprudenciais implementadas ao final de 2010, com o intuito de conservar o desenvolvimento sustentável do mercado de crédito. Ressalta-se também a desaceleração do crédito para financiamento de veículos que contribuiu para este cenário.

Assim, constata-se que o processo de expansão do crédito no Brasil (período de 1994 a 2011) passou por momentos de oscilações na economia, marcada pelo comportamento *stop and go* e por diversas crises mundiais; contudo, houve uma presente atuação do governo no intuito de minimizar os impactos das mesmas na economia brasileira. Observou-se que a expansão do crédito se

concretiza a partir de 2003 e a partir desse momento apresenta-se em crescimento, com exceção de 2008, ano da crise internacional.

2.5.1 Expansão do crédito em financiamento de veículos no período de 2007 a 2011

O crescimento da indústria automobilística brasileira nos últimos anos impulsionou o aumento do crédito destinado ao financiamento de veículos. Neste sentido, Correa *et al.* (2010, p. 6) corroboram ao mencionar que “dentre as modalidades para pessoa física, destacam as operações de crédito pessoal – com forte crescimento ao longo do boom recente de crédito – e as operações para aquisição de veículos”. Segundo dados da ANEF (2012), 60% dos veículos compactos são adquiridos por meio de financiamentos, e os consumidores típicos deste segmento financiam em média 70% do valor do veículo.

Diversos fatores contribuíram para a expansão do crédito destinado ao financiamento de veículos. Alvarenga *et al.* (2010) mencionam que a queda da taxa de juros e o alongamento do prazo de financiamento de veículos, que passou de 24 meses, em 2000, para 84 meses em 2007², foram alguns dos motivos que propiciaram a expansão do crédito automotivo, e ainda consideram que as mudanças institucionais ocorridas no mercado de crédito, como a disseminação do instituto da alienação fiduciária, que tem por objetivo minimizar o risco de crédito, também colaboraram ao favorecer o crescimento deste tipo de operação. Os mesmos autores citam que:

(...) como resultado, o saldo consolidado das operações de crédito com recursos livres referenciais para aquisição de veículos praticamente triplicou entre janeiro de 2004 e dezembro de 2009. O crescimento contínuo observado até meados de 2008, porém, apresenta uma inflexão a partir de outubro de 2008, e somente retoma o valor daquele mês em agosto do ano seguinte (ALVARENGA *et al.*, 2010, p.9).

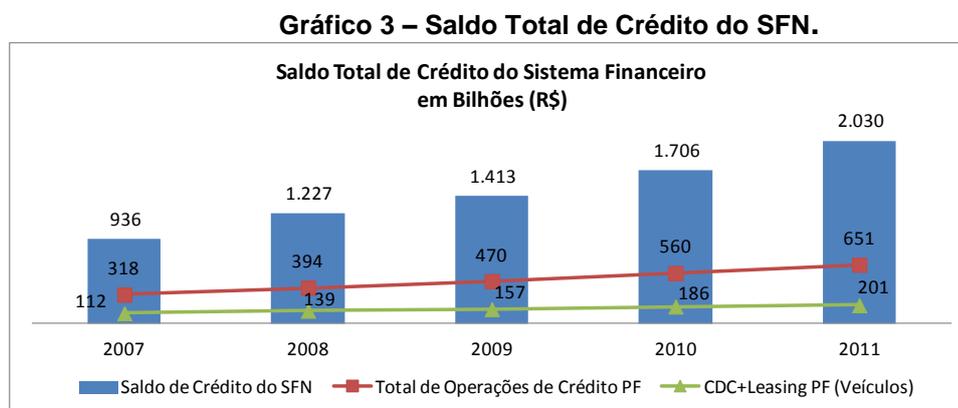
Durante a crise financeira de 2008, o crescimento do crédito para veículos sofre uma inflexão e para reagir a este momento de crise, o governo cria algumas medidas anticíclicas de apoio ao setor automotivo, dentre elas destacam-se:

² Operações de crédito a pessoas físicas com prazos longos, foram alteradas pela Circular nº 3.563, de 11 de novembro de 2011, que promoveu redução na ponderação de risco aplicada às operações de crédito pessoal, financiamento e arrendamento mercantil de veículos com prazo acima de vinte e quatro meses e inferior a sessenta meses. A mesma medida elevou a exigência de capital relativa aos financiamentos com prazos superiores a sessenta meses.

- redução do IPI, incidente sobre os preços dos automóveis;
- aumento do crédito aos bancos das montadoras, por meio do Banco do Brasil e de uma linha de crédito para produtores de autopeças;
- mudanças nas taxas de financiamento do BNDES durante e após a crise;
- criação do Programa de Sustentação do Investimento (PSI)³;
- redução das taxas de financiamento de caminhões.

Observa-se que as mudanças adotadas pelo governo para ajudar o setor automotivo impactaram diretamente no crédito destinado ao financiamento de veículos, na medida em que estimularam as vendas com a redução do IPI, bem como, serviram de incentivo para aumentar os investimentos das montadoras, além de facilitar as condições de financiamento dos veículos.

Assim, mostra-se, no Gráfico 3, o saldo total de créditos do Sistema Financeiro e a participação do crédito destinada ao financiamento de veículos para pessoas físicas (PF) no período de 2007 a 2011.

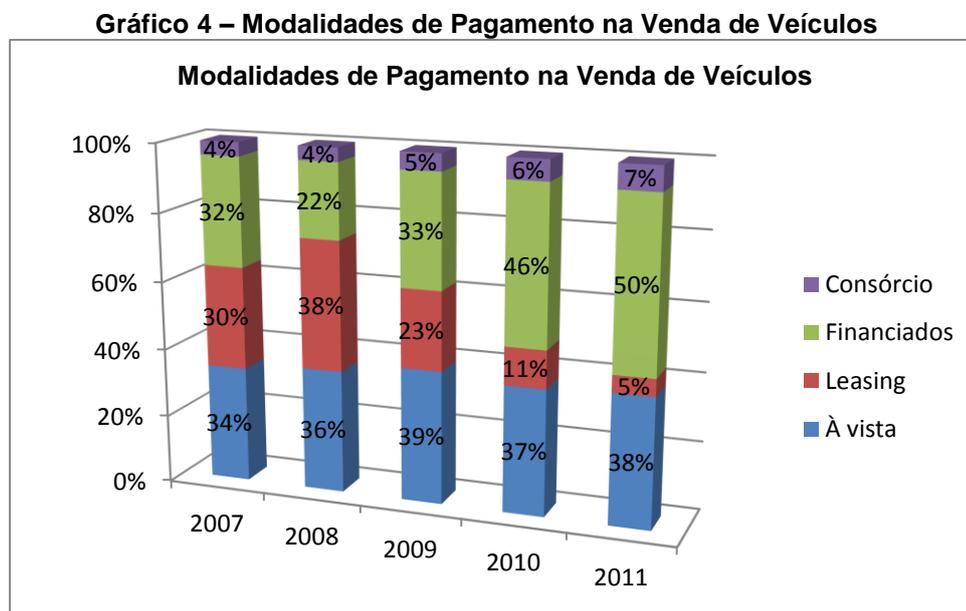


Fonte: elaborado pela autora, conforme dados da ANEF, 2012.

Verifica-se, no Gráfico 3, uma constante evolução do saldo de crédito disponibilizado pelo SFN. Em 2007, os recursos destinados às operações de crédito (PF) para financiamento de veículos, por meio de crédito direto ao consumidor (CDC) e *leasing*, foram de R\$ 112 bilhões. Em 2011, estes recursos aumentaram em 79% e atingiram R\$ 201 bilhões.

³ PSI foi criado para aumentar os investimentos das montadoras, ao reduzir o custo de máquinas e equipamentos, além de oferecer taxas reduzidas a veículos rodoviários, inclusive para a aquisição de ônibus elétricos, híbridos e outros modelos com tração elétrica, e para projetos de engenharia.

No Gráfico 4, demonstra-se quais as formas de pagamento na aquisição de veículos e qual o percentual em cada modalidade.



Fonte: ANEF, 2011

Verifica-se, no Gráfico 4, que as modalidades de pagamento na aquisição de um veículo é composta por pagamentos à vista, *leasing*, financiamentos e consórcios.

Observa-se que nos anos de 2007 e 2008 a forma de pagamento dos veículos adquiridos era realizada em sua maioria à vista ou por meio de *leasing*. No ano de 2009, o pagamento à vista ainda lidera com percentual de 39%, porém ocorre uma diminuição dos pagamentos por meio de *leasing* e um aumento dos financiamentos.

Em 2010, há uma mudança na forma de pagamento dos veículos e destaca-se a modalidade financiada, que se eleva para 46%, seguidos dos pagamentos à vista 37%, *leasing* 11%, e consórcio 6%. No ano de 2011, a forma de pagamento de veículos financiados atinge 50% liderando assim a modalidade de pagamentos na venda de veículos.

Verifica-se também que a forma de pagamento por meio de consórcio manteve-se estável ao longo do período analisado, contudo, não apresenta uma participação expressiva no financiamento de veículos.

Ressalta-se que as operações de crédito destinadas ao financiamento de veículos são consideradas para os bancos operações de baixo risco. Segundo

Martins (2011), o financiamento de veículos por ser modalidade intensiva em garantia, pois o próprio veículo torna-se como garantia nos contratos, é de rápida recuperação pelo credor em caso de inadimplência, as taxas de juros cobradas são as mais baixas no segmento de crédito com recursos livres para pessoas físicas.

Diante deste cenário, evidencia-se que a expansão do setor automobilístico não ocorreu somente após a crise de 2008, mas foi impulsionada pelo crescimento do setor automobilístico. Sendo assim, pode-se conjecturar que a expansão do crédito para veículos está associada ao crescimento do crédito automotivo.

2.6 Indicadores Econômico-Financeiros

2.6.1 Utilização de Indicadores Financeiros na Análise de Desempenho

A utilização de indicadores econômico-financeiros é frequente para avaliar o desempenho das instituições.

(...) dentre as diversas técnicas indicadas pela literatura especializada para a análise do desempenho de uma empresa destaca-se a Análise de Índices Econômico-Financeiros, definida como uma técnica que considera os diversos demonstrativos contábeis como fonte de dados e informações, que são compilados em índices e indicadores, cuja análise histórica possibilita identificar a evolução do desempenho econômico-financeiro da empresa, bem como projeções de possíveis resultados futuros (CAMARGOS E BARBOSA, 2005, p.103).

Bezerra e Corrar (2006) mencionam que as organizações há muito tempo se utilizam de indicadores para medir o desempenho e fazer comparações entre empresas ou mesmo unidades de uma mesma companhia.

Para Sanvicente (2010), as demonstrações contábeis e financeiras de uma organização podem ser base para a construção de indicadores, que são grandezas comparáveis, com o objetivo de mensurar a posição financeira e os níveis de desempenho de uma organização em vários aspectos.

Desta forma, a utilização de índices no processo de análise das demonstrações financeiras torna-se importante para medir a situação econômico-financeira, e também comparar o comportamento e desempenho das organizações em determinados períodos, com o objetivo de melhor extrair conclusões sobre a situação de determinada empresa e auxiliar os gestores na tomada de decisões.

Os indicadores financeiros são também empregados para minimizar os problemas de comparação entre empresas de tamanhos diferentes, pois os mesmos são considerados ferramentas de comparação e investigação das ligações entre diferentes informações financeiras (ROSS *et al.*, 2002).

Segundo Bodie e Merton (2002), para utilizar as demonstrações financeiras a fim de analisar o desempenho de uma empresa é necessário determinar um conjunto de índices para facilitar comparações ao longo do tempo e das empresas. Neste sentido, Cool e Schendel (1998, *apud* Martins *et al.*, 2010) recomendam o emprego de múltiplos indicadores para se obter uma avaliação consistente do desempenho.

Miranda (2008) ressalta que uma análise isolada de um índice não é suficiente para evidenciar informação relevante. Neste sentido Hajj (2005), cita que o estudo dos indicadores, extraídos das demonstrações contábeis dos bancos, normalmente o Balanço Patrimonial e a Demonstração do Resultado do Exercício exigem uma análise crítica do seu significado. Contudo, se determinado índice for analisado em vários períodos, e comparado com os de outras organizações ou com índices-padrão do mesmo setor, a análise pode tornar-se mais atraente em termos de comparabilidade e relevância, o que permite chegar a melhores conclusões acerca da real situação de uma companhia.

Neste contexto, esta pesquisa apresenta indicadores econômico-financeiros com o intuito de identificar e comparar o desempenho dos bancos das montadoras e dos bancos com carteira diversificada. Na próxima seção apresentam-se os indicadores econômico-financeiros para o setor bancário, conforme proposta da FEBRABAN.

2.6.2 Indicadores Econômico-Financeiros para o Setor Bancário-FEBRABAN

De acordo com Oliveira (2011), são escassos os estudos na academia que abordam indicadores econômico-financeiros especificamente para o setor bancário, mas destaca o estudo de indicadores elaborado pela FEBRABAN.

Desta forma, nesta seção apresenta-se os indicadores econômico-financeiros desenvolvidos pela FEBRABAN. No total são trinta e quatro indicadores divididos em oito categorias:

2.6.2.1 Índices de Liquidez: Corrente e Geral

Para Kidwell *et al.* (2008), a liquidez bancária refere-se à habilidade do banco em levantar recursos por meio de depósitos para pagar as obrigações à medida que as mesmas vencem, ou seja, a capacidade financeira do banco para pagar suas dívidas. O autor ressalta que as instituições financeiras estão expostas ao risco de liquidez à medida que sofrem perdas em operações de empréstimos ou investimentos e pela falta de liquidez dos depositantes e tomadores de empréstimos. Assim, na visão do autor, o acompanhamento e análise dos índices de liquidez tornam-se necessários à boa gestão financeira dos bancos, a fim de evitar a insolvência dos mesmos.

Os índices de liquidez demonstram a situação estática de condição de solvência das obrigações, ou seja, o confronto entre as diversas fontes de capital, além de contemplar todas as operações realizadas em todos os espaços de tempos existentes. (FEBRABAN, 1990). Os índices se subdividem em:

- índice de liquidez corrente que evidencia o quanto de disponibilidade a instituição tem para honrar seus compromissos, somente no curto prazo, e;
- índice de liquidez geral que demonstra o quanto há de disponível para pagamento das obrigações do curto e longo prazo.

Quanto ao índice de liquidez corrente, Matarazzo (2010) menciona que nem sempre uma liquidez alta é tão prejudicial quanto uma liquidez baixa, e explica que uma liquidez corrente alta pode ter origem no excesso de recursos não correntes no ativo circulante, e este excesso estaria melhor aplicado no ativo permanente ou em outra empresa. Caso haja exagero de estoques e de duplicatas a receber, Matarazzo (2010) explica que o resultado é um índice de liquidez corrente alto, o que contribui para redução da rentabilidade da empresa. Porém, se o índice de liquidez corrente for proveniente de baixo passivo circulante, então, pode ser fruto de uma boa administração, o que evita despesas financeiras de empréstimos bancários de curto prazo ou que obtém significativos descontos de fornecedores com pagamento à vista.

(...) o indicador de liquidez corrente, de acordo, possui um impacto misto na estrutura de capital, podendo o sinal tanto ser positivo como negativo. Empresas com alto grau de liquidez corrente poderiam comportar maior grau de endividamento externo, pois teriam melhores condições para

efetuar o pagamento dos empréstimos quando devido. Já as empresas com maior liquidez em seus ativos poderiam utilizá-los para financiar seus investimentos (OZKAN, 2001 *apud* NAKAMURA *et al.* 2007, p.76).

Assim, verifica-se que um alto índice de liquidez corrente não significa má administração e pode ser também proveniente de empréstimos de longo prazo em vez de créditos de curto prazo, por isso deve-se sempre analisar os motivos que geraram o alto índice para melhor interpretá-los.

De forma geral, os indicadores de liquidez merecem atenção especial por parte das instituições devido sua importância em cumprir com suas obrigações financeiras. Neste sentido, Miranda (2008) comenta que as instituições financeiras devem concentrar seus esforços na administração da liquidez, disponibilizando ativos líquidos suficientes para honrar o volume provável de saques efetuados pelos clientes em situação de normalidade.

Todavia, deve-se agir com cautela na aplicação de recursos quanto à realização dos ativos e vencimentos das exigibilidades. Normalmente, a liquidez e a rentabilidade têm objetivos conflitantes, haja vista, que o máximo de liquidez é obtido com muitos recursos financeiros disponíveis para quitar obrigações, o que conseqüentemente diminui a rentabilidade dos capitais totais alocados na organização (MARTINS, 2005).

2.6.2.2 Índices de Estrutura Patrimonial

Os índices que compõem a estrutura patrimonial são: grau de imobilização do patrimônio líquido; capital de terceiros e capital de giro próprio. Estes índices denotam a política do banco em relação ao endividamento e capitalização, dando também uma ideia da força de captação e indicam o nível de capital próprio do banco comprometido com ativos permanentes (FEBRABAN, 1990, p.65)

Quanto menores os índices de estrutura patrimonial melhor será a estrutura financeira do banco, pois o seu volume de capital próprio liberado para giro será maior. Caso contrário, a situação do banco pode ser interpretada como atípico em razão da existência de capital de giro próprio negativo. Estes indicadores também evidenciam:

- o grau de captação de recursos de terceiros em relação ao total de aplicações;
- a mensuração da parcela do capital próprio que cobre as operações;

- a agressividade do banco.

O indicador grau de imobilização do patrimônio líquido indica quanto à empresa aplicou no ativo permanente e sua interpretação é de quanto menor, melhor. Para Matarazzo (2010, p.93) “quanto mais a empresa investir no ativo permanente, menos recursos próprios sobrarão para o ativo circulante e, em consequência, maior será a dependência a capitais de terceiros para o financiamento do ativo circulante.” Assim, financeiramente, o ideal seria que as instituições dispusessem de patrimônio líquido suficiente para cobrir o ativo permanente e ainda sobrar uma parcela para financiar o ativo circulante.

Para Tomazoni e Menezes (2002), a estrutura de capital revela a relação entre dívidas e capital acionário de uma empresa e a decisão entre utilizar mais capital de terceiros ou mais capital próprio depende de uma série de fatores: o setor em que a empresa atua, a alíquota de impostos vigente, a disponibilidade de renovação das dívidas e as taxas praticadas no mercado.

(...) os credores têm preferência de recebimento, comparativamente aos detentores do capital próprio. Além disso, as dívidas geram despesas financeiras fixas, fato que inclui benefícios fiscais. É válida, então, a afirmação que o custo do capital de terceiros é menor do que o do capital próprio, levando à inevitável conclusão que a maior participação do *mix* de capitais diminui o custo do financiamento total (TOMAZONI, MENEZES, 2002, p.41-42).

Assim, o indicador capital de terceiros evidencia o quanto a empresa utilizou de capitais de terceiros para cada \$ 100 de capital próprio investido. Sua interpretação é quanto menor, melhor.

Quanto ao capital de giro, Braga (1991) menciona que a forma de administrar o capital de giro faz parte de um processo de planejamento e controle dos recursos financeiros que são aplicados no ativo circulante das empresas. O mesmo autor ainda comenta que esses recursos emanam de diversas obrigações a vencer em curto prazo, representadas no passivo circulante, e do excedente das exigibilidades de longo prazo e do patrimônio líquido em relação aos ativos não circulantes.

O objetivo do indicador capital de giro próprio é demonstrar quanto uma instituição financeira tem de recursos próprios financiados em suas operações. Segundo Assaf Neto (2010, p.287), “o montante de capital próprio a ser mantido por

uma instituição financeira é fortemente dependente do risco assumido em seus negócios, devendo ser suficiente para cobrir eventuais perdas que possam ocorrer”.

Observa-se a importância do capital próprio devido à sua responsabilidade junto às instituições financeiras de resguardar as perdas inerentes aos riscos das operações financeiras realizadas pelos bancos. Embora a análise dos índices de capital não apresentem o risco dos bancos, sua análise evidencia a estrutura de independência financeira.

2.6.2.3 Índices de Qualidade e Risco da Carteira de Operações de Crédito

Este grupo de índices tem como função avaliar o portfólio da instituição e de acordo com FEBRABAN (1990), deve indicar:

- se o nível de provisões efetuadas é suficiente para cobertura dos créditos em atraso (C.L);
- o grau de risco das operações;
- o volume de créditos em atraso (registrados na conta C.L), relacionando-o com o total da carteira. Quanto maior for o índice apurado, mais elevadas serão as perspectivas de perda da instituição. Mede o grau de inadimplência e da qualidade de liquidez da carteira;
- o nível de despesas com provisões para C.L em relação ao total;
- a inadimplência, relacionando o nível de crédito em atraso, registrados na conta C.L (perdas em potencial), com capital próprio da instituição;
- o nível de risco em relação ao capital próprio da instituição.

2.6.2.4 Índices de Alavancagem/Endividamento: Estrutura de Captação

Esse conjunto de índices relaciona as fontes de fundo entre si e registra a agressividade do banco pela relação capital de terceiros *versus* capital próprio. Quanto maior o resultado apurado, mais atuante e agressiva será a instituição em análise. (FEBRABAN, 1990).

Para Bodie e Merton (2002), o índice de alavancagem está relacionado ao uso de dinheiro emprestado que os acionistas de uma empresa utilizam com o objetivo de expandir seu ROE. Os autores ainda mencionam que uma alavancagem

financeira elevada amplia a variabilidade que a empresa experimenta em seu ROE ao longo do ciclo econômico e aumenta a probabilidade de insolvência.

Berk e Demarzo (2009) mencionam que, quando o resultado do índice de alavancagem for elevado, indica que a empresa está lucrando muito mais do que é necessário para cobrir seus pagamentos de juros.

2.6.2.5 Índices de Aplicações de Recursos de Curto e Longo Prazo

Para FEBRABAN (1990), as aplicações de recursos de curto e longo prazo visam demonstrar as diversas modalidades de aplicação, onde são relacionadas às aplicações por natureza, evidenciando sua participação em função dos recursos oriundos de terceiros mais o capital de giro próprio.

Os indicadores que compõem as aplicações de recursos de curto e longo prazo são: operações de crédito/capital de terceiros e próprios; aplicações interfinanceiras líquidas e títulos e valores mobiliários/capital de terceiros e próprios; carteira de câmbio/capital de terceiros e próprio; outros ativos de curto e longo prazo/capital de terceiros e próprio e total de ativos a curto e longo prazo/capital de terceiros e próprio.

Desta forma, verifica-se que os indicadores de aplicação de curto e longo prazo são formados por contas específicas das instituições financeiras como operações de crédito, aplicações interfinanceiras e carteira de câmbio sobre o capital de terceiros e próprios, o que permite extrair informações o quanto a instituição está aplicando de recursos nestas operações específicas.

2.6.2.6 Índices Operacionais

Estes indicadores visam esclarecer o comportamento operacional da instituição em seu ramo de atividades, ou seja, mede o seu desempenho em relação ao volume de receitas auferido no período; e poderão ser comparados com os análogos dos concorrentes. Dividem-se em margem operacional e margem líquida. (FEBRABAN, 1990).

Para Oliveira (2011), os indicadores operacionais demonstram o comportamento operacional dos bancos, e para isso, relacionam resultados operacionais e resultado líquido com receitas operacionais.

O índice de margem operacional visa medir a eficiência operacional da instituição financeira. Para Berk e Demarzo (2009, p.66), “comparando-se as margens operacionais de diferentes empresas de uma indústria, podemos avaliar a eficiência relativa das operações das empresas”. Os autores ainda mencionam que as diferenças nas margens operacionais podem resultar de diferenças estratégicas, como exemplo uma empresa pode possuir uma margem operacional de 9,8% e outra empresa possuir 5,9%, a empresa com menor margem não significa ineficiência, mas parte de uma estratégia de oferecer preços mais baixos para vender produtos comuns em grande volume.

Quanto ao indicador de Margem Líquida, Assaf Neto (2010, p.293) cita que a mesma “é formada pelos vários resultados da gestão dos ativos e passivos dos bancos (taxas, prazos, receitas e despesas), permitindo avaliar a função básica de intermediação financeira de um banco”. Segundo Berk e Demarzo (2009), as possíveis diferenças encontradas na margem líquida podem ocorrer devido a diferenças na eficiência ou na alavancagem das empresas.

2.6.2.7 Índices de Participação das Principais Despesas sobre as Receitas Operacionais

Este conjunto de índices demonstra o desempenho da instituição relacionado a custos o que permite a identificação e análise das causas de um melhor ou pior desempenho. (FEBRABAN, 1990).

As contas que compõem o conjunto de indicadores de participação das despesas sobre as receitas operacionais são: despesas de captação, despesas de empréstimos e repasses, despesas administrativas, despesas com provisão para crédito de liquidação duvidosa, assim para elaboração do indicador todas estas contas são dividida pelas receitas operacionais com objetivo de medir o quanto estas despesas representam em relação às receitas operacionais da instituição num determinado período.

2.6.7.8 Índices de Rentabilidade Média

Este grupo de índices expressa o retorno obtido em relação ao Patrimônio Líquido, Ativo Total e aos Investimentos em controladas/coligadas, ou seja, são relacionados os resultados globais, o lucro (operacional ou líquido) da instituição, ou o resultado da equivalência patrimonial com os valores que expressem sua dimensão, avaliando assim sua rentabilidade.(FEBRABAN, 1990)

Para Oliveira (2011, p.27) “os indicadores de rentabilidade média estão entre os mais utilizados pelos usuários das demonstrações financeiras. Eles evidenciam relação entre os resultados obtidos pela instituição e os recursos aportados”.

Neste sentido Hajj (2005), menciona que os indicadores de rentabilidade são relevantes para o estudo do desempenho das instituições financeiras, pois os ativos, considerados recursos alocados, devem gerar benefícios econômicos (lucro), no mínimo, para remunerar os valores registrados nos passivos, tais como: riscos e custos com a intermediação financeira.

Os indicadores de rentabilidade média dividem-se em: rentabilidade operacional do patrimônio líquido, rentabilidade final do patrimônio líquido, total. Para a FEBRABAN (1990), estes indicadores são calculados considerando-se a média entre dois anos, por isso, são denominados de indicadores de rentabilidade média.

Para FEBRABAN (1990), o índice rentabilidade operacional do patrimônio líquido indica o retorno do patrimônio líquido excluindo valores não usuais ou não operacionais, enquanto o índice rentabilidade final do patrimônio líquido evidencia o retorno líquido em relação ao capital próprio da instituição. É considerado um índice mais estável que o índice rentabilidade operacional do patrimônio líquido, pois, considera-se que o patrimônio líquido é mais estável que o índice que mede a rentabilidade líquida do ativo total em diferentes condições econômicas.

O índice rentabilidade dos investimentos em controladas e coligadas evidencia o retorno de alguns investimentos em empresas ligadas, considerando as variações de um exercício para outro.

Quanto ao índice rentabilidade do ativo total, FEBRABAN (1990) menciona que o mesmo indica o retorno líquido sobre o total de ativos de uma instituição e está relacionado com o índice alavancagem, pois permite identificar a eficácia da

estratégia operacional da instituição se tem o perfil de mais ou menos agressiva. Contudo, este índice deve ser analisado com atenção devido ao giro, quase diário, dos ativos e isto o torna manipulável. Sendo assim, é indicado para instituições financeiras não habilitadas a operarem no mercado com operações compromissadas (carteira financiada).

Os indicadores de rentabilidade e lucratividade estão relacionados à geração de resultados. Desta forma, para elaboração dos índices é utilizada como fonte de informações a Demonstração do Resultado do Exercício. Neste sentido, Marion (2010) menciona que os indicadores de rentabilidade e lucratividade abordam aspectos econômicos relacionados à habilidade das empresas em gerar resultados.

2.7 Estrutura Contábil das Instituições Financeiras no Brasil

Nesta seção, apresenta-se a estrutura do plano de contas para as instituições financeiras, o COSIF, nos aspectos relacionados ao seu objetivo, estrutura e características, a fim de informar os procedimentos estabelecidos pelo COSIF às instituições financeiras no Brasil.

2.7.1 Plano Contábil das Instituições Financeiras do Sistema Financeiro Nacional (COSIF)

O Plano de Contas é um conjunto de contas, diretrizes e normas que visam uniformizar os registros contábeis para as instituições.

(...) as normas gerais, procedimento e critérios de escrituração contábil de elaboração das demonstrações financeiras dos bancos comerciais e múltiplos encontram-se consubstanciadas no Plano Contábil das Instituições Financeiras do Sistema Financeiro Nacional – COSIF (ASSAF NETO, 2010, p.265).

Assim, o COSIF é o plano de contas padronizado utilizado pelas instituições financeiras no Brasil e criado, por meio, da edição da Circular 1.273, em 29 de dezembro de 1987.

(...) o objetivo do COSIF é uniformizar os registros, racionalizar a utilização das contas, estabelecer regras, critérios e procedimentos necessários à obtenção e divulgação de dados, possibilitar o acompanhamento do sistema financeiro, bem como análise, a avaliação do desempenho e o controle pelo Banco Central, de modo que as demonstrações financeiras expressem, com

fidedignidade e clareza, a real situação econômica-financeira da instituição (NIYAMA, 2005, p.40).

De acordo com BACEN (2012) as normas e procedimentos, bem como as demonstrações financeiras padronizadas previstas no COSIF, são de uso obrigatório para:

- a) os bancos múltiplos;
- b) os bancos comerciais;
- c) os bancos de desenvolvimento;
- d) as caixas econômicas;
- e) os bancos de investimento;
- f) os bancos de câmbio;
- g) as sociedades de crédito, financiamento e investimento;
- h) as sociedades de crédito ao microempreendedor;
- i) as sociedades de crédito imobiliário e associações de poupança e empréstimo;
- j) as sociedades de arrendamento mercantil;
- l) as sociedades corretoras de títulos e valores mobiliários e câmbio;
- m) as sociedades distribuidoras de títulos e valores mobiliários;
- n) as cooperativas de crédito;
- o) os fundos de investimento;
- p) as companhias hipotecárias;
- q) as agências de fomento ou de desenvolvimento;
- r) as administradoras de consórcio;
- s) as empresas em liquidação extrajudicial.

O COSIF está dividido em quatro capítulos, conforme instrução do BACEN:

No capítulo 1, estão as normas básicas que consolidam os princípios, critérios e procedimentos contábeis que devem ser utilizados por todas as instituições integrantes do Sistema Financeiro Nacional;

No capítulo 2, consta o Elenco de Contas onde são apresentadas as contas integrantes do plano contábil e respectivas funções;

No capítulo 3, apresentam-se os Documentos nos quais constam os modelos de documentos de natureza contábil que devem ser elaborados pelas instituições integrantes do Sistema Financeiro Nacional;

No capítulo 4, estão os Anexos, que apresentam as normas editadas por outros organismos (CPC, IBRACON etc.) que foram recepcionadas para aplicação às instituições financeiras e demais instituições autorizadas a funcionar por este Banco Central do Brasil.

2.7.2 Estrutura e Classificação das Contas

As contas do COSIF são codificadas e obedecem a seguinte estrutura, conforme Circular 1.273:

a) 1º dígito - GRUPOS

I - Ativo:

1 – Circulante e Realizável a Longo Prazo

2 - Permanente;

3 - Compensação;

II - Passivo:

4 - Circulante e Exigível a Longo Prazo;

5 - Resultados de Exercícios Futuros;

6 - Patrimônio Líquido;

7 - Contas de Resultado Credoras;

8 - Contas de Resultado Devedoras;

9 - Compensação.

b) 2º dígito – Subgrupos

c) 3º dígito – Desdobramentos dos Subgrupos

d) 4º e 5º dígitos – Títulos Contábeis

e) 6º e 7º dígitos - Subtítulos Contábeis

f) 8º dígito - Controle (dígito verificador)

O dígito de controle da conta é obtido segundo a regra abaixo:

a) multiplica-se cada algarismo do código, respectivamente, por 3, 7 e 1, da direita para a esquerda;

b) somam-se as 7 (sete) parcelas resultantes;

- c) divide-se o total obtido por 10 (dez);
- d) a diferença entre 10 (dez) e o resto (R) dessa divisão, ou seja, $(10 - R)$ é o dígito de controle;
- e) se o resto da divisão for 0 (zero), o dígito de controle também é 0 (zero).

Ressalta-se que a instituição não pode alterar ou modificar qualquer elemento caracterizador da conta padronizada, ou seja: código, título, subtítulo ou função. (Circular 1.273).

Quanto à classificação, as contas do COSIF são classificadas em 11 grupos que são compostos pelas contas apresentadas a seguir, conforme instruções da Circular 1.273; Resolução 3.617 artigo 1º e 2º; Resolução 3.642 artigo 1º.

1- Ativo - as contas dispõem-se em ordem decrescente de grau de liquidez, nos seguintes grupos:

a) Circulante:

I - disponibilidades;

II - direitos realizáveis no curso dos doze meses seguintes ao balanço;

III - aplicações de recursos no pagamento antecipado de despesas de que decorra obrigação a ser cumprida por terceiros no curso dos doze meses seguintes ao balanço;

b) Realizável a Longo Prazo:

I - direitos realizáveis após o término dos doze meses subsequentes ao balanço;

II - operações realizadas com sociedades coligadas ou controladas, diretores, acionistas ou participantes no lucro da instituição que, se autorizadas, não constituam negócios usuais na exploração do objeto social;

III - aplicações de recursos no pagamento antecipado de despesas de que decorra obrigação a ser cumprida por terceiros após o término dos doze meses seguintes ao balanço;

c) Permanente:

I - Investimentos:

- participações permanentes em outras sociedades, inclusive subsidiárias no exterior;

- capital destacado para dependências no exterior;

- investimentos por incentivos fiscais;
- títulos patrimoniais;
- ações e cotas;
- outros investimentos de caráter permanente;

II - Imobilizado:

- direitos que tenham por objeto bens corpóreos destinados à manutenção das atividades da entidade ou exercidos com essa finalidade, inclusive os decorrentes de operações que transfiram à entidade os benefícios, riscos e controle desses bens. Os bens objeto das operações de arrendamento mercantil devem ser registrados no ativo imobilizado das instituições arrendadoras conforme regulamentação específica;

III - Diferido:

- despesas pré-operacionais e os gastos de reestruturação que contribuirão, efetivamente para o aumento do resultado de mais de um exercício social, e que não configurem tão-somente redução de custos ou acréscimo de eficiência operacional;

IV - Intangível

- direitos adquiridos que tenham por objeto bens incorpóreos, destinados à manutenção da entidade ou exercidos com essa finalidade, inclusive aqueles correspondentes à prestação de serviços de pagamento de salários, proventos, soldos, vencimentos, aposentadorias, pensões e similares.

2- Passivo - as contas classificam-se nos seguintes grupos:

a) Circulante:

obrigações, inclusive financiamentos para aquisição de direitos do Ativo Permanente, quando vencerem no curso dos doze meses seguintes ao balanço;

b) Exigível a Longo Prazo:

- obrigações, inclusive financiamentos para aquisição de direitos do Ativo Permanente, quando vencerem após o término dos doze meses subsequentes ao balanço;

3- Resultados de Exercícios Futuros - representam recebimentos antecipados de receitas antes do cumprimento da obrigação que lhes deu origem, diminuídas dos

custos e despesas a elas correspondentes, quando conhecidos, a serem apropriadas em períodos seguintes e que de modo algum sejam restituíveis.

4- Patrimônio Líquido - divide-se em:

- a) Capital Social;
- b) Reservas de Capital;
- c) Reservas de Reavaliação;
- d) Reservas de Lucros;
- e) Lucros ou Prejuízos Acumulados.

5- No Circulante e no Longo Prazo, a classificação das contas obedece às seguintes normas:

- a) Nos balancetes de março, junho, setembro e dezembro a classificação observa segregação de direitos realizáveis e obrigações exigíveis até três meses seguintes ao balancete dos realizáveis ou exigíveis após o término desse prazo;
- b) O levantamento dos valores realizáveis ou exigíveis até três meses e após esse prazo pode ser realizado extra contabilmente ao final de cada trimestre civil. Os relatórios e demais comprovantes utilizados no levantamento constituem documentos de contabilidade, devendo permanecer
- c) arquivados, juntamente com o movimento do dia, devidamente autenticados, para posteriores averiguações;
- d) Quando houver pagamentos e recebimentos parcelados, a classificação se faz de acordo com o vencimento de cada uma das parcelas;
- e) As operações de prazo indeterminado, para efeito de segregação nos balancetes nos quais é exigida, classificam-se, as ativas no realizável após três meses e as passivas no exigível até três meses, ressalvados, contudo, os fundos ou programas especiais alimentados com recursos de governos ou entidades públicas e executados na forma de disposições legais ou regulamentares que, devido a suas características de longo prazo, devem ser classificados no exigível após três meses;
- f) Na classificação, levam-se em conta o principal, as rendas e os encargos do período, variações monetária e cambial, rendas e despesas a apropriar;

- g) Observada a ordem das contas, os valores correspondentes ao realizável ou exigível até três meses e após três meses inscrevem-se nas colunas verticais auxiliares dos modelos de balancete e balanço geral;
- h) Para fins de publicação, além das demais disposições, os valores realizáveis e exigíveis até um ano e após um ano devem ser segregados, respectivamente, em Circulante e Longo Prazo, na forma da Lei;
- i) Para fins de publicação, os títulos e valores mobiliários classificados na categoria títulos para negociação devem ser apresentados no ativo circulante, independentemente do prazo de vencimento.

6- Contas Retificadoras - figuram de forma subtrativa, após o grupo, subgrupo, desdobramento ou conta a que se refiram.

7- Contas de Compensação - utilizam-se Contas de Compensação para registro de quaisquer atos administrativos que possam transformar-se em direito, ganho, obrigação, risco ou ônus efetivos, decorrentes de acontecimentos futuros, previstos ou fortuitos.

8- Desdobramentos - para efeito de evidenciar a fonte do recurso, o direcionamento do crédito e a natureza das operações, o Ativo e o Passivo são desdobrados nos seguintes níveis:

- a) 1º grau - grupo;
- b) 2º grau - subgrupo;
- c) 3º grau - desdobramentos do subgrupo;
- d) 4º grau - título;
- e) 5º grau - subtítulo.

9- Subtítulos de Uso Interno - a instituição pode adotar desdobramentos de uso interno ou desdobrar os de uso oficial, por exigência do Banco Central ou em função de suas necessidades de controle interno e gerencial, devendo, em qualquer hipótese, ser passíveis de conversão ao sistema padronizado.

10- A vinculação das despesas e dos gastos registrados no Ativo Diferido com o aumento do resultado de mais de um exercício social deve ser baseada em estudo técnico elaborado pela entidade, coerente com as informações utilizadas em outros relatórios operacionais, demonstrando, no mínimo:

- a) as condições mencionadas no item 1.1.5.1.c.III;
- b) o cálculo da estimativa do período em que serão usufruídos os benefícios decorrentes das aplicações.

11- Os saldos existentes no Ativo Imobilizado e no Ativo Diferido constituídos antes da entrada em vigor da Resolução nº 3.617, de 30 de setembro de 2008, que tenham sido registrados com base em disposições normativas anteriores, devem ser mantidos até a sua efetiva baixa.

A classificação e apresentação das contas contábeis das instituições financeiras no plano de contas do COSIF auxiliam na construção dos indicadores econômico-financeiros objeto de estudo desta pesquisa, pois contribui para identificação das contas utilizadas nas fórmulas dos indicadores.

Destaca-se que apesar das alterações nas contas contábeis advindas da Lei 11.638/2007, não houve alteração na estrutura e nomenclatura de algumas contas que ainda constam no COSIF, por exemplo, os grupos: Ativo Permanente e Diferido, apesar de não serem mais utilizados na contabilidade das empresas, em geral, ainda permanecem no plano de contas das instituições financeiras.

2.8 Revisão de Literatura sobre o Tema

Apresentam-se nesta seção as pesquisas dos autores Kubota (2012) que pesquisou a montadora e o banco Toyota, assim como os autores Borges *et al.* (2011), Oliveira (2011), Macedo *et al.* (2006), Hajj (2005) que utilizaram os indicadores econômico-financeiros para análise de desempenho das organizações.

A pesquisa de Kubota (2012) teve como objetivo investigar, sob a perspectiva da Estratégia Empresarial, a lógica de negócios utilizada pela Montadora Toyota na constituição do banco Toyota. O autor buscou contextualizar a competição das montadoras entre si e também dos bancos das montadoras e os bancos comerciais. Na metodologia, foi utilizado o estudo de caso, entrevistas e

análise de documentos. Constatou-se que o banco Toyota representa para a montadora um agente redutor do custo transacional, e um potencial para a criação e captura de valor.

Borges *et al.* (2011) analisaram e compararam os indicadores do setor bancário do Brasil e dos Estados Unidos antes, durante e após a crise financeira mundial de 2008. Utilizaram 9 índices e aplicaram a técnica estatística ANOVA para os 50 maiores bancos do Brasil e Estados Unidos. Os resultados obtidos evidenciaram que os impactos da crise foram semelhantes nos índices de liquidez, na estrutura de capital e na rentabilidade dos bancos brasileiros e americanos.

Oliveira (2011), em sua dissertação de mestrado, teve como objetivo investigar a relação entre as aplicações em títulos e valores mobiliários e os indicadores econômico-financeiro, propostos pela FEBRABAN, de 104 instituições financeiras entre 2005 e 2010. Utilizou-se a técnica de Dados em Painel e a conclusão da pesquisa foi que as aplicações em títulos e valores mobiliários são relevantes para explicar o comportamento dos indicadores econômico-financeiros.

Macedo *et al.* (2006) analisaram o desempenho de bancos em operação no Brasil no ano de 2003, utilizando variáveis contábil-financeiras, conjugadas com o uso de Análise de Envoltória de Dados (DEA). Os resultados evidenciaram que tanto as instituições financeiras grandes quanto as pequenas e médias possuem condições de sobrevivência e competição, pois o tamanho não gera competitividade, mas sim o desempenho superior.

Hajj (2005), em sua tese de doutorado, apresentou como objetivo testar a hipótese se há diferença entre as variáveis dos fatores extraídos dos indicadores contábeis de rentabilidade, solvência e liquidez, nível de operações de crédito e eficiência dos bancos privados nacionais e estrangeiros, durante o período do Plano Real. Para obtenção dos resultados foi utilizada a técnica estatística análise fatorial que comprovou a hipótese e assim evidenciou as variáveis que apresentaram diferenças nos indicadores propostos na pesquisa.

Assim, das pesquisas encontradas, que abordaram os temas análise de desempenho por meio de indicadores financeiros e bancos das montadoras, nenhuma estudou o desempenho dos bancos das montadoras, utilizando-se dos indicadores econômico-financeiros. Desta forma, abre-se espaço para desenvolvimento deste estudo.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para Martins e Theóphilo (2007, p.37), “a ciência busca captar a realidade; a metodologia trata de como isso pode ser alcançado”. Sendo assim, nesta seção são apresentados os procedimentos metodológicos da pesquisa como: caráter metodológico, estratégias de planejamento da pesquisa, instrumentos da pesquisa, indicadores econômico-financeiros, amostra e população, modelo estatístico e tratamento e análise dos dados.

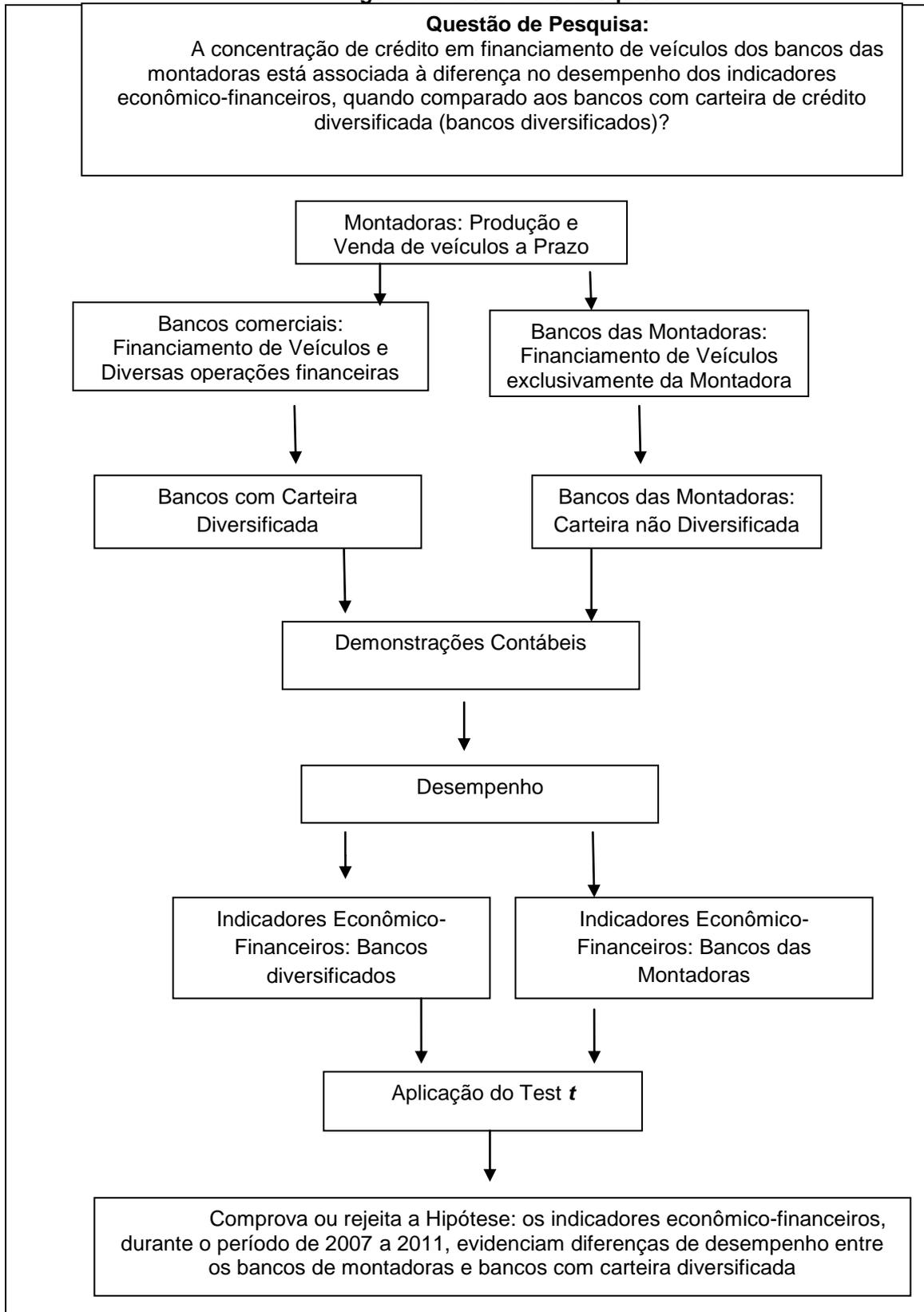
3.1 Caráter Metodológico

Nesta seção apresenta-se o desenho da pesquisa com o intuito de proporcionar dimensão da estrutura do estudo.

A pesquisa parte do pressuposto que os bancos das montadoras concentram suas operações no financiamento de veículos das suas controladoras, as montadoras. Desta forma, estão condicionadas a oferecer aos clientes da montadora, que passam a ser seus clientes, especificamente pelo financiamento de veículos,

Sendo assim, caracteriza-se o desenho da pesquisa conforme a Figura 1:

Figura 1 - Desenho da Pesquisa



A Figura 1 demonstra que as montadoras ao produzir e efetuar uma venda a prazo têm seus automóveis financiados por banco da própria montadora ou bancos

diversificados, que possuem operações financeiras diversas dentre elas o financiamento de veículos, ou seja, são bancos que diversificam sua carteira, ao contrário dos bancos das montadoras, cujas atividades são exclusivamente para a montadora. Assim, por meio das demonstrações contábeis extrai-se os dados necessários para elaboração dos indicadores dos dois grupos de bancos, que serve de base para aplicação do teste *t* de *Student*, cujo resultado é evidenciar se ocorreram diferenças significativas entre os indicadores e identificar quais indicadores econômico-financeiros apresentaram as diferenças significativas.

3.2 Estratégias de Planejamento da Pesquisa

Quanto à abordagem metodológica, a pesquisa caracteriza-se como empírica. Theófilo e Ludícibus (2001, p.5) mencionam que pesquisa empírica é: “a ciência que explica apenas a face observável da realidade. A superfície dos fenômenos é a única dimensão alcançada pelos sentidos”.

Para Sampieri *et al.* (2006), o enfoque quantitativo, além de coletar dados para responder a questão de pesquisa, busca medir as variáveis foco do estudo por meio de técnicas estatísticas. Sendo assim, esta pesquisa caracteriza-se como quantitativa, pois serão realizadas a coleta de dados e a utilização da técnica estatística Teste *t* para identificar se em relação ao desempenho há entre os bancos das montadoras e os bancos diversificados diferenças significativas.

No que tange à relação ao objeto de estudo, a pesquisa classifica-se como descritiva. Raupp e Beuren (2003) destacam que a pesquisa descritiva é considerada intermediária, pois está entre a exploratória e a explicativa, sendo representada por verbos como: identificar, relatar e comparar. Desta forma, esta pesquisa buscou identificar os bancos das montadoras, relatar suas características e compará-los aos demais bancos.

Quanto à estratégia ou delineamento da pesquisa, o estudo classifica-se em documental, pois as Demonstrações Contábeis serviram de base para coleta de dados para elaboração dos indicadores. Gil (2011) conceitua a pesquisa documental como aquela baseada em materiais que podem ser trabalhados a fim de atingir os objetivos do pesquisador.

Os dados foram coletados por meio de informações disponibilizadas no site do BACEN, ANFAVEA, ANEF, bancos das montadoras e caderno de estudo da FEBRABAN.

As Demonstrações Financeiras utilizadas como fonte de dados secundários para composição dos indicadores foram: Balanço Patrimonial e Demonstração do Resultado do Exercício, obtidos no *site* do BACEN, no *link* Sistema Financeiro Nacional, informações cadastrais e contábeis, informações trimestrais. Para esta pesquisa, as empresas foram selecionadas pelo nome e depois escolhido o quarto trimestre, a fim de obter os saldos das demonstrações na data de trinta e um do mês doze dos anos de 2007 a 2011.

A pesquisadora não teve influência sobre as variáveis, por isso, classifica-se esta dissertação como um estudo *ex post facto*. Para Cooper e Schindler (2011, p.145), “com um planejamento *ex post facto* os investigadores não têm controle sobre as variáveis no sentido de poderem manipulá-las. Eles podem relatar apenas o que aconteceu ou o que está acontecendo”. Sendo assim, os indicadores econômico-financeiros foram apenas relatados, uma vez que para a obtenção dos mesmos os dados foram extraídos das Demonstrações Financeiras, que são publicadas no site do BACEN e, portanto, não sofrem nenhuma alteração. As fórmulas utilizadas foram baseadas na literatura pesquisada e não foram modificadas, ou seja, todos os números e fórmulas foram mantidos da fonte original.

3.3 Instrumentos da Pesquisa

Os indicadores econômico-financeiros escolhidos para esta pesquisa foram os indicadores desenvolvidos pela FEBRABAN, pois dentre os indicadores para o setor bancário foi o que apresentou maior quantidade de indicadores (34).

Desta forma, 34 indicadores foram propostos pela FEBRABAN que os agrupou em oito categorias conforme sua finalidade de análise, são eles: índices de liquidez, estrutura patrimonial, qualidade e risco da carteira de operações de crédito, alavancagem/endividamento-estrutura de captação, aplicação de recursos de curto e longo prazo, operacionais, participação das principais despesas sobre as receitas operacionais e rentabilidade.

No Quadro 10 apresenta-se os índices propostos pela FEBRABAN com suas fórmulas e classificação por categorias.

Quadro 10: Indicadores FEBRABAN

| ÍNDICE | FÓRMULA | CATEGORIA |
|---------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------|
| Liquidez Geral | $\frac{\text{Circulante} + \text{Realizável a Longo Prazo}}{\text{Passivo Circulante} + \text{Exigível a Longo Prazo}}$ | Liquidez |
| Liquidez Corrente | $\frac{\text{Ativo Circulante}}{\text{Passivo Circulante}}$ | Liquidez |
| Grau de Imobilização do Patrimônio Líquido | $\frac{\text{Ativo Permanente} \times 100}{\text{Patrimônio Líquido}}$ | Estrutura Patrimonial |
| Capital de Terceiros/Ativo Total | $\frac{\text{Passivo Circulante} + \text{Exigível a Longo Prazo} \times 100}{\text{Ativo Total}}$ | Estrutura Patrimonial |
| Capital de Giro Próprio | $\frac{\text{Patrimônio Líquido} - \text{Ativo Permanente} \times 100}{\text{Patrimônio Líquido}}$ | Estrutura Patrimonial |
| Provisão para Crédito de Liquidação Duvidosa sobre Carteira de Operações de Crédito | $\frac{\text{Provisões Crédito em Liquidação} \times 100}{\text{Carteira de Operações de Crédito}}$ | Qualidade e Risco da Carteira de Crédito |
| Créditos em Liquidação sobre Carteira de Operações de Crédito | $\frac{\text{CL - Créditos em Liquidação}}{\text{Carteira de Operações de Crédito}}$ | Qualidade e Risco da Carteira de Crédito |
| Despesa Provisão para Crédito de Liquidação Duvidosa sobre Carteira de Operações de Crédito | $\frac{\text{Despesa com Provisão Crédito em Liquidação} \times 100}{\text{Carteira de Operações de Crédito}}$ | Qualidade e Risco da Carteira de Crédito |
| Crédito em Liquidação sobre Patrimônio Líquido | $\frac{\text{Operações Crédito em Liquidação} \times 100}{\text{Patrimônio Líquido}}$ | Qualidade e Risco da Carteira de Crédito |
| Despesa com Provisão para Crédito de Liquidação Duvidosa sobre Patrimônio Líquido | $\frac{\text{Despesas com Provisões Crédito em Liquidação} \times 100}{\text{Patrimônio Líquido}}$ | Qualidade e Risco da Carteira de Crédito |
| Depósito à Vista sobre Patrimônio Líquido | $\frac{\text{Depósitos à Vista}}{\text{Patrimônio Líquido}}$ | Alavancagem: Estrutura de Captação |
| Depósitos Interfinanceiros (CDI) | $\frac{\text{Depósitos Interfinanceiros (CDI)}}{\text{Patrimônio Líquido}}$ | Alavancagem: Estrutura de Captação |

| | | |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------|
| sobre Patrimônio Líquido | | |
| Depósitos a Prazo sobre Patrimônio Líquido | <u>Depósitos a Prazo</u> Patrimônio Líquido | Alavancagem: Estrutura de Captação |
| Captações no Mercado Aberto sobre Patrimônio Líquido | <u>Captações no Mercado Aberto</u> Patrimônio Líquido | Alavancagem: Estrutura de Captação |
| Aceites, Emissão, Endosso de Títulos sobre Patrimônio Líquido | <u>Aceites, Emissão, Endosso de Títulos</u> Patrimônio Líquido | Alavancagem: Estrutura de Captação |
| Empréstimos e Repasses sobre Patrimônio Líquido | <u>Empréstimos e Repasses</u> Patrimônio Líquido | Alavancagem: Estrutura de Captação |
| Alavancagem Total (inclusive avais e finanças) sobre Patrimônio Líquido | <u>Passivo Circulante+ Exigível a Longo Prazo+Avais e Fiança x 100</u> Patrimônio Líquido | Alavancagem: Estrutura de Captação |
| Operações de Crédito sobre Capital de Terceiros e Próprio | <u>Operações de Crédito</u> Capital de Terceiros e Próprio | Aplicação de Recursos de Curto e Longo Prazo |
| Aplicação Interfinanceira Líquida e Títulos e Valores Mobiliários sobre Capital de Terceiros e Próprio | Aplicação Interfinanceira Líquida e Títulos e Valores <u>Mobiliários</u> Capital de Terceiros e Próprio | Aplicação de Recursos de Curto e Longo Prazo |
| Carteira de Câmbio sobre Capital de Terceiros e Próprio | <u>Carteira de Câmbio</u> Capital de Terceiros e Próprio | Aplicação de Recursos de Curto e Longo Prazo |
| Outros Ativos de Curto e Longo Prazo sobre Capital de Terceiros e Próprio | <u>Outros Ativos Curto Longo Prazo</u> Capital de Terceiros e Próprio | Aplicação de Recursos de Curto e Longo Prazo |
| Total de Ativos de Curto e Longo Prazo sobre Capital de Terceiros e Próprios | <u>Total de Ativos de Curto e Longo Prazo</u> Capital de Terceiros e Próprios | Aplicação de Recursos de Curto e Longo Prazo |
| Resultado da Atividade Financeira Básica sobre Receitas Operacionais | <u>Resultado da Atividade Financeira Básica</u> Receitas Operacionais | Operacionais |
| Margem Operacional | <u>Resultado Operacional</u> Receitas Operacionais | Operacionais |
| Margem Líquida | <u>Resultado Líquido</u> | Operacionais |

| | | |
|----------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------|
| | Receitas Operacionais | |
| Despesas de Captação sobre Receitas Operacionais | $\frac{\text{Despesas de Captação}}{\text{Receitas Operacionais}}$ | Participação Principais Despesas sobre Receitas |
| Despesas de Empréstimos e Repasses sobre Receitas Operacionais | $\frac{\text{Despesas de Empréstimos e Repasses}}{\text{Receitas Operacionais}}$ | Participação Principais Despesas sobre Receitas |
| Despesas Administrativas sobre Receitas Operacionais | $\frac{\text{Despesas Administrativas}}{\text{Receitas Operacionais}}$ | Participação Principais Despesas sobre Receitas |
| Despesas com Provisões para Crédito de Liquidação Duvidosa sobre Receitas Operacionais | $\frac{\text{Despesas com Provisões para Crédito de Liquidação Duvidosa}}{\text{Receitas Operacionais}}$ | Participação Principais Despesas sobre Receitas |
| Rentabilidade Operacional do Patrimônio Líquido | $\frac{\text{Resultado Operacional}}{\text{Patrimônio Líquido Médio}} \times 100$ | Rentabilidade |
| Rentabilidade dos Investimentos em controladas/coligadas | $\frac{\text{Resultado da Equivalência Patrimonial}}{\text{Investimentos em Coligadas/Controladas}} \times 100$ | Rentabilidade Média |
| Rentabilidade Final do Patrimônio Líquido | $\frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Patrimônio Líquido Médio}} \times 100$ | Rentabilidade Média |
| Rentabilidade dos Investimentos em Controladas/Coligadas | $\frac{\text{Resultado da Equivalência Patrimonial}}{\text{Investimentos em Coligadas/Controladas}} \times 100$ | Rentabilidade Média |
| Rentabilidade do Ativo Total | $\frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Ativo Total Médio}}$ | Rentabilidade Média |

Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados da FEBRABAN, 1990.

3.4 População e Amostra

Quanto à população, Cooper e Schindler (2011) mencionam que uma população-alvo é formada por pessoas, eventos ou registros que contêm as informações desejadas e podem responder as questões de mensuração.

Martins e Theóphilo (2001) conceituam uma amostra como um conjunto de indivíduos, ou objetos que possuem em comum determinadas características definidas para o estudo.

Assim, a população desta pesquisa são os bancos das montadoras e os maiores bancos diversificados com base no maior valor do Ativo Total. A amostra é composta pelos bancos das montadoras de veículos automotores inscritos na ANEF conforme posição em 31/12/2011, e os maiores bancos com base no percentual de participação do Ativo Total, excluindo os bancos de investimento, divulgados no site do BACEN em 31/12/2011.

No Quadro 11 apresenta-se os bancos das montadoras, conforme informações divulgadas pela ANEF em 31/12/2011.

Quadro 11 – Bancos das Montadoras no Brasil

| BANCOS DE MONTADORA | MONTADORAS |
|----------------------------|------------------------------------|
| CNH | New Holland |
| Fiat | Fiat |
| Fidis | Fiat/Iveco/Chrysler/Jeep/Dodge/Ram |
| Ford | Ford |
| Gmac | Chevrolet |
| Honda | Honda |
| Iveco | Iveco |
| Mercedes Benz | Mercedes Benz |
| PSA | Peugeot e Citroen |
| Renault | Renault |
| Scania | Scania |
| Toyota | Toyota |
| Volkswagen | Volkswagen |
| Volvo | Volvo |

Fonte: ANEF, 2011

O banco CNH foi excluído da amostra, pois seus financiamentos referem-se a máquinas agrícolas e não a financiamento de veículos. Os bancos Iveco, Scania e Volkswagen foram excluídos da amostra por não possuírem informações completas para o período analisado.

Para seleção da amostra dos bancos com carteira diversificada utilizou-se como fonte de informações o *site* do BACEN, *link* sistema financeiro nacional, informações cadastrais e contábeis, cinquenta maiores bancos do sistema financeiro

nacional; selecionou-se também o período de dezembro/2011, o relatório: resumo e quanto à classificação: ativo total.

Inicialmente foram escolhidos, os dez primeiros bancos do relatório, extraído do *site* do BACEN, que estão ordenados do maior para o menor baseado no valor total de seus ativos, conforme demonstrado no Quadro 12 .

Quadro 12 – Dez maiores bancos classificados conforme maior valor do Ativo Total.

| Instituições | Ativo total | % s/ Total de Ativos das Instituições do SFN |
|-------------------------|-------------|----------------------------------------------|
| BB | 935.009.463 | 18% |
| ITAU | 815.220.206 | 16% |
| BRADESCO | 666.320.079 | 13% |
| BNDES | 603.698.324 | 12% |
| CAIXA ECONOMICA FEDERAL | 511.031.048 | 10% |
| SANTANDER | 431.759.588 | 8% |
| HSBC | 146.593.297 | 3% |
| VOTORANTIM | 115.373.092 | 2% |
| SAFRA | 87.728.360 | 2% |
| BTG PACTUAL | 58.159.704 | 1% |

Fonte: BACEN, 2011.

Observa-se no Quadro 12 os dez bancos selecionados com seus respectivos valores de ativo total e percentual baseado no total de ativos das 275 instituições financeiras que compõem o SFN, cujo valor total é R\$ 5.135.488.660, conforme informações disponibilizadas no *site* do BACEN em 31/12/2011.

Da amostra inicial, apresentada no Quadro 11, foram excluídos três bancos: BTG Pactual por se tratar de um banco de atacado; a Caixa Econômica Federal devido ao elevado crédito direcionado, principalmente o habitacional e o BNDES, por ser classificado como um banco de desenvolvimento.

Desta forma, obteve-se a amostra final de seis bancos diversificados em relação ao maior valor do Ativo Total, e escolhidos pela sua representatividade no mercado, sendo assim proporcionam uma fonte de dados relevante para utilizar como base de comparação com os bancos das montadoras de veículos.

Apresenta-se, no Quadro 13, a amostra final dos bancos com carteira diversificada que foram utilizados neste estudo.

Quadro 13 – Amostra dos Bancos diversificados classificados conforme maior valor do Ativo Total.

| Instituições | Ativo total | % s/ Total de Ativos das Instituições do SFN |
|--------------|-------------|----------------------------------------------|
| BB | 935.009.463 | 18% |
| ITAU | 815.220.206 | 16% |
| BRADESCO | 666.320.079 | 13% |
| SANTANDER | 431.759.588 | 8% |
| HSBC | 146.593.297 | 3% |
| SAFRA | 87.728.360 | 2% |

Fonte: BACEN (2011).

3.4.1 Classificação dos Bancos e Composição da Carteira

As instituições financeiras diferenciam-se entre si devido às características de suas operações no mercado e por isso são classificadas pelo BACEN.

No Quadro 14, apresenta-se os bancos desta pesquisa conforme classificação do BACEN, assim como a composição da carteira dos mesmos.

Quadro 14 – Classificação e Composição da Carteira dos Bancos Pesquisados

| BANCOS | CLASSIFICAÇÃO | CARTEIRA |
|-----------------|----------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Banco do Brasil | Banco Múltiplo | Comercial; crédito, financiamento e investimento; arrendamento mercantil; crédito imobiliário. |
| Itaú | Banco Múltiplo | Comercial; crédito, financiamento e investimento; investimento; crédito imobiliário. |
| Bradesco | Banco Múltiplo | Comercial; crédito, financiamento e investimento; arrendamento mercantil; crédito imobiliário; investimento. |
| Santander | Banco Múltiplo | Comercial; crédito, financiamento e investimento; arrendamento mercantil; crédito imobiliário. |
| HSBC | Banco Múltiplo | Comercial; crédito, financiamento e investimento; arrendamento mercantil; crédito imobiliário; investimento. |
| Safra | Banco Múltiplo | Comercial; crédito, financiamento e investimento; arrendamento mercantil; investimento. |
| Fiat | Banco Múltiplo | Crédito, financiamento e investimento; arrendamento mercantil; investimento. |
| Fidis | Banco Múltiplo | Crédito, financiamento e investimento; arrendamento mercantil; investimento. |

| | | |
|---------------|-----------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------|
| Ford | Banco Múltiplo | Crédito, financiamento e investimento; investimento. |
| Gmac | Banco Múltiplo | Crédito, financiamento e investimento; arrendamento mercantil; investimento. |
| Honda | Banco Múltiplo | Crédito, financiamento e investimento; investimento. |
| Mercedes Benz | Banco Múltiplo | Crédito, financiamento e investimento; arrendamento mercantil; investimento. |
| PSA | Banco Múltiplo | Crédito, financiamento e investimento; investimento. |
| Renault | Companhia de crédito, financiamento e investimento. | Crédito, financiamento e investimento; investimento. |
| Toyota | Banco Múltiplo | Crédito, financiamento e investimento; arrendamento mercantil; investimento. |
| Volvo | Banco Múltiplo | Crédito, financiamento e investimento; arrendamento mercantil; investimento. |

Fonte: BACEN (2012)

Observa-se, no Quadro 14, a presença de 16 instituições financeiras, sendo 15 classificadas como banco múltiplos e 1 como sociedade de crédito, financiamento e investimento. Sendo assim, não há uma classificação específica para a categoria bancos das montadoras.

Quanto à composição da carteira evidencia-se que a principal diferença existente entre os bancos das montadoras e os bancos com carteira diversificada está na ausência de carteira comercial para os bancos das montadoras. Uma carteira comercial para um banco significa que o mesmo pode captar depósitos à vista.

3.5 Modelo Estatístico

3.5.1 Testes de Hipóteses

Os testes de hipóteses provêm de hipóteses criadas pelos pesquisadores, baseados em estimativas sobre determinado fenômeno ou em função de dados teóricos (MARTINS, 2006).

Uma hipótese estatística é elaborada com base nos elementos amostrais e podem ser apresentadas de duas formas:

- Ho denominada hipótese nula, é a hipótese que será testada;
- H1 denominada hipótese alternativa.

Para Martins (2006), uma hipótese nula representa uma igualdade, enquanto uma hipótese alternativa representa uma desigualdade. No processo de realização do teste estatístico, pode-se rejeitar a hipótese Ho, quando ela é verdadeira, ou aceitar Ho, quando ela é falsa. Sendo assim, é possível a ocorrência de dois tipos de erros. São eles:

- erro tipo I, ocorre quando se rejeita Ho, sendo Ho verdadeira e sua probabilidade de ocorrência é designada α ;
- erro tipo II, ocorre quando se aceita Ho, sendo Ho falsa e sua probabilidade de ocorrência é designada β .

Martins (2006) recomenda aumentar o tamanho da amostra para minimizar a probabilidade de ocorrência dos erros.

3.5.2 Testes de Significância

Martins (2006) apresenta cinco etapas para a realização dos testes de significância:

- 1- Enunciar as hipóteses Ho e H1;
- 2- Fixar o limite de erro e identificar a variável do teste;
- 3- Com o auxílio das tabelas estatísticas, considerando α e a variável do teste determinar RC (região crítica) e a RA (região de aceitação) para Ho;
- 4- Com os elementos amostrais, calcular o valor da variável do teste;
- 5- Concluir pela aceitação ou rejeição de Ho, comparando o valor obtido na etapa 4 com RA e RC.

Os testes de significância devem ser utilizados de acordo com o tipo de população e amostras disponíveis. Desta forma, os testes de significância podem ser para:

- médias populacionais;
- variâncias populacionais;
- proporções populacionais;

- igualdade entre duas variâncias populacionais;
- igualdade entre duas médias populacionais;
- igualdade entre duas proporções populacionais.

Dentre os testes de significância apresentados, esta pesquisa optou pelo teste de significância para médias populacionais, o teste *t* de *Student*.

3.5.3. Teste de Significância para Médias Populacionais – Teste *t* de *Student*

O tratamento estatístico utilizado para esta pesquisa é o Teste *t* ou Distribuição *t* de *Student*, considerada uma técnica estatística desenvolvida pelo estatístico W. S. Gosset, que publicava seus estudos sob o pseudônimo de *Student* (FREUND *et al.*, 2006).

O Teste *t* deve ser aplicado para amostras pequenas, $n < 30$, e que possuam forma de distribuições normais, cujo objetivo é identificar a existência de diferenças significativas entre as médias de dois grupos.

Assim, considera-se a escolha do Teste *t* (de duas amostras) adequada para aplicação nesta pesquisa, que apresenta uma amostra menor que trinta representada por dois grupos pequenos: dez bancos das montadoras e seis bancos diversificados, classificados pelo valor do Ativo Total, cujo foco é identificar se existem diferenças significativas entre eles no que se refere ao desempenho. Desta forma, as hipóteses criadas para esta pesquisa são:

- H0: Os indicadores econômico-financeiros, durante o período de 2007 a 2011, não evidenciam diferenças de desempenho entre os bancos de montadoras e bancos com carteira diversificada;
- H1: Os indicadores econômico-financeiros, durante o período de 2007 a 2011, evidenciam diferenças de desempenho entre os bancos de montadoras e bancos com carteira diversificada.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Nesta seção apresenta-se a análise e discussão dos dados da pesquisa, cujo objetivo é demonstrar as diferenças significativas no desempenho dos bancos das montadoras e dos bancos diversificados, por meio de indicadores econômico-financeiros e aplicação da técnica estatística Teste *t* de *Student*.

Para calcular os indicadores econômico-financeiros os dados foram extraídos das Demonstrações Contábeis: Balanço Patrimonial e Demonstração do Resultado do Exercício das instituições financeiras pesquisadas. A construção de cada indicador foi realizada mediante inserção das fórmulas, descritas no estudo da FEBRABAN, no *software* Excel, versão 2010, para assim calcular o valor de cada indicador e construir as Tabelas para análise descritiva dos dados para o período de 2007 a 2011. As Tabelas estão disponíveis no Apêndice A desta dissertação.

Após a composição e cálculo de cada indicador os dados foram inseridos no *software* estatístico SPSS, versão 13.0, para obtenção das diferenças significativas dos indicadores dos bancos.

Sendo assim, a forma escolhida para apresentar os resultados foi demonstrar uma análise descritiva dos 13 indicadores, no período de 2007 a 2011, baseada nos indicadores construídos nas Tabelas, que estão disponíveis no Apêndice A, e demonstrar a análise dos resultados da aplicação do teste estatístico para o período de 2007 a 2011 e posteriormente uma análise ano a ano.

Para obtenção dos indicadores econômico-financeiros foram utilizados como base os 34 indicadores mencionados no Quadro 10. Durante a composição dos indicadores observou-se que alguns índices não poderiam ser utilizados. Sendo assim, dos 34 indicadores foram excluídos 16. Em seguida eles são apresentados, conforme suas categorias, e suas exclusões justificadas.

➤ Qualidade e risco da carteira de operações de crédito: os indicadores crédito em liquidação sobre a carteira de operações de crédito bruta e crédito em liquidação sobre o patrimônio líquido. Estes indicadores foram excluídos, devido à dificuldade de identificação, de forma clara, nas demonstrações contábeis sobre a composição das contas referente ao crédito em liquidação;

- Alavancagem/endividamento-estrutura da captação: os indicadores depósitos à vista; depósitos de poupança; depósitos interfinanceiros e depósitos a prazo foram excluídos, pois os bancos das montadoras não operam com depósitos, não sendo possível a comparação destes indicadores com dos bancos diversificados. Os indicadores captação no mercado aberto; aceites, emissão de títulos e empréstimos e repasses foram excluídos devido à dificuldade de identificação, de forma clara, nas demonstrações contábeis.
- Aplicações de Recursos Curto e Longo Prazo: os indicadores operações de crédito; aplicação interfinanceira líquida e títulos mobiliários; carteira de câmbio; outros ativos a curto prazo, foram excluídos devido à ausência de informações para identificar as contas que compõem estes indicadores.
- Operacionais: o indicador resultado da atividade financeira básica foi excluído, devido à impossibilidade de definir quais os componentes pertencentes ao numerador da fórmula.
- Participação das principais despesas sobre as receitas operacionais: o indicador despesas de empréstimos e repasses foi excluído, pois nem todas as demonstrações possuíam informações sobre as contas despesas de empréstimos e repasses.
- Rentabilidade Média: o indicador rentabilidade dos investimentos em controladas e coligadas foi excluído, pois nem todos os bancos possuem este tipo de investimento.

Sendo assim, foram processados no *software* SPSS, versão 13.0, 18 indicadores econômico-financeiros, conforme Tabela 1.

Tabela 1- Amostra de Indicadores econômico-financeiros do período de 2007 a 2011

| Índice | N | Média | Desvio Padrão | Significância | Significância 2 | Teste t |
|--------------|----|-------------|---------------|---------------|-----------------|---------|
| liqcor | 50 | 1,611083679 | 1,545 | 0,03 | 0,05 | 2,03 |
| | 30 | 1,03240914 | 0,214 | | | |
| captercsat | 50 | 0,811922995 | 0,176 | 0,01 | 0,00 | -3,19 |
| | 30 | 0,9167279 | 0,043 | | | |
| capgirprop | 50 | 0,516003227 | 1,040 | 0,91 | 0,00 | 4,17 |
| | 30 | -0,44078931 | 0,913 | | | |
| grimobpl | 50 | 0,522348011 | 1,032 | 0,92 | 0,00 | -4,02 |
| | 30 | 1,44078931 | 0,913 | | | |
| pclid | 50 | 2,311116404 | 1,253 | 0,02 | 0,00 | -7,46 |
| | 30 | 4,987262842 | 1,957 | | | |
| desppclid | 50 | 0,013802716 | 0,012 | 0,12 | 0,00 | -6,68 |
| | 30 | 0,035422001 | 0,016 | | | |
| desppcldspl | 50 | 0,09145601 | 0,087 | 0,14 | 0,00 | -4,45 |
| | 30 | 0,187000011 | 0,103 | | | |
| alavancagem | 50 | 7,138085143 | 3,119 | 0,00 | 0,00 | -22,20 |
| | 30 | 1289,254178 | 410,199 | | | |
| totatcelp | 50 | 2490973,72 | 2555649,717 | 0,00 | 0,00 | 4,82 |
| | 30 | 212020,1515 | 498980,268 | | | |
| margop | 50 | 0,078169199 | 0,164 | 0,00 | 0,03 | 2,22 |
| | 30 | 0,011416154 | 0,005 | | | |
| margliq_A | 50 | 0,115812194 | 0,110 | 0,03 | 0,14 | 1,50 |
| | 30 | 0,08459469 | 0,037 | | | |
| partcapt | 50 | 0,381889423 | 0,184 | 0,00 | 0,16 | -1,40 |
| | 30 | 0,433407986 | 0,105 | | | |
| partdespadm | 50 | 0,132948922 | 0,064 | 0,62 | 0,00 | -5,48 |
| | 30 | 0,213884085 | 0,063 | | | |
| partdespprov | 50 | 0,071441994 | 0,062 | 0,05 | 0,03 | -2,17 |
| | 30 | 0,099636581 | 0,045 | | | |
| rentop | 50 | 0,081629418 | 0,111 | 0,69 | 0,00 | -4,42 |
| | 30 | 0,192682079 | 0,104 | | | |
| rentfinalpl | 50 | 0,142359948 | 0,084 | 0,32 | 0,06 | -1,90 |
| | 30 | 0,180242638 | 0,090 | | | |
| rentativtot | 50 | 0,020052303 | 0,015 | 0,00 | 0,02 | 2,36 |
| | 30 | 0,013076657 | 0,006 | | | |
| liqger | 50 | 1,109044012 | 0,205 | 0,02 | 0,00 | 3,51 |
| | 30 | 0,973246992 | 0,068 | | | |

Fonte: Dados da pesquisa

Com base nos dados da Tabela 1 verificou-se que os indicadores alavancagem e total de ativos de curto e longo prazo (totat celp) apresentaram resultados que distorceram a média da amostra, desta foram considerados *outliers*, portanto, excluídos da amostra. Assim, a amostra válida é composta por 16 indicadores, conforme Tabela 2.

Tabela 2- Amostra de Indicadores econômico-financeiros, sem outliers do período de 2007 a 2011

| Índice | N | Média | Desvio Padrão | Significância | Significância 2 | Teste t |
|-------------|----|-------------|---------------|---------------|-----------------|---------|
| liqcor | 50 | 1,611083679 | 1,545 | 0,03 | 0,05 | 2,03 |
| | 30 | 1,03240914 | 0,214 | | | |
| captercsat | 50 | 0,811922995 | 0,176 | 0,01 | 0,00 | -3,19 |
| | 30 | 0,9167279 | 0,043 | | | |
| capgirprop | 50 | 0,516003227 | 1,040 | 0,91 | 0,00 | 4,17 |
| | 30 | -0,44078931 | 0,913 | | | |
| grimobpl | 50 | 0,522348011 | 1,032 | 0,92 | 0,00 | -4,02 |
| | 30 | 1,44078931 | 0,913 | | | |
| pclid | 50 | 2,311116404 | 1,253 | 0,02 | 0,00 | -7,46 |
| | 30 | 4,987262842 | 1,957 | | | |
| desppclid | 50 | 0,013802716 | 0,012 | 0,12 | 0,00 | -6,68 |
| | 30 | 0,035422001 | 0,016 | | | |
| desppcldspl | 50 | 0,09145601 | 0,087 | 0,14 | 0,00 | -4,45 |
| | 30 | 0,187000011 | 0,103 | | | |
| margop | 50 | 0,078169199 | 0,164 | 0,00 | 0,03 | 2,22 |
| | 30 | 0,011416154 | 0,005 | | | |
| margliq_A | 50 | 0,115812194 | 0,110 | 0,03 | 0,14 | 1,50 |
| | 30 | 0,08459469 | 0,037 | | | |
| partcapt | 50 | 0,381889423 | 0,184 | 0,00 | 0,16 | -1,40 |
| | 30 | 0,433407986 | 0,105 | | | |
| partdespadm | 50 | 0,132948922 | 0,064 | 0,62 | 0,00 | -5,48 |
| | 30 | 0,213884085 | 0,063 | | | |
| partdesprov | 50 | 0,071441994 | 0,062 | 0,05 | 0,03 | -2,17 |
| | 30 | 0,099636581 | 0,045 | | | |
| rentop | 50 | 0,081629418 | 0,111 | 0,69 | 0,00 | -4,42 |
| | 30 | 0,192682079 | 0,104 | | | |
| rentfinalpl | 50 | 0,142359948 | 0,084 | 0,32 | 0,06 | -1,90 |
| | 30 | 0,180242638 | 0,090 | | | |
| rentativtot | 50 | 0,020052303 | 0,015 | 0,00 | 0,02 | 2,36 |
| | 30 | 0,013076657 | 0,006 | | | |
| liqger | 50 | 1,109044012 | 0,205 | 0,02 | 0,00 | 3,51 |
| | 30 | 0,973246992 | 0,068 | | | |

Fonte: Dados da pesquisa

A partir dos dados apresentados na Tabela 2, procedeu-se à análise dos 16 indicadores, a fim de se obter as variáveis que apresentaram diferenças significativas, para isto foi considerado uma variável com diferença significativa aquela que apresentasse nível de significância menor que 0,05, conforme resultado obtido por meio da aplicação do teste *t* de Student.

Na Tabela 3, apresentam-se os indicadores que evidenciaram nível de significância menor que 0,05, conforme resultado obtido pelo Test *t*.

Tabela 3 - Indicadores econômico-financeiros, que apresentaram nível de significância menor que 0,05, do período de 2007 a 2011

| Índice | N | Média | Desvio Padrão | Significância | Teste t |
|--------------|----|-------------|---------------|---------------|---------|
| liqcor | 50 | 1,611083679 | 1,545 | 0,01 | 2,03 |
| | 30 | 1,03240914 | 0,214 | | 2,61 |
| captercsat | 50 | 0,811922995 | 0,176 | 0,00 | -3,19 |
| | 30 | 0,9167279 | 0,043 | | -4,01 |
| capgirprop | 50 | 0,516003227 | 1,040 | 0,00 | 4,17 |
| | 30 | -0,44078931 | 0,913 | | 4,30 |
| grimobpl | 50 | 0,522348011 | 1,032 | 0,00 | -4,02 |
| | 30 | 1,44078931 | 0,913 | | -4,15 |
| pclid | 50 | 2,311116404 | 1,253 | 0,00 | -7,46 |
| | 30 | 4,987262842 | 1,957 | | -6,71 |
| desppclid | 50 | 0,013802716 | 0,012 | 0,00 | -6,68 |
| | 30 | 0,035422001 | 0,016 | | -6,23 |
| desppclidspl | 50 | 0,09145601 | 0,087 | 0,00 | -4,45 |
| | 30 | 0,187000011 | 0,103 | | -4,26 |
| margop | 50 | 0,078169199 | 0,164 | 0,01 | 2,22 |
| | 30 | 0,011416154 | 0,005 | | 2,87 |
| partdespadm | 50 | 0,132948922 | 0,064 | 0,00 | -5,48 |
| | 30 | 0,213884085 | 0,063 | | -5,50 |
| partdespprov | 50 | 0,071441994 | 0,062 | 0,02 | -2,17 |
| | 30 | 0,099636581 | 0,045 | | -2,34 |
| rentop | 50 | 0,081629418 | 0,111 | 0,00 | -4,42 |
| | 30 | 0,192682079 | 0,104 | | -4,49 |
| rentativtot | 50 | 0,020052303 | 0,015 | 0,01 | 2,36 |
| | 30 | 0,013076657 | 0,006 | | 2,86 |
| liqger | 50 | 1,109044012 | 0,205 | 0,00 | 3,51 |
| | 30 | 0,973246992 | 0,068 | | 4,32 |

Fonte: Dados da pesquisa

Observa-se na Tabela 3, 13 indicadores, cujo resultado obtido, por meio da aplicação do Teste *t*, apresentaram nível de significância menor que 0,05. Assim, do total de 16 indicadores, apenas 3 não apresentaram diferenças significativas que são: participação de capitais de terceiros, margem líquida e rentabilidade final do patrimônio líquido. Desta forma, evidencia-se que a maioria dos indicadores apresentaram diferenças significativas o que representa um percentual de 81% do total da amostra válida.

Ressalta-se que para a análise das diferenças os indicadores foram divididos por categorias e utilizou-se como base o comportamento das médias apresentadas na Tabela 3. Os bancos das montadoras são representados na Coluna N pelo número 50 e os bancos diversificados pelo número 30.

4.1 Análise Descritiva dos Dados e da Aplicação do Teste *t* de *Student* para o período de 2007 a 2011

4.1.1 Categoria: Indicadores de liquidez

Índice de Liquidez Geral – Análise Descritiva do Período de 2007 a 2011, conforme resultados da Tabela A1

Em 2007 destaca-se o banco Fiat, por apresentar o maior índice de liquidez geral, 1,70, e o banco Gmac com o menor índice, representado por 0,74. No ano de 2008 percebe-se uma redução do índice de liquidez em todos os bancos analisados, com exceção dos bancos PSA e Safra que mantiveram o mesmo índice de 2007, respectivamente, 1,13 e 0,99 e o banco Renault que apresentou aumento de 1,15, em 2007, para 1,17 em 2008. As reduções no índice de liquidez coincidem com a crise internacional de 2008, cujos reflexos podem ter impactado nas operações das instituições financeiras, principalmente na retração das operações de crédito.

No ano de 2009 alguns dos bancos que sofreram redução no índice de liquidez, em 2008 apresentaram aumento, são eles: Mercedes Benz, PSA, Toyota, Volvo e Itaú. O banco Gmac manteve a mesma liquidez do ano anterior, 0,55, os bancos Fiat, Ford, Fidis, Honda, Renault. Banco do Brasil, Bradesco, HSBC, Safra e Santander demonstraram diminuição no indicador de liquidez geral.

Em 2010 observa-se um aumento do índice de liquidez em 69% dos bancos, pois do total de dezesseis bancos, onze obtiveram maior liquidez que no ano anterior, são eles: Fiat, Ford, Gmac, Honda, Mercedes Benz, PSA, Toyota, Volvo, Banco do Brasil, HSBC e Safra,

Em 2011 do total de dezesseis bancos, nove apresentaram aumento de liquidez, ou seja, 56% do total, são eles: Fidis, Gmac, Honda, PSA, Toyota, Volvo, Bradesco, HSBC e Safra.

De acordo com esta análise descritiva constata-se que, ao longo do período tanto os bancos das montadoras quanto os bancos diversificados mantiveram sua liquidez geral estável e em condições de liquidar suas dívidas de curto e longo prazo. O único banco que demonstrou um índice de liquidez inferior aos demais foi o banco Gmac, pois no período de 2007 a 2011 apresentou respectivamente os

seguintes índices: 0,74; 0,55; 0,55; 0,68; 0,88 e 0,68. Desta forma, evidencia-se que o banco Gmac não apresentou um índice favorável, pois de acordo com a literatura para cada 1 de dívida a empresa deve-se ter 1 de disponibilidade para liquidá-la.

Liquidez Geral- Análise da Aplicação do Teste *t* de *Student* para o Período de 2007 a 2011

Os bancos das montadoras apresentaram maior desempenho com uma média de 1,10 contra 0,97 dos bancos diversificados, ou seja, os bancos das montadoras possuem maior disponibilidade de recursos no curto e longo prazo para honrar o total de seus compromissos e os bancos diversificados apresentaram um indicador inferior a 1, o que pode indicar dificuldades para honrar seus compromissos, pois de acordo com a literatura para possuir liquidez suficiente para liquidar as dívidas o indicador deve ser no mínimo igual a 1.

Camargos e Barbosa (2005) comentam que o índice de liquidez corrente é altamente correlacionado com o índice de liquidez geral, por isso, o resultado deste indicador apresenta-se semelhante ao indicador de liquidez corrente (apresentado em seguida), pois evidencia um desempenho superior dos bancos das montadoras em relação aos bancos diversificados, que não atingiram o indicador de no mínimo 1.

Liquidez Corrente - Análise Descritiva do Período de 2007 a 2011, conforme resultados da Tabela A2

No ano de 2007 o banco com maior índice de liquidez corrente foi o banco Ford com 3,99 e o banco Mercedes Benz com menor índice de liquidez, 0.67, Em 2008, sete bancos apresentaram redução de liquidez corrente, oito demonstraram crescimento e um manteve o mesmo índice do ano de 2007. Dos sete bancos que sofreram diminuição no índice de liquidez corrente em 2008, quatro apresentaram crescimento em 2009: Ford, Gmac, Mercedes Benz e HSBC.

Em 2010 e 2011 os bancos analisados mantiveram sua liquidez corrente estável. O banco com maior variação nos índices foi o banco Fiat.

Índice de Liquidez Corrente - Análise da Aplicação do Teste *t* de *Student* para o Período de 2007 a 2011

Os bancos das montadoras apresentaram uma média no índice de liquidez corrente de 1,61, o que representa uma liquidez 56% maior que o índice de 1,03 dos bancos diversificados. Este resultado evidencia que os bancos das montadoras apresentaram um desempenho superior aos bancos diversificados; contudo, ambos demonstraram, na média do período, liquidez suficiente para honrar suas obrigações de curto prazo.

4.1.2 Categoria: Indicadores de Estrutura Patrimonial

Grau de Imobilização do Patrimônio Líquido- Análise Descritiva do Período de 2007 a 2011, conforme resultados da Tabela A3

O ano de 2007 demonstra que os bancos Itaú, Gmac, Volvo, HSBC e Safra possuem o maior índice de imobilização, respectivamente 3,14; 2,53; 1,29; 1,22; 1,12, os demais bancos possuem grau de imobilização abaixo de 1.

No ano de 2008 os mesmo bancos de 2007 apresentaram índice maior que 1, com destaque para o banco Gmac com 4,68. Os demais bancos demonstraram índices abaixo de 1.

Os bancos nos anos de 2009 a 2010 não apresentaram muitas variações, com exceção do banco Safra que apresentou índices maiores que 1 e que em 2011 apresentou 0.90, os demais bancos que já demonstravam grau de imobilização maior que 1 mantiveram-se estáveis.

Ressalta-se que o banco Ford não evidenciou em seu Balanço Patrimonial valores para o ativo permanente no período de 2007 a 2011, por isso, não foi possível a construção deste indicador para este banco.

Grau de Imobilização - Análise da Aplicação do Teste *t* de *Student* para o Período de 2007 a 2011

Na análise das médias para o período de 2007 a 2011, os bancos das montadoras apresentaram um índice de 0,52 e os bancos diversificados 1,44, sendo assim, os bancos das montadoras apresentaram um maior desempenho que os bancos diversificados, indicado que os bancos das montadoras possuem menos investimentos em ativo permanente financiado pelo capital próprio, o que lhes permite ainda disponibilidade de recursos próprios para aplicações no ativo circulante e, conseqüentemente, menor será a dependência de capital de terceiros para seu financiamento.

Os bancos diversificados demonstram um alto grau de imobilização, principalmente nas contas que representam o ativo fixo devido sua necessidade de estrutura de agências e pontos de atendimento aos clientes e captação de recursos, enquanto os bancos das montadoras não necessitam desta imobilização, uma vez que utilizam as estruturas das concessionárias e das próprias montadoras. Na análise das demonstrações financeiras evidenciou-se que a maioria dos bancos das montadoras não possuem valores registrados na conta COSIF 10.30.00.00.00 ativo permanente.

Evidencia-se que os bancos das montadoras demonstraram um desempenho superior aos bancos diversificados, pois na média, apresentaram um indicador menor e corresponde à interpretação do indicador grau de imobilização do ativo que o define que quanto menor, melhor.

Capital de Terceiros sobre Ativo Total - Análise Descritiva do Período de 2007 a 2011, conforme resultados da Tabela A4

A análise do indicador capital de terceiros evidencia no ano de 2007 que o banco com menor índice foi o banco Itaú que apresentou um indicador negativo de -0,22 e o banco Safra com o maior índice do período, 0.95.

No ano de 2008 dez bancos demonstraram aumento de participação em capital de terceiros relacionados ao ativo total. O banco Itaú continua apresentado índice negativo, -0,61 e o maior índice foi apresentado pelo banco do Brasil, 0,95.

Em 2009 quatro bancos aumentaram o índice de capital de terceiros, são eles: Fiat, Honda, Renault e Santander, isto evidencia que os outros 12 bancos

neste período utilizaram mais capital próprio para investimentos no ativo e assim diminuíram a participação de capital de terceiros para o ativo.

No ano de 2010 assim como em 2009, quatro bancos apresentaram aumento no índice de participação de capital de terceiros, são eles: Fidis, Renault, HSBC e Santander. Observa-se que os bancos Renault e Santander continuaram a aumentar a participação de capital de terceiros nas aplicações do ativo.

Em 2011 ocorreu um aumento de 100% no número de bancos que aumentaram a participação de capital de terceiros nas aplicações do ativo, pois nos anos de 2009 e 2010 quatro bancos apresentaram aumento e em 2011 foram 8 bancos: Fiat, Ford, Mercedes Benz, Renault, Toyota, Bradesco, Safra e Santander.

Desta forma, verifica-se que ao longo do período de 2007 a 2011 houve um aumento de bancos que evidenciaram maior utilização de capital de terceiros sobre as aplicações do ativo total.

Índice de Capital de Terceiros sobre o Ativo Total - Análise da Aplicação do Teste *t* de *Student* para o Período de 2007 a 2011

Os bancos diversificados evidenciaram, na média, 0,91 de participação de capital de terceiros sobre as aplicações do ativo total, o que representa um percentual de 13% superior à média dos bancos das montadoras, 0,81, indicando que os bancos das montadoras dispõem de parcela maior de capital próprio para investimentos no ativo, fato que pode ser explicado devido à participação das montadoras no capital de seus braços financeiros. Sendo assim, de acordo com a definição da literatura, cuja interpretação é de quanto menor, melhor, os bancos das montadoras evidenciaram um desempenho superior, pois utilizaram mais recursos próprios do que de terceiros, para se financiar.

Capital de Giro Próprio- Análise Descritiva do Período de 2007 a 2011, conforme resultados da Tabela A5

Verifica-se que no ano de 2007 os bancos Gmac, Volvo, Bradesco, HSBC, Itaú e Safra apresentaram índices negativos para este indicador. O maior índice de

capital de giro próprio foi dos bancos Fiat, Fidis e Ford representado por 1. Os demais apresentaram índices inferiores a 1.

Nos anos de 2008 a 2011 os bancos mantiveram o mesmo comportamento, ou seja, os bancos que demonstraram índices negativos em 2007 continuaram a demonstrá-los ao longo do período.

Índice de Capital de Giro Próprio - Análise da Aplicação do Teste *t* de *Student* para o Período de 2007 a 2011

Constata-se por meio da análise das médias que para o período de 2007 a 2011 os bancos das montadoras apresentaram um índice de 0,51 e os bancos diversificados -0,44, sendo assim, os bancos das montadoras apresentaram um maior desempenho do que os bancos diversificados.

Os bancos das montadoras demonstraram uma média de 0,51, o que significa que 51% do seu capital próprio são utilizados nas aplicações do ativo, excluídas as operações do ativo permanente, ou seja, estes bancos conseguiram planejar seus recursos financeiros que permitiram investir metade dos seus recursos próprios nas operações do ativo circulante.

Os bancos diversificados apresentaram uma média negativa, -0,44, que demonstra a ausência de utilização de capital próprio nas aplicações do ativo circulante, que indica provável uso de capital de terceiros.

Desta forma, evidencia-se que os bancos das montadoras revelaram, no período analisado, maior independência financeira. Assim, os bancos das montadoras, apresentaram na análise do indicador capital de giro próprio um desempenho superior aos bancos diversificados para o período analisado.

4.1.3 Categoria: Indicadores de Qualidade e Risco da Carteira de Crédito

PCLD sobre Operações de Crédito- Análise Descritiva do Período de 2007 a 2011, conforme resultados da Tabela A6

Observa-se que em 2007 o maior índice foi de 7,23 para o Banco do Itaú e o menor de 1,16 para o banco Toyota, com exceção dos bancos Safra e Santander

que respectivamente apresentaram índices de 2,54 e 3, os demais bancos diversificados demonstraram índice de constituição de PCLD maiores que 3 e os bancos das montadoras apresentaram índices menores que 3, com exceção dos bancos Fiat, Honda e Volvo que respectivamente apresentaram índices de 3,13; 3,90 e 3,33.

No ano de 2008 o banco Itaú também apresentou o maior índice de constituição de PCLD, 8,76 e o banco PSA o menor índice, 1,33. Dos 16 bancos analisados 8 apresentaram um aumento do índice de constituição da PCLD em relação ao ano de 2007, são eles: Fiat, Mercedes Benz, PSA, Toyota, Volvo, Itaú e Safra.

Em 2009 o banco Itaú permaneceu com o maior índice de constituição de PCLD, 9,88 e o banco Ford o menor índice, 0,90. Do total de 16 bancos, 12 evidenciaram aumento no índice em relação a 2008 e apenas 4 apresentaram redução, são eles: Fidis, Ford, Renault e Toyota.

No ano de 2010 o banco Itaú ainda apresenta o maior índice, 7,52, contudo, houve uma redução quando comparado ao índice de 2009, e o menor índice foi apresentado pelo banco Toyota, 1,04. Neste ano houve uma inversão de resultados em relação a 2009, pois dos 16 bancos analisados somente 2 apresentaram aumento na constituição da PCLD, são eles: Fidis e Ford, isto indica uma melhora do risco de inadimplência da carteira dos outros 14 bancos, por isso, uma redução da PCLD.

Em 2011 o banco Itaú também apresenta o maior índice de constituição da PCLD, 7,62 e o banco Renault o menor índice, 0,97. Dos 16 bancos, 10 bancos apresentaram aumento no índice de constituição da PCLD.

PCLD sobre Operações de Crédito- Análise da Aplicação do Teste *t* de *Student* para o Período de 2007 a 2011

Na análise das médias para o período de 2007 a 2011, os bancos das montadoras apresentaram um índice de 2,31 e os bancos diversificados 4,98, ou seja, uma PCLD 115% superior aos bancos das montadoras, portanto, os bancos das montadoras apresentaram um desempenho superior aos bancos diversificados, pois demonstrou um índice menor que corresponde a um menor risco de

inadimplência, haja vista, que para constituição da PCLD considera-se o risco de não recebimento da carteira.

O índice de constituição da PCLD tem como objetivo medir a inadimplência das instituições. Desta forma, as diferenças encontradas justificam-se, pois a constituição da PCLD para as instituições financeiras tem como base a classificação da carteira conforme os dias de atraso dos financiamentos. Assim, o fato dos bancos das montadoras possuírem somente uma carteira de financiamento de veículos diminui a probabilidade de clientes em atraso por muito tempo. Ao contrário os bancos diversificados possuem diversas operações de financiamento, portanto, podem possuir uma quantidade maior de clientes inadimplentes e desta forma têm que constituir um valor maior para a PCLD.

Despesa PCLD sobre as Operações de Crédito - Análise Descritiva do Período de 2007 a 2011, conforme resultados da Tabela A7

No ano de 2007 o banco HSBC apresentou o maior índice, 0,05 e o banco Ford o menor -0,02. Este indicador manteve-se estável ao longo do período de 2007 a 2011.

Em 2008 o banco Itaú apresentou o maior índice 0,05 e 8 bancos apresentaram índice 0,01, são eles: Fidis, Ford, Gmac, Mercedes Benz, PSA, Renault, Toyota e Safra.

No ano de 2009 os bancos Bradesco, HSBC e Itaú apresentaram os maiores índices, todos 0,06 e os bancos Fidis e Ford apresentaram índice 0. Dos 16 bancos analisados dez apresentaram aumento do índice.

Em 2010 o banco Itaú apresentou o maior índice 0,05 e apenas o banco Fiat apresentou aumento no índice em relação ao ano de 2009, os demais bancos mantiveram o mesmo índice de 2009 ou demonstraram uma redução do mesmo.

No ano de 2011 o banco Itaú apresentou o maior índice 0,07 e o banco Renault o menor índice 0. Neste ano 5 bancos aumentaram o índice, são eles: Fiat, Ford, HSBC, Itaú e Santander.

Despesa PCLD sobre as Operações de Crédito- Análise da Aplicação do Teste *t* de *Student* para o Período de 2007 a 2011

A análise das médias evidencia que os bancos das montadoras apresentaram um índice de 0,01 contra 0,03 dos bancos diversificados. O resultado desta análise está relacionado ao indicador PCLD sobre operações de crédito, portanto, a mesma justificativa para maior desempenho dos bancos das montadoras.

Despesa PCLD sobre o Patrimônio Líquido - Análise Descritiva do Período de 2007 a 2011, conforme resultados da Tabela A8

No ano de 2007 o banco HSBC apresentou o maior índice, 0,35 e o banco Ford o menor índice, - 0,04. Em 2008 houve um aumento no indicador de 9 bancos, são eles: Fiat, Fidis, Honda, Mercedes Benz, PSA, Volvo, Banco do Brasil, Bradesco, HSBC e Safra.

Em 2009 doze bancos demonstraram aumento no índice de despesa de PCLD em relação ao ano anterior, cujo número foi de 9 bancos, isto representa um aumento de 66,6%.

No ano de 2010 ocorreu uma situação inversa ao ano anterior, pois quatorze bancos apresentaram redução no índice e apenas os bancos Fiat e Fidis apresentaram aumento no índice, contudo, em 2011 treze bancos voltaram a apresentar aumento no índice de constituição da PCLD.

Despesa PCLD sobre o Patrimônio Líquido - Análise da Aplicação do Teste *t* de *Student* para o Período de 2007 a 2011

Na análise das médias para o período os bancos das montadoras demonstraram uma média de 0,09 e os bancos diversificados 0,18

Este indicador evidenciou que os bancos diversificados apresentaram, na média, mais despesas de PCLD em relação aos bancos das montadoras, portanto, os bancos das montadoras apresentaram um desempenho superior aos bancos diversificados, os motivos desta posição são reflexos dos relatos do indicador constituição da PCLD para as operações de crédito.

4.1.4 Categoria: Indicadores Operacionais

Margem Operacional- Análise Descritiva do Período de 2007 a 2011, conforme resultados da Tabela A9

No ano de 2007 o banco Ford apresentou o maior índice de margem operacional, 0,55 e o banco Fidis o menor índice -0,66.

Em 2008 os bancos Ford e Fiat demonstraram os maiores índices, respectivamente, 0,38 e 0,33. Em relação ao ano de 2007 seis bancos apresentaram aumento no índice são eles: Fiat, Fidis, PSA, Bradesco, HSBC e Itaú. Os demais bancos apresentaram reduções ou permaneceram com o mesmo índice de 2007.

Nos anos de 2009 a 2011, os bancos Fiat, Fidis e Ford continuaram a apresentar os maiores índices de margem operacional e os demais bancos mantiveram-se estáveis, com exceção dos Bancos Gmac e Mercedes Benz que no ano de 2011 demonstraram um aumento significativo no índice, respectivamente, 0,15 e 0,21, pois em 2010 apresentaram, respectivamente, 0,07 e 0,01.

Margem Operacional - Análise da Aplicação do Teste *t* de *Student* para o Período de 2007 a 2011

Os bancos das montadoras obtiveram uma média de 0,07 e os bancos diversificados uma média de 0,01. Esta análise proporciona uma interpretação de maior rentabilidade para os bancos das montadoras. Contudo, segundo Berk e Demarzo (2009), as diferenças nas margens operacionais podem resultar de diferenças estratégicas, assim uma empresa com menor margem não significa ineficiência, mas parte de uma estratégia de oferecer preços mais baixos para vender produtos comuns em grande volume.

4.1.5 Categoria: Indicadores de Participação de Despesas sobre Receitas

Participação das Despesas Administrativas - Análise Descritiva do Período de 2007 a 2011, conforme resultados da Tabela A10

Verifica-se que no ano de 2007 o banco HSBC foi o que mais demonstrou participação com despesas administrativas com 0,32 e os bancos Volvo e Ford com os menores índices, 0,07.

No ano de 2008 observa-se que dos dezesseis bancos analisados, quatorze reduziram as despesas administrativas. Em 2009, de quatorze bancos apenas cinco continuaram reduzindo as despesas, são eles: Fiat, Fidis, Gmac, Honda e Volvo.

Em 2010, doze bancos apresentaram aumento no indicador e em 2011 apenas três bancos aumentaram as despesas administrativas (Fiat, Honda e Volvo), nove bancos apresentaram redução no indicador e quatro mantiveram o mesmo índice apresentado em 2010.

Participação das Despesas Administrativas - Análise da Aplicação do Teste *t* de *Student* para o Período de 2007 a 2011

Na análise das médias os bancos das montadoras apresentaram um índice de 0,13 e os bancos diversificados 0,21, indicando um maior desempenho dos bancos das montadoras por apresentarem por possuírem uma menor participação de despesas administrativas.

O maior índice de despesas administrativas dos bancos diversificados pode ser explicado em razão de um volume maior de despesas administrativas devido seu porte e estrutura, pois possuem agências; correspondentes bancários, grande número de funcionários dentre outras despesas administrativas necessárias ao desenvolvimento de suas operações. Os bancos de montadora possuem uma estrutura administrativa menor, pois não possuem agências nem correspondentes bancários o que reduz, significativamente, as despesas administrativas.

Participação Despesas com Provisões - Análise Descritiva do Período de 2007 a 2011, conforme resultados da Tabela A11

Observa-se que no ano de 2007 o banco com maior participação em despesas com provisões é o Honda com índice de 0,13 e o menor índice foi apresentado pelo banco Ford - 0,06.

Em 2008, 50% dos bancos analisados evidenciaram aumento das despesas com provisões e em 2009 este percentual aumentou em 69%. No ano de 2010 apenas 13% apresentaram aumento, e em 2011, 63% dos bancos apresentaram redução no indicador.

Participação Despesas com Provisões - Análise da Aplicação do Teste *t* de *Student* para o Período de 2007 a 2011

Na análise da média para o período, os bancos das montadoras demonstraram um índice de 0,7 e os bancos diversificados, 0,09, desta forma os bancos diversificados evidenciaram maiores despesas de provisões, portanto, os bancos das montadoras apresentaram um desempenho superior aos bancos diversificados.

4.1.6 Categoria: Indicadores de Rentabilidade

Rentabilidade Operacional - Análise Descritiva do Período de 2007 a 2011, conforme resultados da Tabela A12

O banco Ford em 2007 apresentou o maior índice de rentabilidade operacional, 0,32 e o banco Fidis o menor índice, - 0,32.

No ano de 2008 observa-se que, apesar do período de crise econômica, 9 bancos, ou seja, 56% demonstraram aumento de rentabilidade, porém, em 2009, 50% dos bancos apresentaram redução na rentabilidade.

Em 2010, 7 bancos, ou seja, 44% apresentaram diminuição na rentabilidade, quatro bancos, 25%, evidenciaram aumento e 5,31%, mantiveram o mesmo índice de 2009. Em 2011, seis bancos, ou seja, 38% apresentaram diminuição na rentabilidade, sete bancos, 44%, demonstraram aumento no indicador e 3,18% mantiveram o mesmo índice de 2010.

Rentabilidade Operacional - Análise da Aplicação do Teste *t* de *Student* para o Período de 2007 a 2011

Na análise das médias para o período de 2007 a 2011 evidencia-se maior rentabilidade para os bancos diversificados que demonstraram, na média, 0,19 contra 0,08 dos bancos das montadoras.

A variedade dos produtos e serviços disponibilizados pelos bancos diversificados pode contribuir para alcance de uma maior rentabilidade, haja vista, que a base para construção deste indicador é o resultado operacional que foi maior para os bancos diversificados e, portanto, melhorou o indicador quando comparado aos bancos das montadoras, que possuem uma carteira de produtos não diversificada.

Rentabilidade do Ativo Total - Análise Descritiva do Período de 2007 a 2011, conforme resultados da Tabela A13

Em 2007 o banco Ford apresentou o maior índice 0.07 e o banco Fidis o menor índice - 0,04. No ano de 2008 somente os bancos Fidis, PSA e Renault apresentaram aumento do indicador, os demais bancos reduziram ou mantiveram o mesmo índice.

No ano de 2009 apenas o banco Fidis evidenciou aumento no índice os demais bancos apresentaram reduções ou mantiveram os mesmos índices do ano anterior. Em 2010 os bancos Mercedes Benz, Toyota e Volvo apresentaram aumento do índice, em relação ao ano anterior.

No ano de 2011 somente o banco PSA demonstrou aumento no índice, os demais apresentaram reduções ou mantiveram os mesmos índices do ano de 2010.

Verifica-se que os bancos mantiveram-se estáveis em relação ao indicador de rentabilidade do ativo total no período de 2007 a 2011, pois poucos bancos apresentaram aumentos nos índices, a maioria dos bancos apresentaram reduções ou mantiveram os mesmos índices de períodos anteriores.

Rentabilidade do Ativo Total - Análise da Aplicação do Teste *t* de *Student* para o Período de 2007 a 2011

A análise deste indicador demonstrou que os bancos das montadoras proporcionaram na média, 0,02 de retorno líquido sobre o total de ativos, desta

forma, demonstraram uma média superior aos bancos diversificados que apresentaram 0,01.

Diante das análises dos indicadores econômico-financeiros verifica-se que embora haja concentração da carteira dos bancos das montadoras, o desempenho dos mesmos não é afetado quando comparados aos bancos diversificados, que possuem uma carteira variada de produtos.

Observa-se, por meio da aplicação do teste *t*, que além de confirmar a existência de diferenças significativas entre os indicadores dos bancos diversificados e dos bancos das montadoras, no período de 2007 a 2011, pode-se também evidenciar um desempenho superior dos bancos das montadoras em relação aos bancos diversificados, pois dos 13 indicadores analisados em apenas 1, o índice de rentabilidade operacional, apresentou desempenho inferior aos bancos diversificados.

4.2 Análise das Diferenças Significativas do Teste *t* de *Student* por Período

Nesta seção apresentam-se as análises dos resultados de forma anual, de 2007 a 2011, acerca do desempenho dos bancos das montadoras e dos bancos diversificados.

Para obtenção dos resultados anuais foi utilizada a mesma amostra demonstrada na Tabela 2. Em seguida os dados foram processados pelo *software SPSS*, versão 13.0, para então verificar quais os indicadores que apresentaram nível de significância menor que 0,05 e, portanto, apresentaram diferenças significativas a serem analisadas.

Ressalta-se que nas Tabelas os bancos das montadoras estão identificados na coluna “Tipo” por 0 e os bancos diversificados identificador por 1.

4.2.1. Análise das Diferenças Significativas 2007

A Tabela 4 demonstra os indicadores que apresentaram diferenças significativas no desempenho dos bancos no ano de 2007.

Tabela 4: Teste t para diferença de médias dos bancos das montadoras e bancos diversificados para o ano de 2007

| Índice | Tipo | Média | Desvio Padrão | Significância | Test t |
|--------------|------|-------|---------------|---------------|--------|
| pclid | 0 | 2,198 | 0,992 | 0,00 | -3,63 |
| | 1 | 4,648 | 1,737 | | -3,16 |
| desppclid | 0 | 0,011 | 0,015 | 0,03 | -2,42 |
| | 1 | 0,029 | 0,013 | | -2,50 |
| desppclidspl | 0 | 0,065 | 0,067 | 0,02 | -2,71 |
| | 1 | 0,184 | 0,109 | | -2,40 |

Fonte: Elaborado pela autora

Verifica-se na Tabela 4 que durante o período de 2007 três indicadores econômico-financeiros apresentaram diferenças significativas. Evidencia-se que os bancos diversificados apresentaram médias maiores que os bancos das montadoras, contudo, a interpretação destes índices menciona que quanto menor, melhor. Sendo assim, os bancos de montadoras apresentaram um desempenho superior aos bancos diversificados no ano de 2007.

4.2.2. Análise das Diferenças Significativas 2008

A Tabela 5 mostra os indicadores que apresentaram diferenças significativas no desempenho dos bancos no ano de 2008.

Tabela 5: Teste t para diferença de médias dos bancos de montadoras e bancos diversificados para o ano de 2008

| Índice | Tipo | Média | Desvio Padrão | Significância | Test t |
|-----------|------|-------|---------------|---------------|--------|
| pclid | 0 | 2,205 | 0,984 | 0,01 | -3,08 |
| | 1 | 4,649 | 2,204 | | -2,57 |
| desppclid | 0 | 0,015 | 0,010 | 0,01 | -3,03 |
| | 1 | 0,032 | 0,012 | | -2,87 |
| rentop | 0 | 0,096 | 0,097 | 0,03 | -2,42 |
| | 1 | 0,234 | 0,133 | | -2,23 |

Fonte: Elaborado pela autora

Observa-se, na Tabela 5, que três indicadores apresentam diferenças significativas e os indicadores econômico-financeiros evidenciaram que os bancos das montadoras apresentaram um desempenho superior aos bancos diversificados, que demonstraram resultado superior apenas no índice rentabilidade operacional.

4.2.3. Análise das Diferenças Significativas 2009

A Tabela 6 demonstra os indicadores que apresentaram diferenças significativas no desempenho dos bancos no ano de 2009.

Tabela 6: Teste *t* para diferença de médias dos bancos de montadoras e bancos diversificados para o ano de 2009

| Índice | Tipo | Média | Desvio Padrão | Significância | Test <i>t</i> |
|-------------|------|-------|---------------|---------------|---------------|
| pclid | 0 | 2,635 | 1,569 | 0,00 | -3,77 |
| | 1 | 6,191 | 2,218 | | -3,44 |
| desppclid | 0 | 0,018 | 0,015 | 0,00 | -3,36 |
| | 1 | 0,047 | 0,019 | | -3,19 |
| partdespadm | 0 | 0,117 | 0,062 | 0,01 | -2,88 |
| | 1 | 0,221 | 0,083 | | -2,66 |

Fonte: Elaborada pela autora

Evidencia-se, na Tabela 6, que no ano de 2009 três indicadores econômico-financeiros apresentaram diferenças significativas entre os bancos das montadoras e os bancos diversificados. Verifica-se que os bancos das montadoras apresentam um desempenho superior aos bancos diversificados nos 3 indicadores.

4.2.4. Análise das Diferenças Significativas 2010

A Tabela 7 apresenta os indicadores que evidenciaram diferenças significativas no desempenho dos bancos no ano de 2010.

Tabela 7: Teste *t* para diferença de médias dos bancos de montadoras e bancos diversificados para o ano de 2010

| Índice | Tipo | Média | Desvio Padrão | Significância | Test <i>t</i> |
|-------------|------|--------|---------------|---------------|---------------|
| capgirprop | 0 | 0,582 | 0,865 | 0,03 | 2,38 |
| | 1 | -0,554 | 1,018 | | 2,28 |
| grimobpl | 0 | 0,442 | 0,855 | 0,03 | -2,35 |
| | 1 | 1,554 | 1,018 | | -2,24 |
| pclid | 0 | 2,118 | 1,130 | 0,00 | -3,39 |
| | 1 | 4,668 | 1,904 | | -2,98 |
| desppclid | 0 | 0,010 | 0,011 | 0,01 | -3,19 |
| | 1 | 0,032 | 0,017 | | -2,84 |
| partdespadm | 0 | 0,133 | 0,063 | 0,02 | -2,72 |
| | 1 | 0,222 | 0,064 | | -2,71 |

Fonte: Elaborada pela autora

No ano de 2010 foram cinco os indicadores que apresentaram diferenças significativas. Os bancos das montadoras apresentam desempenho superior aos bancos diversificados em todos os indicadores.

4.2.5. Análise das Diferenças Significativas 2011

A Tabela 8 apresenta os indicadores que evidenciaram diferenças significativas no desempenho dos bancos no ano de 2011.

Tabela 8: Teste t para diferença de médias dos bancos de montadoras e bancos diversificados para o ano de 2011

| Índice | Tipo | Média | Desvio Padrão | Significância | Test t |
|-------------|------|--------|---------------|---------------|--------|
| captercsat | 0 | 0,860 | 0,058 | 0,01 | -2,43 |
| | 1 | 0,923 | 0,032 | | -2,80 |
| capgirprop | 0 | 0,740 | 0,516 | 0,01 | 2,93 |
| | 1 | -0,493 | 1,176 | | 2,43 |
| grimobpl | 0 | 0,354 | 0,549 | 0,02 | -2,66 |
| | 1 | 1,493 | 1,176 | | -2,23 |
| pclld | 0 | 2,400 | 1,632 | 0,02 | -2,66 |
| | 1 | 4,780 | 1,897 | | -2,56 |
| desppclld | 0 | 0,015 | 0,011 | 0,01 | -3,05 |
| | 1 | 0,037 | 0,019 | | -2,65 |
| margop | 0 | 0,091 | 0,104 | 0,04 | 1,87 |
| | 1 | 0,011 | 0,008 | | 2,44 |
| partdespadm | 0 | 0,127 | 0,049 | 0,03 | -2,51 |
| | 1 | 0,195 | 0,057 | | -2,41 |
| liqger | 0 | 1,109 | 0,116 | 0,03 | 2,47 |
| | 1 | 0,976 | 0,079 | | 2,72 |

Fonte: Elaborada pela autora

No ano de 2011 foram oito os indicadores que apresentaram diferenças significativas. Os bancos das montadoras evidenciaram, na média, desempenho superior aos bancos diversificados em todos os indicadores.

Observa-se na análise anual das diferenças significativas que nos anos de 2007 a 2009, ocorreram diferenças significativas entre os bancos diversificados e das montadoras em 3 indicadores, dos quais 2 indicadores mantiveram-se presentes nos 3 anos (PCLD e despesa PCLD).

No ano de 2010 ressalta-se a presença de 5 indicadores com diferenças significativas, cujo número aumentou para 8 indicadores em 2011 o que evidencia que nos últimos 2 anos analisados, os bancos tornaram-se mais diferentes em relação ao seu desempenho.

Constata-se, por meio das análises ano a ano, que assim como na análise das médias para o período total de 2007 a 2011, os bancos das montadoras evidenciaram um desempenho superior aos bancos diversificados em todos os indicadores econômico-financeiros analisados, com exceção do indicador rentabilidade operacional.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi motivada pela expansão do crédito no Brasil, especificamente do financiamento de veículos e seu impacto no desempenho para um segmento específico de mercado: os bancos das montadoras. Partiu-se do pressuposto que a concentração da carteira dos bancos das montadoras poderia evidenciar diferenças no desempenho de seus indicadores econômico-financeiros quando comparados aos bancos com carteira diversificada.

Sendo assim, o objetivo geral do estudo foi identificar se a concentração de crédito em financiamento de veículos dos bancos das montadoras está associada à *diferença* no desempenho dos indicadores econômico-financeiros, quando comparado aos bancos com carteira diversificada.

A partir do objetivo geral foram delimitados os objetivos específicos que propuseram calcular e apresentar os indicadores econômico-financeiros dos bancos das montadoras e dos bancos com carteira diversificada no período de 2007 a 2011, assim como, identificar e analisar as diferenças no desempenho dos bancos com carteira diversificada e dos bancos das montadoras, por meio de aplicação de modelo estatístico test *t* de *Student*.

A abordagem do referencial teórico permitiu constatar a importância das instituições financeiras na atividade econômica do país, a sua sólida estrutura, os seus órgãos regulamentadores, sua estrutura contábil, assim como suas peculiaridades de funções e risco de crédito. Foi possível apresentar e caracterizar os bancos diversificados e os bancos das montadoras como bancos múltiplos, porém, com diferenças, pois os bancos das montadoras não possuem carteira comercial, portanto, não podem realizar operações com depósitos à vista.

Verificou-se que a expansão do crédito, em geral, no Brasil ocorreu a partir de 2003, com destaque para o ano de 2009 ao atingir 49% de participação no PIB. Contudo, a expansão do crédito destinado ao financiamento de veículos torna-se expressiva a partir de 2007 em consequência do desenvolvimento e expansão do setor automobilístico no país. No ano de 2008, mesmo diante da crise internacional, o crédito destinado ao financiamento de veículos continuou a crescer, principalmente devido a medidas anticíclicas do governo.

Sendo assim, diante das discussões abordadas nesta dissertação, da aplicação do Test t e da análise dos resultados foi possível responder a questão deste estudo: a concentração de crédito em financiamento de veículos dos bancos das montadoras está associada a diferenças significativas no desempenho dos indicadores econômico-financeiros, quando comparado aos bancos diversificados.

A exclusividade e a concentração das operações de financiamento em veículos dos bancos das montadoras lhes conferem algumas características que contribuíram para associar a sua especificidade à presença de diferenças significativas nos indicadores, assim como maior desempenho quando comparado aos bancos diversificados.

Destaca-se a análise dos indicadores da categoria qualidade de risco da carteira de crédito, pois se constatou a associação da carteira concentrada de crédito dos bancos das montadoras na constituição da PCLD, pois uma carteira menor, não diversificada diminui riscos e, portanto, constitui-se uma PCLD menor, o que justifica o desempenho superior dos bancos das montadoras em relação aos bancos diversificados nesta categoria de indicadores.

Constatou-se, por meio da análise do Teste t , que ocorreram diferenças significativas nos indicadores dos bancos das montadoras quando comparados aos bancos diversificados. Desta forma, a pesquisa comprovou a hipótese H1: os indicadores econômico-financeiros, durante o período de 2007 a 2011, evidenciam diferenças de desempenho entre os bancos de montadoras e bancos com carteira diversificada.

Conclui-se que os bancos das montadoras além de demonstrarem diferenças significativas nos indicadores mostraram que, apesar de concentrar suas operações de crédito em financiamento de veículos, apresentaram maior desempenho do que os bancos diversificados em 12 dos 13 indicadores analisados, o que representa 92%. Assim, evidencia-se que a concentração das operações de crédito dos bancos das montadoras não significa baixo desempenho nos indicadores para estas instituições financeiras.

As limitações da pesquisa foram relacionadas à diversidade de indicadores econômico-financeiros disponíveis e algumas diferenças existentes em suas fórmulas; a dificuldade de comparar alguns indicadores devido a contas específicas dos bancos diversificados e dos bancos das montadoras, o que inviabilizou a

comparação de alguns indicadores, Ressalta-se também a escassez de estudos relacionados aos bancos das montadoras e indicadores específicos para o setor bancário.

Desta forma, acredita-se que a contribuição prática desta dissertação abre espaço na pesquisa acadêmica para outras abordagens da discussão proposta neste estudo, principalmente com foco nos bancos das montadoras.

Como sugestão para futuras pesquisas recomenda-se apresentar o desempenho relacionado às estratégias das instituições financeiras, comparar o desempenho dos bancos das montadoras no Brasil e no exterior, realização de uma análise longitudinal, assim como a utilização de outras técnicas estatísticas para exploração dos dados.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Gustavo Varela; ALVES, Patrick Franco; SANTOS, Carolina Fernandes dos; NEGRI, Fernanda De; CAVALCANTE, Luiz Ricardo; PASSOS, Maria Cristina. Políticas Anticíclicas na Indústria Automobilística: Uma Análise de Cointegração dos Impactos da Redução do IPI sobre as Vendas de Veículos. **Textos para Discussão, 1512. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, IPEA.** Rio de Janeiro, outubro, 2010.

ANDRADE, André Pino da Silva. **Avaliação da Recente Expansão do Crédito no Brasil: Boom ou Crescimento Sustentável?** Dissertação (Mestrado em Ciências) - Universidade de São Paulo, Departamento de Economia da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, São Paulo, 2012.

ANEF- Associação Nacional das Empresas Financeiras das Montadoras. Disponível em: <<http://www.anef.com.br>>. Acesso em: 13/11/2012.

ANFAVEA -. Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores. **Anuário da Indústria Automobilística Brasileira 2011.** Disponível em: <<http://www.virapagina.com.br/anfavea2012/>>. Acesso em: 28/11/2012.

ASSAF NETO, Alexandre. **Mercado Financeiro.** 11. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

_____. **Estrutura e análise de balanços:** um enfoque econômico-financeiro. 9. ed. São Paulo: Atlas2010.

_____. **Curso de Administração Financeira.** 2. ed. São Paulo :Atlas, 2011

BACEN - Banco Central do Brasil. **Relatório de Economia Bancária e Crédito 2009.** Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/pec/depep/spread/REBC2009.pdf>>. Acesso em: 13/08/2012.

_____. **Relatório de Estabilidade Financeira. Março 2012.** Volume 11. Número 1. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br>>. Acesso em: 03/07/2012.

_____. **Quantitativo de Instituições por Segmento.** Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/htms/deorf/d201201/Quadro%2001%20-%20Quantitativo%20de%20instituições%20por%20segmento.pdf>>. Acesso em: 12/11/12.

_____. **Normas do Sistema Financeiro Cosif. Normas Básicas Princípios Gerais.** Disponível em: <<http://www4.bcb.gov.br/NXT/gateway.dll?f=templates&fn=default.htm&vid=nmsDenorCosif:ldvDenorCosif>>. Acesso em: 16/08/13.

_____. **Nota para a Imprensa de Política Monetária e Operações de Crédito Nova estrutura de dados de crédito – Nota Metodológica.** Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/ftp/infecon/notaempr.pdf>>. Acesso em: 17/08/2013.

_____. **Resolução 2.682/99. Critérios de classificação das operações de crédito e regras para constituição de Provisão para Créditos de Liquidação Duvidosa.** Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/pre/normativos/busca/normativo.asp?tipo=res&ano=1999&numero=2682>>. Acesso em: 03 jul.12.

_____. **Resolução 2.697/00. Critérios de classificação das operações de crédito e divulgação de informações em nota explicativa às demonstrações financeiras.** Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br>>. Acesso em: 03 jul.12.

Banco CNH. **Histórico.** Disponível em: <<http://www.cnhcapital.com/brazil/pt/Pages/HISTORICO.aspx>>. Acesso em: 10/11/12.

Banco Fiat. **Quem Somos.** Disponível em: <<http://www.bancofiat.com.br/>>. Acesso em: 11/11/12.

Banco Fidis. **Institucional.** Disponível em: <<http://www.bancofidis.com.br/>>. Acesso em: 11/11/12.

Banco Ford. **O Banco Ford.** Disponível em: <http://www.bancoford.com.br/banco_ford.asp>. Acesso em: 11/11/2012

Banco Gmac. **Institucional.** Disponível em: <<http://homebank.bancogmac.com.br/homebank/historico.jsp#hbTop>> Acesso em: 11/11/12.

Banco Iveco. **Institucional.** Disponível em: <<http://www.ivecocapital.com.br/institucional.aspx>>. Acesso em 11/11/12.

Banco Mercedes-Benz. **Uma história de sucessos.** Disponível em: <<http://www.bancomercedes-benz.com.br/o-banco-mercedes-benz/Paginas/historia.aspx>>. Acesso em 10/11/2012.

Banco PSA. **Financiamento banco Peugeot.** Disponível em: <<http://carros.peugeot.com.br/financiamento-banco-peugeot-677/>>. Acesso em: 11/11/12.

Banco Scania. **Soluções Financeiras.** Disponível em: <<http://www.scania.com.br/solucoes-financeiras/scania-banco/>>. Acesso em 10/11/12.

Banco Toyota. **Quem Somos.** Disponível em: <http://www.bancotoyota.com.br/ToyotaB2C/portugues/quem_somos_nossa_historia.jsp>. Acesso em 11/11/12.

Banco Volvo. **Quem Somos.** Disponível em: <<http://www.vfsc.com/financialservices/brazil/pt-br/financiamentos/Pages/planosfinanciamento.aspx>>. Acesso em 10/11/12.

BERK, Jonathan; DEMARZO Peter. **Finanças Empresariais**. Porto Alegre: Bookman Editora, 2009.

BEZERRA, Francisco Antônio; CORRAR, Luiz J. Utilização da Análise Fatorial na Identificação dos Principais Indicadores para Avaliação do Desempenho Financeiro: Uma aplicação nas Empresas de Seguros. **Revista Contabilidade e Finanças-USP**, São Paulo, • n. 42 • p. 50 - 62 • Set./Dez. 2006.

BODIE, Zvi.; MERTON, Robert C. **Finanças**. 1ª.ed. Porto Alegre: Bookman Editora, 2002.

BORGES, Rodrigo de Andrade; ROSALEM, Vagner; PEREIRA, Vinícius Silva. Análise dos índices de desempenho do setor bancário do Brasil e dos Estados Unidos antes, durante e após a crise financeira mundial de 2008: uma análise comparativa. **I Encontro das Faculdades de Gestão e Negócios Novas Fronteiras Tecnológicas da Gestão**. Minas Gerais, junho/2011.

BORGHI, Roberto Alexandre Zanchetta. **Economia financeira e economia produtiva**: o padrão de financiamento da indústria automobilística. 2011. 200f. Dissertação (Mestrado em Ciências Econômicas) - Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Economia, UNICAMP, Campinas, 2011.

BRAGA, Roberto. **Análise Avançada do Capital de Giro**. Caderno de Estudos nº 3, São Paulo, FIPECAFI – Setembro/1991.

BRASIL. Lei 11.638, de 28 de dezembro de 2007. **Altera e revoga dispositivos da Lei nº 6.404, de 15 de dezembro de 1976, e da Lei nº 6.385, de 7 de dezembro de 1976, e estende às sociedades de grande porte disposições relativas à elaboração e divulgação de demonstrações financeiras**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/lei/l11638.htm>. Acesso em: 12/08/2013.

BRIGHAM, Eugene F.; HOUSTON, Joel F. **Fundamentos da moderna administração financeira**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

BRUNI, Adriano Leal. **Mercados Financeiros**: para a certificação profissional ANBID 10. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

CAMARGO JÚNIOR, Alceu Salles, MATIAS, Alberto Borges, MARQUES. Desempenho dos Bancos Comerciais e Múltiplos de Grande Porte no Brasil, Argentina e México" - XXXIX CLADEA - **Consejo Latinoamericano de Escuelas de Administración, 2004, Puerto Plata**. Disponível em: http://www.cepefin.com.br/publicados_pdf/desempenho_dos_bancos_comerciais_e_multiplos_de_grande_porte_no_brasil_argentina_e_mexico_cladea_2004.pdf. Acesso em: 12/08/2013.

CAMARGOS, Marcos Antônio de; BARBOSA, Francisco Vidal Análise do Desempenho Econômico-Financeiro e da Criação de Sinergias em Processos de Fusões e Aquisições do Mercado Brasileiro Ocorridos entre 1995 e 1999. **Caderno**

de Pesquisas em Administração USP, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 99-115, abril/junho 2005.

CAOQUETTE, John B.; ALTMAN, Edward I.; NARAYANAN, Paul. **Gestão do risco de crédito: o próximo grande desafio financeiro**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1999.

COOPER, Donald R.; SCHINDLER, Pamela S. **Métodos de pesquisa em Administração**. 10. ed. Porto Alegre: Bookman, 2011.

CORREA, Paula Rachel Rabelo; DE PAULA, Luiz Fernando Rodrigues; OREIRO, José Luis da Costa; BASÍLIO, Flávio A. C. **A Estrutura do Setor Bancário Brasileiro e o Ciclo Recente de Expansão do Crédito: O Papel dos Bancos Públicos**. Disponível em:

<http://www.anpec.org.br/encontro2010/inscricao/arquivos/000-22dde5ba072ede09d99837a4eea5973c.pdf>. Acesso em: 11/03/06/2013.

COUTINHO, Eduardo Senra; AMARAL, Hudson Fernandes. Abertura ao Capital Estrangeiro e Desempenho no Setor Bancário. Brasileiro no Período de 2001/2005. **Revista RAE-eletrônica**, v. 9, n. 1, Art. 4, jan./jun. 2010. Disponível em:

<http://www.rae.com.br/electronica/index.cfm?FuseAction=Artigo&ID=5591&Secao=ARTIGOS&Volume=9&Numero=1&Ano=2010>. Acesso em: 12/08/2013.

DONELIAN, Marcelo Sarkis. **Impacto das Medidas Macroprudenciais no Brasil: o caso da concessão de financiamento de veículos para pessoas físicas entre 2001 e 2012**. 67 f. Dissertação (Mestrado em Macroeconomia Financeira) - Fundação Getúlio Vargas, Escola de Administração de Empresas de São Paulo, São Paulo, 2012.

FEBRABAN – Federação Brasileira de Bancos. **Introdução à análise de instituições financeiras**. São Paulo: IBCB, 1990. Caderno 18.

FREUND, John E.; SIMON, Gay A. **Estatística Aplicada: economia, administração e contabilidade**. Tradução Alfredo Alves de Farias. 11. ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.

FORTUNA, Eduardo. **Mercado Financeiro: produtos e serviços**. 16. ed. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2007.

GABRIEL, Luciano F.; SCHENEIDER, Ariane H.; SKROBOT, Fabiana C. C.; SOUZA, Marília de. Uma Análise da Indústria Automobilística no Brasil e a Demanda de Veículos Automotores: Algumas Evidências para o período recente. **IV Encontro Internacional da Associação Keynesiana Brasileira (AKB)**. De 3 a 5 de agosto de 2011, Rio de Janeiro/RJ. Disponível em: <<http://www.ppge.ufrgs.br/akb/encontros/2011/05.pdf>>. Acesso em: 11/03/2013.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

HAJJ, Said El, Zaina. **Evolução e Desempenho dos Bancos durante o Plano Real**. Tese (Doutorado em Ciências Contábeis). Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.

CARNEIRO JUNIOR, João Bosco Arbués; WATANABE, Sergio Henrique Eiti . MARQUES, Jose Augusto Veiga da Costa. KUBRUSLY, Lucia Silva. **Provisões para Operações de Crédito das Instituições Financeiras no Brasil: Um estudo dos Efeitos Contábeis das Alterações Normativas do Conselho Monetário Nacional, no período de 1995 a 2005**. Disponível em <http://www.congressosp.fipecafi.org/artigos82008/131.pdf>. Acesso em 03/09/2012.

KIDWELL, David S., BLACKWELL, David W., WHIDBEE, David A., PETERSON, Richard L. **Financial Institutions, Markets, and Money**. Estados Unidos: John Wiley and Sons, INC, 2008.

KUBOTA, Carlos Teruyo. **O Papel do Banco Toyota na Estratégia da Montadora Toyota**. 2012. 92 f. Dissertação (Mestrado em Administração de Empresas) - Fundação Getúlio Vargas, Escola de Administração de Empresas de São Paulo, São Paulo, 2012.

LUPPE, Marcos Roberto. **Evidências da Sofisticação do Padrão de Consumo dos domicílios brasileiros**: uma análise das Cestas de Produtos de Consumo Doméstico. 2010. 231 f. Tese (Doutorado em Administração de Empresas) - Universidade de São Paulo. Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade. São Paulo, 2010.

MACEDO, Marcelo Álvaro da Silva; SANTOS, Rodrigo Melo; SILVA, Fabrícia de Farias. Desempenho Organizacional no Setor Bancário Brasileiro: Uma aplicação da análise envoltória de dados. **Revista de Administração Mackenzie**. v.7, n.1,p.11-44. São Paulo, 2006.

MARION, José Carlos. **Análise das demonstrações contábeis**: contabilidade empresarial. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTINS, Bruno, S. Estrutura de Mercado Local e Competição Bancária: evidências no mercado de financiamento de veículos. **Relatório de Economia Bancária e Crédito do Banco Central do Brasil**, 2011.

MARTINS, Eliseu. Análise Crítica de balanços Parte I. **Boletim IOB: Temática Contábil e Balanços**. São Paulo: no. 26, 2005.

MARTINS, Gilberto de Andrade. **Estatística Geral e Aplicada**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MARTINS, Gilberto de Andrade; THEÓPHILO, Carlos Renato. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. São Paulo: Atlas, 2007.

MARTINS, Tomás Sparano; KATO, Heitor Takashi; CRUZ, June Alisson Westarb; DA SILVA, Wesley Vieira; DAMIÃO, Eduardo da Silva. Análise de Grupos

Estratégicos e Desempenho na Indústria de Bancos Comerciais no Brasil. **RCO-Revista de Contabilidade e Organizações. FEA-RP/USP**, v. 4, n. 9, p. 100-125, mai-ago 2010.

MATARAZZO, Dante Carmine. **Análise financeira de balanços**: abordagem básica e gerencial. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MAYER, Thomas; DUESENBERY, James S.; ALIBER, Robert Z. **Moedas, Bancos e a Economia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1993.

MIRANDA, Vanessa Lopes. **Impacto da adoção das IFRS (International Financial Reporting Standards) em indicadores econômico-financeiros de bancos de alguns países da União Européia**. São Paulo, 2008. 107 p. Dissertação (Mestrado em Contabilidade) - Universidade de São Paulo, 2008.

NAKAMURA, Wilson Toshiro ; MARTINS, Diogenes Manoel Leiva; FORTE, Denis; CARVALHO FILHO , Antônio Francisco de; COSTA, André Castilho Ferreira da; AMARAL, Alexandre Cintra do. Determinantes de Estrutura de Capital no Mercado Brasileiro: Análise de Regressão com Painel de Dados no Período de 1999-2003. **Revista Contabilidade e Finanças –USP**, São Paulo, n. 44,p. 72-85, Maio/Agosto 2007.

NIYAMA, Jorge Katsumi; GOMES, Amaro L. Oliveira. **Contabilidade de Instituições Financeiras**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

OLIVEIRA. Vanessa Herculano de. **Operações com títulos e valores imobiliários: impacto sobre os principais índices econômico-financeiros de bancos atuantes no Brasil**. 2011. 132 f. Dissertação (Mestrado Ciências Contábeis) - Universidade de São Paulo Departamento de Contabilidade e Atuária, São Paulo, 2011.

RAUPP, Fabiano Maury; BEUREN, Ilse Maria. **Metodologia da pesquisa aplicável às ciências sociais**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

RCI Banque. Disponível em: <<http://www.renault.com.br/servicos-financeiros/financiamento/financiamento/financeira-renault/index.jsp>>. Acesso em: 10/11/12.

ROSS, Stephen A. **Administração Financeira**. 2.ed.São Paulo: Atlas, 2002.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F. & LUCIO, P. B. **Metodologia da Pesquisa**. 3. ed. São Paulo: MacGrawHill, 2006.

SANTOS, Odálio dos. **Análise de Crédito: Empresas e Pessoas Físicas**. São Paulo: Atlas, 2000.

SANVICENTE, Antônio Zoratto. **Administração Financeira**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

SAUNDERS, Anthony. **Administração de instituições financeiras**. Tradução Antônio Zoratto Sanvicente. São Paulo: Atlas, 2000.

SILVA, Tarcio Lopes da; NETO, Paulo de Melo Jorge. Economia de Escala e Eficiência nos bancos brasileiros após o Plano Real. Econômicos. **Instituto de Pesquisas Econômicas–USP**, 2002.

THEÓPHILO, Carlos Renato; IUDICIBUS, Sérgio de. As Novas Abordagens Metodológicas na Pesquisa em Contabilidade Gerencial. **Cruzando Fronteiras: Tendência de Contabilidade Directiva para El Siglo XXI**. LEON, ESPANA, DE 4 6 Julho – 2001.

TOMAZONI, Tarcísio; MENEZES, Emílio Araújo. Estimativa do custo de capital de empresas brasileiras de capital fechado (sem comparáveis de capital aberto). **Revista de Administração da Universidade de São Paulo**, v.37, n.4, p.38-48, outubro/dezembro 2002.

APÊNDICE A**INDICADORES ECONÔMICO-FINANCEIROS DE 2007 A 2011**

Tabela A1- Indicador de Liquidez Geral

| BANCOS | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 |
|-----------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| FIAT | 1,70 | 1,61 | 1,04 | 1,14 | 1,01 |
| FIDIS | 1,20 | 1,11 | 1,09 | 1,08 | 1,09 |
| FORD | 1,50 | 1,24 | 1,23 | 1,27 | 1,25 |
| GMAC | 0,74 | 0,55 | 0,55 | 0,68 | 0,88 |
| HONDA | 1,24 | 1,16 | 1,13 | 1,14 | 1,23 |
| MERCEDES BENZ | 1,14 | 1,11 | 1,14 | 1,17 | 1,14 |
| PSA | 1,13 | 1,13 | 1,18 | 1,23 | 1,25 |
| RENAULT | 1,15 | 1,17 | 1,15 | 1,12 | 1,07 |
| TOYOTA | 1,09 | 1,06 | 1,07 | 1,09 | 1,10 |
| VOLVO | 0,97 | 0,90 | 0,94 | 1,01 | 1,07 |
| BANCO DO BRASIL | 1,05 | 1,04 | 1,02 | 1,03 | 1,03 |
| BRADERSCO | 0,99 | 0,93 | 0,91 | 0,91 | 0,93 |
| HSBC | 0,98 | 0,97 | 0,96 | 0,97 | 0,98 |
| ITAÚ | 1,06 | 1,02 | 1,06 | 1,06 | 1,06 |
| SAFRA | 0,99 | 0,99 | 0,94 | 0,98 | 1,01 |
| SANTANDER | 0,96 | 0,94 | 0,93 | 0,92 | 0,92 |

Fonte: Elaborada pela autora

Tabela A2 – Indicador de Liquidez Corrente

| BANCOS | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 |
|-----------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| FIAT | 3,84 | 2,42 | 1,08 | 11,17 | 0,34 |
| FIDIS | 1,35 | 1,55 | 1,49 | 1,78 | 1,51 |
| FORD | 3,99 | 1,89 | 2,51 | 2,45 | 2,22 |
| GMAC | 0,75 | 0,56 | 0,58 | 0,69 | 0,98 |
| HONDA | 1,29 | 1,16 | 1,07 | 1,09 | 1,24 |
| MERCEDES BENZ | 0,67 | 1,00 | 1,17 | 1,30 | 1,18 |
| PSA | 1,29 | 1,41 | 1,37 | 1,15 | 1,26 |
| RENAULT | 1,12 | 1,43 | 0,96 | 1,39 | 1,30 |
| TOYOTA | 1,19 | 1,50 | 1,37 | 1,47 | 2,36 |
| VOLVO | 1,08 | 1,03 | 1,03 | 1,25 | 1,28 |
| BANCO DO BRASIL | 0,75 | 0,77 | 0,73 | 0,78 | 0,86 |
| BRADERSCO | 1,01 | 1,26 | 1,14 | 1,05 | 1,13 |
| HSBC | 1,46 | 1,32 | 1,46 | 1,37 | 1,34 |
| ITAÚ | 0,98 | 1,06 | 0,86 | 1,16 | 0,88 |
| SAFRA | 1,16 | 1,12 | 0,82 | 0,83 | 0,84 |
| SANTANDER | 1,02 | 1,02 | 0,98 | 0,89 | 0,91 |

Fonte: Elaborada pela autora

Tabela A3 – Indicador Grau de Imobilização do Patrimônio Líquido

| BANCOS | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 |
|-----------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| FIAT | 0,24 | 0,23 | 0,25 | 0,24 | 0,95 |
| FIDIS | 0,00 | 0,00 | 0,11 | 0,13 | 0,09 |
| FORD | - | - | - | - | - |
| GMAC | 2,53 | 4,68 | 3,83 | 2,71 | 1,57 |
| HONDA | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,01 |
| MERCEDES BENZ | 0,07 | 0,09 | 0,08 | 0,08 | 0,05 |
| PSA | 0,01 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 |
| RENAULT | 0,01 | 0,01 | 0,00 | 0,00 | 0,00 |
| TOYOTA | 0,17 | 0,17 | 0,31 | 0,21 | 0,11 |
| VOLVO | 1,29 | 2,32 | 1,72 | 1,04 | 0,75 |
| BANCO DO BRASIL | 0,27 | 0,37 | 0,62 | 0,57 | 0,60 |
| BRADESCO | 1,07 | 1,93 | 1,99 | 2,06 | 1,92 |
| HSBC | 1,22 | 1,61 | 1,58 | 1,46 | 1,26 |
| ITAÚ | 3,14 | 2,24 | 2,91 | 3,32 | 3,67 |
| SAFRA | 1,12 | 1,19 | 1,74 | 1,20 | 0,90 |
| SANTANDER | 0,30 | 0,93 | 0,72 | 0,71 | 0,61 |

Fonte: Elaborada pela autora

Tabela A4 – Indicador Capital de Terceiros sobre Ativo Total

| BANCOS | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | | | | | |
|-----------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|------|---|------|---|------|
| FIAT | 0,24 | 0,23 | 0,25 | 0,24 | 0,95 | | | | | |
| FIDIS | 0,83 | 0,90 | 0,90 | 0,91 | 0,91 | | | | | |
| FORD | 0,67 | 0,81 | 0,81 | 0,79 | 0,80 | | | | | |
| GMAC | 0,85 | 0,88 | 0,86 | 0,83 | 0,81 | | | | | |
| HONDA | 0,81 | 0,86 | 0,89 | 0,88 | 0,81 | | | | | |
| MERCEDES BENZ | 0,87 | 0,89 | 0,86 | 0,85 | 0,87 | | | | | |
| PSA | 0,88 | 0,88 | 0,85 | 0,81 | 0,80 | | | | | |
| RENAULT | 0,87 | 0,85 | 0,87 | 0,90 | 0,93 | | | | | |
| TOYOTA | 0,91 | 0,93 | 0,91 | 0,89 | 0,90 | | | | | |
| VOLVO | 0,89 | 0,91 | 0,90 | 0,83 | 0,82 | | | | | |
| BANCO DO BRASIL | 0,93 | 0,94 | 0,94 | 0,93 | 0,93 | | | | | |
| BRADESCO | 0,90 | 0,93 | 0,92 | 0,92 | 0,93 | | | | | |
| HSBC | 0,93 | 0,95 | 0,93 | 0,94 | 0,94 | | | | | |
| ITAÚ | - | 0,22 | - | 0,61 | - | 0,58 | - | 0,46 | - | 0,26 |
| SAFRA | 0,95 | 0,93 | 0,93 | 0,93 | 0,94 | | | | | |
| SANTANDER | 0,92 | 0,76 | 0,82 | 0,84 | 0,86 | | | | | |

Fonte: Elaborada pela autora

Tabela A5 – Indicador Capital de Giro Próprio

| BANCOS | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 |
|-----------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| FIAT | 1,00 | 1,00 | 0,89 | 0,87 | 0,91 |
| FIDIS | 1,00 | 1,00 | 1,00 | 1,00 | 1,00 |
| FORD | 1,00 | 1,00 | 1,00 | 1,00 | 1,00 |
| GMAC | - 1,53 | - 3,68 | - 2,83 | - 1,71 | - 0,57 |
| HONDA | 0,99 | 0,99 | 0,99 | 0,99 | 0,99 |
| MERCEDES BENZ | 0,93 | 0,91 | 0,92 | 0,92 | 0,95 |
| PSA | 0,99 | 1,00 | 1,00 | 1,00 | 1,00 |
| RENAULT | 0,99 | 0,99 | 1,00 | 1,00 | 1,00 |
| TOYOTA | 0,83 | 0,83 | 0,69 | 0,79 | 0,89 |
| VOLVO | - 0,29 | - 1,32 | - 0,72 | - 0,04 | 0,25 |
| BANCO DO BRASIL | 0,73 | 0,63 | 0,38 | 0,43 | 0,40 |
| BRADESCO | - 0,07 | - 0,93 | - 0,99 | - 1,06 | - 0,92 |
| HSBC | - 0,22 | - 0,61 | - 0,58 | - 0,46 | - 0,26 |
| ITAÚ | - 2,14 | - 1,24 | - 1,91 | - 2,32 | - 2,67 |
| SAFRA | - 0,12 | - 0,19 | - 0,74 | - 0,20 | 0,10 |
| SANTANDER | 0,70 | 0,07 | 0,28 | 0,29 | 0,39 |

Fonte: Elaborada pela autora

Tabela A6 – Indicador PCLD sobre Operações de Crédito

| BANCOS | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 |
|-----------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| FIAT | 3,13 | 3,17 | 4,41 | 4,05 | 5,83 |
| FIDIS | 1,25 | 1,69 | 1,49 | 1,82 | 1,80 |
| FORD | 1,61 | 1,35 | 0,90 | 1,05 | 1,37 |
| GMAC | 2,25 | 1,81 | 1,89 | 1,40 | 1,48 |
| HONDA | 3,90 | 3,87 | 4,57 | 3,96 | 4,81 |
| MERCEDES BENZ | 1,49 | 1,53 | 2,25 | 1,76 | 1,59 |
| PSA | 1,28 | 1,33 | 2,17 | 1,69 | 1,73 |
| RENAULT | 2,56 | 2,31 | 2,04 | 1,47 | 0,97 |
| TOYOTA | 1,16 | 1,39 | 1,23 | 1,04 | 1,53 |
| VOLVO | 3,33 | 3,61 | 5,40 | 2,95 | 2,88 |
| BANCO DO BRASIL | 5,55 | 5,07 | 5,32 | 4,19 | 3,77 |
| BRADESCO | 5,23 | 4,64 | 7,31 | 6,14 | 6,03 |
| HSBC | 4,33 | 3,58 | 6,19 | 3,70 | 4,26 |
| ITAÚ | 7,23 | 8,76 | 9,88 | 7,52 | 7,62 |
| SAFRA | 2,54 | 3,09 | 3,42 | 2,11 | 2,12 |
| SANTANDER | 3,00 | 2,74 | 5,02 | 4,34 | 4,88 |

Fonte: Elaborada pela autora

Tabela A7 – Indicador Despesa PCLD sobre Operações de Crédito

| BANCOS | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 |
|-----------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| FIAT | 0,03 | 0,03 | 0,04 | 0,03 | 0,04 |
| FIDIS | - 0,00 | 0,01 | 0,00 | 0,01 | 0,01 |
| FORD | - 0,02 | 0,01 | - 0,00 | - 0,00 | 0,01 |
| GMAC | 0,02 | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,01 |
| HONDA | 0,03 | 0,03 | 0,04 | 0,03 | 0,03 |
| MERCEDES BENZ | 0,00 | 0,01 | 0,02 | 0,01 | 0,01 |
| PSA | 0,01 | 0,01 | 0,02 | 0,01 | 0,01 |
| RENAULT | 0,02 | 0,01 | 0,01 | 0,00 | 0,00 |
| TOYOTA | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,01 |
| VOLVO | 0,01 | 0,02 | 0,03 | - 0,01 | 0,01 |
| BANCO DO BRASIL | 0,03 | 0,03 | 0,03 | 0,02 | 0,02 |
| BRADERCO | 0,04 | 0,03 | 0,06 | 0,04 | 0,04 |
| HSBC | 0,05 | 0,04 | 0,06 | 0,03 | 0,04 |
| ITAÚ | 0,02 | 0,05 | 0,06 | 0,05 | 0,07 |
| SAFRA | 0,01 | 0,01 | 0,02 | 0,00 | 0,01 |
| SANTANDER | 0,03 | 0,03 | 0,05 | 0,04 | 0,05 |

Fonte: Elaborada pela autora

Tabela A8 – Indicador Despesa PCLD sobre Patrimônio Líquido

| BANCOS | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 |
|-----------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| FIAT | 0,05 | 0,07 | 0,16 | 0,17 | 0,29 |
| FIDIS | - 0,01 | 0,06 | 0,03 | 0,08 | 0,10 |
| FORD | - 0,04 | 0,03 | - 0,02 | - 0,00 | 0,03 |
| GMAC | 0,08 | 0,07 | 0,05 | 0,05 | 0,05 |
| HONDA | 0,18 | 0,23 | 0,33 | 0,26 | 0,17 |
| MERCEDES BENZ | 0,02 | 0,04 | 0,11 | 0,06 | 0,08 |
| PSA | 0,07 | 0,07 | 0,10 | 0,07 | 0,08 |
| RENAULT | 0,15 | 0,10 | 0,07 | 0,02 | 0,05 |
| TOYOTA | 0,07 | 0,04 | 0,06 | 0,06 | 0,10 |
| VOLVO | 0,06 | 0,21 | 0,34 | - 0,05 | 0,08 |
| BANCO DO BRASIL | 0,23 | 0,29 | 0,32 | 0,19 | 0,18 |
| BRADERCO | 0,14 | 0,17 | 0,24 | 0,15 | 0,16 |
| HSBC | 0,35 | 0,36 | 0,42 | 0,25 | 0,34 |
| ITAÚ | 0,11 | 0,11 | 0,18 | 0,19 | 0,28 |
| SAFRA | 0,05 | 0,07 | 0,08 | 0,02 | 0,08 |
| SANTANDER | 0,22 | 0,06 | 0,12 | 0,12 | 0,15 |

Fonte: Elaborada pela autora

Tabela A9 – Indicador Margem Operacional

| BANCOS | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 |
|-----------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| FIAT | 0,02 | 0,33 | 0,07 | 0,14 | 0,05 |
| FIDIS | - | 0,66 | 0,23 | 0,26 | 0,15 |
| FORD | 0,55 | 0,38 | 0,33 | 0,34 | 0,30 |
| GMAC | 0,15 | 0,04 | 0,07 | 0,07 | 0,15 |
| HONDA | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,01 |
| MERCEDES BENZ | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,21 |
| PSA | 0,06 | 0,13 | 0,06 | 0,07 | 0,02 |
| RENAULT | 0,00 | 0,00 | 0,02 | 0,02 | 0,02 |
| TOYOTA | 0,01 | 0,01 | 0,00 | 0,01 | 0,01 |
| VOLVO | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,00 | 0,01 |
| BANCO DO BRASIL | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,01 |
| BRADESCO | 0,01 | 0,02 | 0,01 | 0,02 | 0,03 |
| HSBC | 0,01 | 0,02 | 0,02 | 0,01 | 0,01 |
| ITAÚ | 0,01 | 0,02 | 0,01 | 0,01 | 0,01 |
| SAFRA | 0,00 | 0,01 | 0,01 | 0,00 | 0,00 |
| SANTANDER | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,01 |

Fonte: Elaborada pela autora

Tabela A10 – Indicador Participação Despesas Administrativas

| BANCOS | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 |
|-----------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| FIAT | 0,16 | 0,15 | 0,05 | 0,09 | 0,10 |
| FIDIS | 0,12 | 0,09 | 0,06 | 0,08 | 0,08 |
| FORD | 0,07 | 0,06 | 0,06 | 0,07 | 0,07 |
| GMAC | 0,21 | 0,16 | 0,15 | 0,17 | 0,15 |
| HONDA | 0,29 | 0,25 | 0,21 | 0,20 | 0,21 |
| MERCEDES BENZ | 0,19 | 0,16 | 0,19 | 0,12 | 0,12 |
| PSA | 0,09 | 0,07 | 0,10 | 0,17 | 0,16 |
| RENAULT | 0,09 | 0,10 | 0,10 | 0,11 | 0,09 |
| TOYOTA | 0,29 | 0,17 | 0,19 | 0,26 | 0,19 |
| VOLVO | 0,07 | 0,07 | 0,06 | 0,07 | 0,10 |
| BANCO DO BRASIL | 0,29 | 0,20 | 0,23 | 0,24 | 0,21 |
| BRADESCO | 0,24 | 0,19 | 0,19 | 0,20 | 0,18 |
| HSBC | 0,32 | 0,26 | 0,27 | 0,29 | 0,27 |
| ITAÚ | 0,21 | 0,15 | 0,17 | 0,20 | 0,16 |
| SAFRA | 0,13 | 0,12 | 0,12 | 0,12 | 0,12 |
| SANTANDER | 0,25 | 0,21 | 0,35 | 0,29 | 0,23 |

Fonte: Elaborada pela autora

Tabela A11 – Indicador Participação com Provisões

| BANCOS | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 |
|-----------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| FIAT | 0,14 | 0,18 | 0,11 | 0,15 | 0,24 |
| FIDIS | - 0,01 | 0,07 | 0,02 | 0,08 | 0,08 |
| FORD | - 0,06 | 0,05 | - 0,03 | - 0,01 | 0,04 |
| GMAC | 0,06 | 0,04 | 0,03 | 0,03 | 0,04 |
| HONDA | 0,13 | 0,15 | 0,17 | 0,14 | 0,13 |
| MERCEDES BENZ | 0,02 | 0,04 | 0,15 | 0,10 | 0,11 |
| PSA | 0,05 | 0,04 | 0,09 | 0,07 | 0,08 |
| RENAULT | 0,11 | 0,09 | 0,06 | 0,01 | 0,03 |
| TOYOTA | 0,04 | 0,02 | 0,04 | 0,04 | 0,05 |
| VOLVO | 0,04 | 0,11 | 0,20 | - 0,05 | 0,09 |
| BANCO DO BRASIL | 0,10 | 0,11 | 0,14 | 0,10 | 0,09 |
| BRADESCO | 0,09 | 0,09 | 0,14 | 0,09 | 0,08 |
| HSBC | 0,12 | 0,12 | 0,16 | 0,10 | 0,13 |
| ITAÚ | 0,04 | 0,09 | 0,11 | 0,11 | 0,12 |
| SAFRA | 0,02 | 0,03 | 0,04 | 0,01 | 0,04 |
| SANTANDER | 0,11 | 0,11 | 0,22 | 0,15 | 0,15 |

Fonte: Elaborada pela autora

Tabela A12 – Indicador Rentabilidade Operacional

| BANCOS | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 |
|-----------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| FIAT | 0,01 | 0,13 | 0,11 | 0,17 | 0,06 |
| FIDIS | - 0,32 | 0,19 | 0,34 | 0,18 | 0,19 |
| FORD | 0,32 | 0,25 | 0,23 | 0,25 | 0,23 |
| GMAC | 0,20 | 0,07 | 0,12 | 0,10 | 0,22 |
| HONDA | 0,02 | 0,02 | 0,03 | 0,03 | 0,01 |
| MERCEDES BENZ | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,16 |
| PSA | 0,11 | 0,23 | 0,07 | 0,07 | 0,02 |
| RENAULT | 0,00 | 0,00 | 0,02 | 0,03 | 0,04 |
| TOYOTA | 0,01 | 0,02 | 0,01 | 0,01 | 0,01 |
| VOLVO | 0,02 | 0,03 | 0,02 | 0,01 | 0,01 |
| BANCO DO BRASIL | 0,19 | 0,20 | 0,23 | 0,22 | 0,17 |
| BRADESCO | 0,19 | 0,27 | 0,18 | 0,35 | 0,42 |
| HSBC | 0,25 | 0,41 | 0,32 | 0,26 | 0,22 |
| ITAÚ | 0,23 | 0,35 | 0,15 | 0,15 | 0,16 |
| SAFRA | 0,08 | 0,09 | 0,11 | 0,03 | 0,04 |
| SANTANDER | 0,19 | 0,08 | 0,10 | 0,07 | 0,07 |

Fonte: Elaborada pela autora

Tabela A13 – Indicador Rentabilidade do Ativo Total

| BANCOS | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 |
|-----------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| FIAT | 0,05 | 0,05 | 0,01 | 0,01 | 0,01 |
| FIDIS | - 0,04 | 0,02 | 0,03 | 0,01 | 0,01 |
| FORD | 0,07 | 0,04 | 0,03 | 0,03 | 0,03 |
| GMAC | 0,03 | 0,02 | 0,02 | 0,02 | 0,03 |
| HONDA | 0,03 | 0,02 | 0,02 | 0,02 | 0,03 |
| MERCEDES BENZ | 0,01 | 0,01 | 0,00 | 0,01 | 0,01 |
| PSA | 0,01 | 0,02 | 0,01 | 0,00 | 0,02 |
| RENAULT | 0,02 | 0,03 | 0,03 | 0,03 | 0,02 |
| TOYOTA | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,02 | 0,01 |
| VOLVO | 0,03 | 0,01 - | 0,00 | 0,03 | 0,02 |
| BANCO DO BRASIL | 0,02 | 0,02 | 0,02 | 0,02 | 0,02 |
| BRADESCO | 0,03 | 0,02 | 0,02 | 0,02 | 0,02 |
| HSBC | 0,02 | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,01 |
| ITAÚ | 0,01 - | 0,00 | 0,01 | 0,01 | 0,01 |
| SAFRA | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,01 |
| SANTANDER | 0,02 | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,01 |

Fonte: Elaborada pela autora